

Hemerson Jean Cardoso dos Santos

**O AUTOCONHECIMENTO NA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ:  
LUZES PARA UMA AUTÊNTICA VIVÊNCIA DA IDENTIDADE  
PRESBITERAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Teologia da  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Bacharel  
em Teologia.

Orientador: Prof. Ms. Edimar Fernando  
Moreira.

Florianópolis  
2021

Santos, Hemerson Jean Cardoso dos

O autoconhecimento na espiritualidade cristã: luzes para uma autêntica vivência da identidade presbiteral / Hemerson Jean Cardoso dos Santos; Orientador: Edimar Fernando Moreira; Florianópolis, SC, 2021.

114 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Autoconhecimento
2. Espiritualidade
3. Amadurecimento
4. Identidade Presbiteral. II. Título.

Hemerson Jean Cardoso dos Santos

**O AUTOCONHECIMENTO NA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ:  
LUZES PARA UMA AUTÊNTICA VIVÊNCIA DA IDENTIDADE  
PRESBITERAL**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 01 de julho de 2021.

---

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Ms. Edimar Fernando Moreira  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Orientador

---

Prof. Ms. Luciano dos Santos  
Avaliador

---

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador



Dedico este trabalho, em primeiro lugar, a Deus, meu amor maior, meu sentido e direção. Ele me escolheu não por meus méritos, mas por seu inigualável e inefável amor. Capacitou-me para ir além do que eu mesmo esperava, surpreendendo-me, com seus golpes de amor. À Santíssima Maria, mãe da ternura, e seu esposo São José. À santa mãe Igreja Católica Apostólica Romana. Aos seminaristas do propedêutico menor de Joinville.



## AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão a este Deus imenso e criador, autor da vida e do amor, por esta nova obra realizada em minha vida, possibilitando testificar com esse trabalho todo o novo que ele realiza em minha história de vida. O Senhor não desistiu também desse filho pródigo, acolhendome, amando-me, libertando-me, sendo minha alegria, mesmo quando nem todo olhar celebrava esse retorno! Tornou-me resistente ante a resistência encontrada.

Gratidão à minha família, simplesmente, porque vocês existem e os amo, lugar sagrado onde por amor fui concebido e de onde o maior se apropriou, sem negá-los. Aos meus avós Manoel (*In memoriam*) e Leontina (*In memoriam*); Benta (*In memoriam*) e Valdemar.

À comunidade Católica Shalom, especialmente aos missionários com os quais convivi, instrumentos do amor de Deus a renovar minha vocação. À Diocese de Joinville que me acolheu e não cessou de acreditar em mim, mesmo quando eu mesmo não acreditava, nas pessoas de Pe. Adalberto Donadelli Jr. e de Pe. Edson A Deretti e de nosso estimado pastor Dom Francisco Carlos.

A todas as pessoas que se fizeram e às que fazem parte desse percurso da minha caminhada nos papéis de intercessores(as), benfeitores(as), amigos(as) que me lançam para Deus. À cada família que me acolhe com carinho, amor e fé, solidários e fraternos, sensíveis ao fato de eu estar longe da minha terra natal.

De modo carinhoso à comunidade Nossa Senhora das Graças, da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, de São Bento do Sul, na pessoa do Pe. Fábio Bosco, que, generosamente, me ajudou na pós-graduação em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual, que também lançou luzes a esse trabalho.

Aos que contribuíram na construção desse trabalho, ajudando-me nas correções ortográficas, nos ajustes técnicos, (padres, alguns irmãos de caminhada, professoras e professores), diante de tanta generosidade a minha gratidão.

E é claro, ao meu orientador, Frei. Edimar, e ao meu professor de TCC, professor Novaresi Leopoldo. Juntamente com todos os professores e colaboradores da FACASC, minha eterna e sincera gratidão a cada um!





Fizeste-me entrar em mim mesmo. Para não olhar para dentro de mim, eu tinha me escondido. Mas Tu me arrancaste do meu esconderijo e me puseste diante de mim mesmo, a fim de que eu enxergasse o indigno que era, o quão deformado, manchado e sujo eu estava. [...]

Deus de Quem separar-se é morrer, de Quem aproximar-se é ressuscitar, com Quem habitar é viver. Deus de Quem fugir é cair, a Quem voltar é levantar-se, em Quem apoiar-se é estar seguro. Deus a Quem esquecer é perecer, a Quem buscar é renascer, a Quem conhecer é possuir. Foi assim que descobri a Deus e me dei conta de que, no fundo, era a Ele, mesmo sem saber, a Quem buscava ardentemente o meu coração.

(Santo Agostinho)



## RESUMO

O presente estudo refere-se à questão do autoconhecimento na espiritualidade cristã e sua contribuição para uma autêntica vivência da identidade do presbítero. Tem como objetivo geral demonstrar a vital importância do autoconhecimento para o desenvolvimento da identidade presbiteral. Essa é uma pesquisa bibliográfica, com consultas à obras pertinentes à temática de autoconhecimento na espiritualidade cristã; alguns documentos da Igreja, além de escritos de autores contemporâneos que corroboram e explicitam a reflexão sobre o tema. Este trabalho foi estruturado em três capítulos: no primeiro apresenta o autoconhecimento na prática da espiritualidade, como base para responder a uma necessidade humana existencial; no segundo, trata do presbítero enquanto homem do sagrado, ancorado na pessoa de Jesus Cristo; no terceiro, considera que todo discípulo bem formado deverá ser como o Mestre. A pesquisa tem relevância no campo da espiritualidade da vida presbiteral, dado ao fato de que alguns desafios no ministério sacerdotal se dão pelo pouco conhecimento que alguns presbíteros têm de si mesmos, e do enfraquecimento da identidade presbiteral-espiritual.

**Palavras-chave:** Autoconhecimento. Espiritualidade. Amadurecimento. Identidade presbiteral. Identidade do presbítero. Autenticidade.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDC – Código de Direito Canônico  
CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano  
CIC – Catecismo da Igreja Católica  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
FR – *Fides et Ratio*  
GS – *Gaudim Et Spes*  
heb. – hebraico  
IS – *Inter Insignores*  
LG – *Lumen Gentium*  
PDV – *Pastores Dabo Vobis*  
PO – *Presbyterorum Ordinis*  
RFIS – *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*  
SC – *Sacramentum Caritatis*



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1 O AUTOCONHECIMENTO NA VIVÊNCIA ESPIRITUAL .....</b>	<b>21</b>
1.1 CONHECER-SE É UMA NECESSIDADE HUMANA.....	21
1.2 O PAPEL DA AUTOCONSCIÊNCIA NO AUTOCONHECIMENTO.....	28
1.3 CUIDAR DO JARDIM INTERIOR: A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ.....	32
<b>2 PRESBITERO: HOMEM DO SAGRADO .....</b>	<b>47</b>
2.1 PONTO DE PARTIDA: O CHAMADO INICIAL.....	47
2.2 JESUS CRISTO: O MODELO PRESBITERAL .....	54
2.3 ENTRE O EU REAL E O EU IDEAL.....	61
<b>3 TODO DISCÍPULO BEM FORMADO DEVERÁ SER COMO O MESTRE .....</b>	<b>71</b>
3.1 O OLHAR DO PAI NA DESCOBERTA DE SI MESMO.....	71
3.2 O TORNO E OS CONTORNOS DA CONFIGURAÇÃO .....	82
3.3 A FORMAÇÃO PERMANENTE DO DISCÍPULO .....	91
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>104</b>





## INTRODUÇÃO

Além de ser um dos sentidos vitais da corporeidade humana, sabe-se que o olhar é também uma das formas de comunicação não verbais mais expressivas da relação humana, capaz de provocar repercussões no desenvolvimento psicoemocional do indivíduo, que refletirão em sua personalidade. Portanto, imbricado à estrutura do ser humano está a necessidade de se sentir visto, amado e respeitado, de modo que desde cedo a criança, ao perceber as expectativas de seus pais, aprende a se comportar numa medida que corresponda ao sistema de valores, crenças e verdades que constituem o ambiente em que se encontra.

Assim, o olhar pode ser um fator de integração da personalidade da pessoa, quando por meio dele ela se sinta reconhecida, aceita, acolhida e amada em sua individualidade. Aliás, é pelo olhar da mãe que a criança se reconhece e, sem precisar de palavra alguma, estabelece uma relação de confiança, que gera segurança, sentimento de pertença, presença. Contudo, quando a criança é privada desse olhar em seu desenvolvimento, uma lacuna se estabelecerá em sua estruturação emocional, uma carência que poderá se manifestar algumas vezes em compensações, na busca daquele significativo olhar não encontrado.

A questão do esfriamento da espiritualidade conduz padres a facilmente caírem no ativismo que, devido a um acúmulo de compromissos, os leva a se distanciarem de si mesmos e de Deus. De modo que com essa profusão de afazeres acabam por negligenciar o cultivo de leituras espirituais, tempo para a oração pessoal, orientação espiritual, retiros, descansos, etc., caindo no risco de, por vezes, cultivarem apenas uma espiritualidade devocional.

A pergunta que norteia a pesquisa é saber qual é a relevância do do autoconhecimento para que o presbítero possa viver autenticamente o exercício de seu ministério. É mister para a Igreja, sobretudo no contexto atual, dispor de genuínos homens do sagrado, conscientes de si e resolvidos vocacionalmente. Que sejam resilientes no seu ministério, e, na sua interioridade humana e espiritual, capacitados para viverem o dom de si sob a ação do Espírito Santo, e capazes de resistir aos impactos das crises internas e externas, sem se quebrar.

Sabemos que, a partir do exemplo da relação visual estabelecida entre a mãe e seu bebê, o formando e o ministro já ordenado deveriam estabelecer com a mãe Igreja, analogamente, essa relação de amor entre mãe e filho. Para que, reconhecidos nesse olhar materno, possam também se perceberem amados, desejados, sentirem-se seguros de que nela o

Senhor os olha e dispõe do que precisam para a estruturação de sua identidade e viverem como autênticos ministros de Cristo.

Esta é uma pesquisa bibliográfica, que utilizará de obras que corroboram a pertinência do assunto e as orientações do próprio Magistério da Igreja sobre a dimensão espiritual e sobre a formação humana, consideradas meios para um autêntico e integral processo formativo; bem como as consequências quando tais dimensões são negligenciadas tanto na etapa formativa quanto no processo de formação permanente.

Para que o objetivo da pesquisa seja atendido, estruturou-se o presente trabalho em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o autoconhecimento na vivência da espiritualidade. A busca pelo conhecimento de si mesmo é uma necessidade humana. A autoconsciência desempenha um papel fundamental nesse processo de maturação pessoal no contexto em que o sujeito se encontra, para poder purificá-lo de tudo quanto plasme a sua mente e não faz parte de sua identidade. Na espiritualidade cristã, o autoconhecimento equivale ao cultivo do homem interior enquanto criatura de Deus, resgatado em Cristo Jesus, buscando tudo ordenar para melhor amá-lo, e ao próximo. Não se trata de uma tentativa egoísta de autorrealização, o que tornaria o conhecimento de si estérreo.

O segundo capítulo aborda o presbítero como homem do sagrado, chamado a cuidar das coisas de Deus, a exemplo de Jesus Cristo, a quem deve se configurar para um genuíno exercício de seu ministério. Para tanto é imperativo não esquecer o seu ponto de partida vocacional, mantendo sempre acesa a chama do primeiro amor e, assim, não esquecer a quem pertence e para onde deve apontar o seu ministério. Pois é chamado a refletir na sua própria vida a vida de Cristo, seu jeito de amar, servir, agir, pregar numa irrepreensível conduta de vida, sendo pastor segundo o coração de Deus. No entanto, seja consciente de suas fragilidades e fraquezas, de suas limitações, sem ilusões sobre si mesmo.

O terceiro capítulo trata da questão da formação inicial e permanente, expondo que o presbítero é um discípulo em constante formação. O processo formativo, por sua vez, na pessoa dos formadores, deve ser um instrumento por meio do qual Deus age na vida dos formandos tal como o torno é uma ferramenta nas mãos do oleiro. Lugar em que, por ação do Espírito Santo, aqueles que se colocarem diante do olhar de Deus, entregando a ele o próprio barro, poderão ser convertidos em vasos novos, segundo o querer do Divino oleiro. Portanto, a vida de oração, o frequentar diariamente a Sagrada Escritura, a Eucaristia, são vias para se cultivar a intimidade com Deus, conhecê-Lo e se conhecer.

Deixar-se cativar por ele para que nessa relação o presbítero possa recolher do amor de Deus a verdade ontológica sobre si e sobre seu ministério.

A presente pesquisa tem relevância no âmbito eclesial, podendo também contribuir no processo de maturação humana e espiritual na vida daqueles que buscam ser frutos de intimidade com Deus. Possa motivar aqueles que desejam viver de modo autêntico quem realmente se é em sua identidade presbiteral. Assim como pode somar ao processo daquele que deseja ser presbítero segundo o coração de Deus, vivendo seu ministério como uma via de conversão e santidade. Porque compreenderam que, com a ordenação, ainda não alcançaram a meta, desejando alcançar o fim para o qual foram criados.



## 1 O AUTOCONHECIMENTO NA VIVÊNCIA ESPIRITUAL

Mas tu, Senhor, fizeste voltar a mim mesmo, eu que havia virado as costas a mim porque não me queria ver, e me puseste face a face comigo mesmo para que eu visse a minha fealdade e minhas deformidades, visse como estou cheio de sujeiras e de manchas e de úlceras. E eu vi e espantei-me, e não soube para onde fugir de mim mesmo.

(Santo Agostinho)

Sem a pretensão de esgotar o assunto, quer-se na primeira parte desse trabalho apresentar o que se compreende por autoconhecimento ou o conhecimento de si, expondo sua importância à maturidade humana. Para tanto, inicialmente se demonstrará que a busca por se conhecer é um anseio peculiar do ser humano, qual é o papel da autoconsciência nesse processo.

De igual modo, pretende-se evidenciar que a espiritualidade não é uma espécie de apêndice, mas é uma constituinte à estrutura humana. Assim como, ao término desse primeiro capítulo, procurar-se-á fundamentar a questão a partir do ponto de vista da espiritualidade cristã, em sua particularidade. Pretendendo, assim, evidenciar a pertinência desse tema à vida do ministro ordenado, quanto à construção de uma identidade pessoal e presbiteral mais autêntica, livre e resiliente.

### 1.1 CONHECER-SE É UMA NECESSIDADE HUMANA

Para muitas pessoas viajar é algo revigorante, conhecer novos lugares na busca de aventura ou de paz, harmonia, descanso. Porém, dentre os vários lugares a se conhecer, o mais belo e mais importante deveria ser a si mesmos. Tal é a importância para o ser humano se conhecer que Lucas Miguel afirma, inspirado em Santo Agostinho, que

Viajam os homens para admirar a maravilhosa altura dos montes, a imensidão das ondas do mar, a vertiginosa corrente dos rios, a interminável latitude dos oceanos e o prodigioso curso dos astros, e se esquecem do muito que há de admirar-se e de conhecer-se em si mesmos!<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> LUCAS, Miguel. **Conhecer-se**: um caminho para ser feliz. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 22.

No santo de Hipona é possível perceber a proposta de uma fecunda espiritualidade que parte do conhecimento de si mesmo. Bem como compreender que, de certo modo, não investir nessa viagem interior, trilhando os próprios labirintos, para encontrar-se consigo mesmo, pode acarretar em sério prejuízo existencial. Pois, já afirmava Santa Teresa de Jesus que “todos os danos provêm de não nos conhecermos devidamente.”<sup>2</sup> Afinal, nenhuma serventia terá ao ser humano ter tantas riquezas em seu interior se ele não se esquadrinhar, não se sondar, nem se investigar.<sup>3</sup>

Assim,

Toda a viagem interior começa pela consciência daquilo que somos, pelo conhecimento do território, pelo mapeamento de nossas trilhas, planícies e abismos. Conhecer o mapa, seguir os itinerários e deixar-se surpreender, porque o território é sempre além do mapa. E depois acolher o que a jornada nos traz. Acolher as sombras e respirar a luz. Respirar a sombra para sentir o cheiro da luz.<sup>4</sup>

Entende-se por autoconhecimento como sendo uma investigação de si mesmo, num empenho que envolve o uso da autoconsciência e o aperfeiçoamento da autoimagem, segundo Adolphe Tanqueray.<sup>5</sup> É por ser um processo tão necessário ao ser humano, já que constitui a base do desenvolvimento pessoal, que “[...] aperfeiçoar-se é moralmente impossível para aquele que não conhece a si mesmo.”<sup>6</sup> Assim, o conhecimento de si pode se tornar um projeto ético, cujo valor da busca é a realização de algo que leve o sujeito a alcançar o autodomínio e, conseqüentemente, se converter num ser humano melhor.

---

<sup>2</sup> JESUS, Santa Teresa de. **Castelo interior ou moradas**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 32.

<sup>3</sup> HIPONA, Agostinho. **Comentários aos salmos**: Enarrationes in psalms: 51-100. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. Com. ao Salmo 76, 9. p. 667.

<sup>4</sup> CUNHA, Domingos. **Metade de mim é luz... e a outra metade também vai ser**. Disponível em: < <https://www.eneagramashalom.com.br/artigo/41/metade-de-mim-luz-e-a-outra-metade-tamb-m-vai-ser>>. Acesso em: 30 mar. 2021. Não paginado.

<sup>5</sup> TANQUEREY, Adolphe. **Compêndio de Teologia ascética e mística**. Trad. Dalton César Zimmermann. Campinas: Ecclesiae, 2018, 433, I.II.I.I. p. 211-218.

<sup>6</sup> TANQUEREY, 2018, 433, I.II.I.I, p. 211;215.

Quando a pessoa, através de sua experiência de vida, desenvolve o hábito de se auto investigar, refletindo sobre suas escolhas, motivações, analisando o seu caráter, seu humor e até mesmo os exageros em sua conduta, nas faltas ou defeitos, ela adquire maior capacidade de se autodeterminar. De acordo com Tanqueray, “[...] o conhecimento claro e sincero de nossa alma estimula-nos à perfeição”<sup>7</sup>. Com isso, além de libertar da inação, de condicionamentos internos que geram paralisias e impedem um viver autêntico, poder-se-á corrigir desordens e se transformar numa sadia ferramenta para descobrir as boas qualidades, enfraquecer vícios, desenvolver virtudes, talentos, potenciais e conquistar a autonomia.

Segundo Goleman, “[...] a recomendação de Sócrates — *Conhece-te a ti mesmo* — é a pedra de toque da inteligência emocional: a consciência de nossos sentimentos no momento exato em que eles ocorrem.”<sup>8</sup> Sendo assim, esse conhecimento de si é fruto da introspecção pessoal e que não depende de coisas, evidências ou opiniões externas. Visto que o próprio indivíduo conta com o privilégio de ser capaz de acessar os próprios pensamentos, sentimentos, feridas, sensações, inclinações, que os outros estão alheios. E, aqui, se revela a sua autoridade sobre si enquanto pessoa, na qual outro sujeito não dispõe com a mesma propriedade.

Assim, a possibilidade que o sujeito tem de se conhecer lhe permite que avance também na capacidade de se diferenciar das outras coisas, e do conhecimento obtido por meio de outras experiências, sejam elas sensitivas ou intelectuais, ou de realidades incorporais.

Como é possível uma mente conhecer outras mentes, se não se conhece a si mesma? Não se diga que é como acontece com o olho do corpo, que pode ver os olhos dos outros sem que veja os seus próprios. Enxergamos os seres corpóreos por meio dos olhos corporais, mas não podemos refratar e fazer refletir sobre nós mesmos os raios que emitem e tocam tudo o que enxergamos, a não ser por meio de um espelho. [...] Portanto, assim como a mente adquire noções sobre coisas corpóreas servindo-se dos sentidos corporais, do mesmo

---

<sup>7</sup> TANQUEREY, 2018, 434, p. 211.

<sup>8</sup> GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Não paginado.

modo, em relação às realidades incorpóreas, ela as adquire por si mesma. Logo, a mente conhece-se a si mesma, por si mesma, por ser incorpórea. Pois se não se conhecer a si mesma não poderá amar a si mesma.<sup>9</sup>

Portanto,

Para que esse conhecimento seja mais eficaz é preciso que abarque tudo o que há em nós, qualidades e defeitos, dons naturais e sobrenaturais, inclinações e repugnâncias, e também a história da nossa vida: faltas, esforços e progressos.<sup>10</sup>

Nesse sentido, o percurso pode não ser um caminho tão fácil de se percorrer, uma vez que nem sempre o sujeito esta disposto a descobrir verdades sobre si mesmo e enfrentá-las. Como dito acima, essa capacidade de pensar e refletir sobre si mesmo, implica entrar em contato com as próprias características da pessoa, comportamentos e sentimentos. Ou ainda, como aponta Maria E. O. Nogueira e Silvia M. L. Lemos, descongelar aquilo que no passado possa estar inacabado, reconciliando-se com a própria história, com suas luzes e sombras.<sup>11</sup> Enxergar a verdade sobre as motivações interiores que norteiam suas escolhas e decisões, seus reais objetivos e suas puras intenções.<sup>12</sup>

No entanto, é um caminho que possibilita maior apropriação do eu interior, reconhecendo “[...] em concreto o seu rosto atual e ideal,”<sup>13</sup> no qual o desenvolvimento pessoal é enriquecido nesse processo de maturação humana. Com isso é possível ao sujeito dar um salto qualitativo de vida, desenvolver suas habilidades pessoais em benefício à realização de seus sonhos e aspirações. E, à medida que avança no conhecimento de si, torna-se capaz de alcançar a cura da autoimagem, fortalecer a própria identidade e superar os pontos fracos, fortalecer os

---

<sup>9</sup> HIPONA, Agostinho. **A Trindade**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008. IX: 3,3. p. 289-290.

<sup>10</sup> TANQUEREY, 2018, 434, p. 211.

<sup>11</sup> NOGUEIRA, Maria E. O; LEMOS, Silvia Maria L. **Tecendo o fio de ouro: caminho ordo amoris**. 10. ed. Aquiraz: Shalom, 2008. p. 37-44.

<sup>12</sup> CENCINI, Amadeo. **A história pessoal, morada do mistério**: indicações para o discernimento vocacional. Trad. Casa da Juventude. – Porto. Prior Velho: Paulinas, 2009. p. 8-9.

<sup>13</sup> CENCINI, 2009, p. 7.



pontos positivos, melhorar a saúde, responsabilizar-se pela própria vida<sup>14</sup> e se tornar mais capaz de construir relações saudáveis.

O autoconhecimento como uma conquista ou realização que traz saúde e liberdade, desde que haja maturidade para refletir e interpretar a si mesmo, possibilita identificar as próprias distorções e sombras do passado, assumindo-se como ser ontologicamente vulnerável.<sup>15</sup> Isso porque, para que haja um processo de integração, é preciso enxergar a verdade sobre quem se é, responsabilizando-se pela própria vida, da qual o sujeito é o principal agente na tarefa de ordenar o que estava desordenado.<sup>16</sup> Pois só,

Quem se reconciliou com suas próprias feridas torna-se capacitado para acompanhar mais eficazmente os que sofrem. Pode aproximar-se das feridas alheias com liberdade, sem se sentir ameaçado. Sabe superar a tentação de exercer poder sobre as pessoas que o procuram para serem curadas. A partir da sua própria experiência de sofrimento, são capazes de extrair sentimentos de compreensão, participação e compaixão, que tornam possível a proximidade em relação a quem sofre através de uma relação autêntica.<sup>17</sup>

Esse é o caminho para se conquistar a liberdade e, assim, poder ser quem se é, sem levar uma vida escondida ou alienada a si próprio. Pois, com o tempo, feridas que foram negadas ou ignoradas, mas não curadas, poderão vir à tona e se manifestar no indivíduo por meio de facetas indesejáveis. Portanto, tudo precisa ser esquadrihado e “tudo isso estudado sem pessimismo, mas com imparcialidade, com uma consciência reta, iluminada pela fé.”<sup>18</sup>

Segundo José Paulo Giovenetti, não se deve confundir espiritualidade com religiosidade. Pois, a espiritualidade, em si, “[...] possibilita a integração do ser humano por meio do cultivo da

---

<sup>14</sup> LUCAS, 2008, p. 22.

<sup>15</sup> MÉZERVILLE, Helene López de. **O desgaste na vida sacerdotal**: Prevenir e superar a síndrome de Burnout. Trad. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2012. p. 86-87.

<sup>16</sup> CENCINI, 2009, p. 38-46.

<sup>17</sup> PESSINI, Leo. **Espiritualidade e arte de cuidar**: o sentido da fé para a saúde. São Paulo: Paulinas; Centro Universitário São Camilo, 2010. p. 149.

<sup>18</sup> TANQUEREY, 2018, 434, p. 211.

profundidade,”<sup>19</sup> não implicando necessariamente no cultivo de algum tipo de religiosidade. Embora se considere que a religião busca integrar “o interior do registro cognitivo e racional, mas também entre a dimensão cognitiva e as outras dimensões da fé.”<sup>20</sup>

Segundo Giovanetti, “[...] o tema da espiritualidade tem sido objeto de muitos estudos, extrapolando a fronteira da teologia.”<sup>21</sup> Segundo ele, a própria psicologia se vê envolta a esta realidade complexa que é o ser humano, não sendo capaz de sozinha dar todas as respostas. E, numa mesma linha que Leonardo Boff apresenta uma visão de espiritualidade identificada como a busca existencial de cada ser humano pelo sentido último da vida e pela compreensão do seu papel nesse mundo.<sup>22</sup>

João Edênio, trata da espiritualidade classificando-a como uma necessidade psicológica pertinente a sua estrutura humana, tal como a carência pelo autoconhecimento ou a inclinação de cultivar relações saudáveis com os semelhantes.<sup>23</sup> O próprio aforismo antigo “*conhece-te a ti mesmo*”<sup>24</sup> revela essa busca tão antiga inerente do indivíduo de se autocompreender nesse mundo. Tais afirmativas expressam a árdua tarefa do ser humano na busca pelo conhecimento de si e, a partir daí, conhecer a verdade sobre o mundo.

A psicologia da personalidade trata da pessoa como um todo e das diferenças individuais, afirma o professor Ivan Rodrigues.<sup>25</sup> E, justamente pelo fato da espiritualidade e a religiosidade indicarem fenômenos diferentes, é que se pode falar em uma espiritualidade

<sup>19</sup> GIOVANETTI, José Paulo. Psicologia existencial e espiritualidade. In: AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 129-146. p. cit. 140.

<sup>20</sup> GIOVANETTI, 2005, p. 140.

<sup>21</sup> GIOVANETTI, 2005, p. 129.

<sup>22</sup> GIOVANETTI, 2005, p. 129-140.

<sup>23</sup> VALLE, João Edênio dos Reis. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus 2005, p. 104.

<sup>24</sup> TOSI, Renzo. **Dicionário de sentenças latinas e gregas**. Trad. Benedetti, Ivone C. 2 ed. São Paul: Martins Fontes, 2000. p. 162-163. p. cit. 162. 347. Grifo do autor.

<sup>25</sup> RODRIGUES, Ivan. **Desenvolvimento da pessoa humana e experiência espiritual**. Anotações das aulas ministradas no Curso de Especialização em Espiritualidade cristã e orientação espiritual. Faculdade Jesuíta. Belo Horizonte, Faculdade Jesuíta, de 06 a 23 de janeiro de 2020. Não paginado.

<sup>25</sup> VALLE, 2008, p. 101.

arreligiosa.<sup>26</sup> Daí que “a espiritualidade, enquanto estrutura, só se constrói plenamente com base numa dimensão psicológica sadia.”<sup>27</sup> Ambos os fenômenos estão presentes no desenvolvimento da pessoa como um todo, tanto na dimensão psicológica como neurofisiológica.

Nesse sentido, “[...] a espiritualidade expressa o sentido profundo do que se é e se vive de fato,”<sup>28</sup> pois ela é constitutiva do ser humano e, portanto, abarca aquilo que é corpóreo e próprio a sua natureza, encarnando toda a vida humana e sua realidade; assim como “permite que o homem ultrapasse o nível biológico e emocional de suas vivências, também das mais elevadas e sublimes.”<sup>29</sup>

Por isso,

A espiritualidade adulta supõe conhecimento e aceitação dos próprios limites e possibilidades. Não é um ato de resignação e sim uma atitude corajosa e humilde de alguém que sabe que sua vida é um projeto aberto ao ser mais, ao comungar mais, ao cuidar do que precisa ser cuidado. É uma experiência de despojamento que se coloca nas antípodas do poder, da autossuficiência e do imediatismo egocêntrico.<sup>30</sup>

Desse modo, a experiência religiosa, estruturada pela espiritualidade, passa pela crença da ação de um ser superior em direção a um ser humano, e nesta ação divina a pessoa pode crer ou não.<sup>31</sup> Quer-se, assim, afirmar que a resposta dada pelo indivíduo perpassa toda a sua estrutura humana, cultural, histórica, neurofisiológica e psicológica; ou seja, a experiência espiritual e religiosa é também humana, psicológica.<sup>32</sup>

---

<sup>26</sup> GIOVANETTI, 2005, p. 138.

<sup>27</sup> GIOVANETTI, 2005, p. 138.

<sup>28</sup> VALLE, 2008, p. 101.

<sup>29</sup> VALLE, 2008, p. 101.

<sup>30</sup> VALLE, 2008, p. 101.

<sup>31</sup> RODRIGUES, 2020, não paginado.

<sup>32</sup> VALLE, 2008, p. 101.

<sup>32</sup> RODRIGUES, 2020, não paginado.

## 1.2 O PAPEL DA AUTOCONSCIÊNCIA NO AUTOCONHECIMENTO

Segundo John Donne o ser humano não é uma ilha, mas parte de um todo,<sup>33</sup> e, como se sabe, enquanto ser de relação, cresce num ambiente familiar, ampliando processualmente suas relações na escola, depois no trabalho e na sociedade. Seu crescimento e sua maturação pessoal vem implicados de contextos, tradições, linguagem, formas culturais, com verdades e crenças nas quais crê e confia.<sup>34</sup> Sendo assim, inevitavelmente, a sua identidade é transpassada por uma multiplicidade de forças que influenciam a sua subjetividade. Tal é essa realidade que declara o teólogo jesuíta Bernard Sesboué

Cada um de nós nasce num mundo já constituído, que nos precede, que não podemos negar. Devo o meu ser aos outros. Eu me recebo dos outros. Não sou minha fonte. Minha origem não pertence a mim. O sinal disso é manifestado por meu próprio nascimento, fruto de uma contingência total e sobre a qual sou privado de todo poder. Essa dependência originária me remete a uma dependência muito mais radical.<sup>35</sup>

Ainda que os avanços ou progressos feitos pela humanidade possibilitem que se vislumbre o aspecto positivo da autonomia e da inteligência humana, um outro aspecto não deve ser ignorado. Na sua obra *Vida Líquida*, o famoso sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman,<sup>36</sup> autor do conceito modernidade líquida, apresenta uma pertinente reflexão aplicável a este momento da história humana, quanto às relações que constituem a sociedade e o mundo. Ao traçar a sua análise sobre a sociedade contemporânea na pós-modernidade, ele afirma que a

<sup>33</sup> DONNE, John. **Devoções para Ocasões Emergentes**. Meditação VII. 1624. Disponível em: <[https://www.ovale.com.br/\\_conteudo/\\_conteudo/editorial/2020/01/96405-o-homem-nao-e-uma-ilha.html](https://www.ovale.com.br/_conteudo/_conteudo/editorial/2020/01/96405-o-homem-nao-e-uma-ilha.html)>. Acesso em: 17 mar. 2021. Não paginado.

<sup>34</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Fides et Ratio***. Vaticano. 1998. Não paginado; FR 31. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html)>. Acesso em: 13 mar. 2021.

<sup>35</sup> SESBOUÉ, Bernard. **O homem, maravilha de Deus: ensaio de antropologia cristológica**. Trad. Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulinas, 2021. p. 59.

<sup>36</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 7. Grifo nosso.

mesma, adquirindo novas qualidades, apresenta sinais de instabilidade e volatilidade, tal como o estado liquefeito da matéria.

O referente autor afirma que numa época em que tudo parece ser adaptável, mutante, transitório e instável, o risco de se negligenciar a liga necessária para manter as partes do que é sólido unidas, é uma constante. E ao contrapor um contexto anterior no qual Bauman classifica como modernidade sólida, considerando que a sociedade era mais ordenada, coesa, estável e previsível, declara que essa foi substituída pela lógica do consumo, do gozo, da artificialidade imediata e a qualquer preço. Isso causou uma atmosfera de incerteza, insegurança que se espalhou pelo cotidiano e em diversos contextos, afetando as relações de trabalho, os relacionamentos afetivos e, inclusive, a estruturação da identidade.

Portanto, uma vez que Bauman aponta esse fenômeno como fator de mudanças que afetaram e afetam tanto a economia quanto o meio ambiente, também por conta do empoderamento de empresas, jugou-se apropriado considerar tais ponderações a reflexão desse tema. Afinal, essas mesmas transformações, com seus avanços tecnológicos, ao provocarem impactos socioeconômicos e culturais atingiram e atingem não só as instituições, mas o próprio indivíduo na totalidade de sua existência.

O escritor Gérard Artaud afirma que o homem, mergulhado no oceano de uma nova realidade, experimenta do sentimento comum de fragmentação interior, pois, aqueles “[...] papéis, que imaginávamos como única expressão possível da nossa masculinidade e da nossa feminilidade estão se transformando e se redefinindo.”<sup>37</sup> Numa similar opinião a cerca desses novos tempos, Henri Nouwen afirma que a pessoa, em semelhante contexto, sente-se roubada de si pelas exigências dos ofícios. Experimenta a fadiga das lutas existenciais, a intranquilidade, a angústia, o esgotamento, a insônia, o *stress* frente aos conflitos que surgem. Presa aos antigos meios de navegação, percebe-se despreparada para transpor a correnteza, que se tornou mais forte, confiando nos próprios braços.<sup>38</sup>

Nessa direção, Bauman destaca que:

[...] a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. As preocupações

---

<sup>37</sup> ARTAUD, Gérard. **Conhecer-se a si mesmo**: crise de identidade do adulto. Trad. Joaquim Pereira Neto. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 7.

<sup>38</sup> NOUWEN, Henri. **O curador ferido**: ministério na sociedade contemporânea. Trad. Thelma Nóbrega. Petrópolis: Vozes, 2020. p.15-26.

mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar um caminho sem volta.<sup>39</sup>

Em meio a essa sociedade líquida moderna composta por uma sucessão de reinícios, cuja “ênfase recai em esquecer, apagar, desistir e substituir,”<sup>40</sup> o sujeito é desafiado a não perder a sua identidade e dignidade. A lógica do descarte afeta desde coisas até pessoas e, “[...] em um mundo repleto de consumidores e produtos, a vida flutua desconfortavelmente entre os prazeres do consumo e os horrores da pilha de lixo.”<sup>41</sup> Afinal, nessa mentalidade, tudo passa a ter prazo de validade, sobressai o imediatismo e a própria lealdade se torna relativa na corrida pela sobrevivência e realização pessoal.

A competição tem alcance global e diferentes modos de vida são suprimidos. A nova forma de vida tem por base “[...] valores voláteis, descuidada do futuro, egoísta e hedonista. Vêm as novidades como inovações, a precariedade como um valor, a instabilidade como imperativo, o hibridismo como riqueza.”<sup>42</sup> Com isso, algumas pessoas experimentam a sensação de desorientação, deslocamento, enquanto a fragmentação é tolerada, os vínculos são enfraquecidos, as obrigações são revogáveis e a identidade é desintegrada por violências psíquicas e empobrecimento espiritual.

O mundo atual dispõe de uma forte e diversificada artilharia de instrumentos para estimular os sentidos humanos, afetá-los de alguma forma em vista de manipular seu desejo. O ser humano por si só, por sua corporeidade e capacidade sensorial, é afetado a todo instante pelo seu ambiente, desencadeando nele emoções, pensamentos, sensações, desejos, apetites, ações e reações, conforme o que dado objeto ou situação possa ter provocado em seus sentidos.

Diante disso, torna-se imperativo ao sujeito o exercício de se auto-observar e, assim, tomar consciência das próprias emoções frente aos estímulos externos, para alcançar o domínio de si, o autocontrole

---

<sup>39</sup> BAUMAN, 2007, p. 8.

<sup>40</sup> BAUMAN, 2007, p. 9.

<sup>41</sup> BAUMAN, 2007, p. 17-18.

<sup>42</sup> BAUMAN, 2007, p. 10.

emocional. Para assim não deixar que a frenesia consumista que gera insatisfação no sujeito em relação a si mesmo o torne interiormente vulnerável, dependente de gratificações imediatas, compulsivo e avesso às coisas eternas ou imortais.<sup>43</sup> Assim, pode-se dizer que a “autoconsciência [...] significa estar *consciente ao mesmo tempo de nosso estado de espírito e de nossos pensamentos sobre esse estado de espírito.*”<sup>44</sup>

A essa importância autorreflexiva, considera Alessandro Manenti que

O homem é autoconsciência a ser primeiramente encontrada antes de ser exercitada. Aberto a experiência, pode perceber também o mundo que vai além do próprio nariz. Não vive somente no momento presente. Tem um rosto, um nome, uma história, uma capacidade criativa. É capaz de elevar-se acima do lugar que ocupa a fim de alcançar, com seu pensamento, os segredos mais recônditos do cosmo e pode descer até os recantos mais profundos da própria interioridade; [...]<sup>45</sup>

Deste modo, a autoconsciência não poderia ser vista como um mero apêndice no processo de autoconhecimento, mas como uma ferramenta necessária à edificação do ser pessoa. Talvez, pode-se ousar dizer, que esta ferramenta ou dispositivo tenha como função despertar o ser humano para perceber a maravilha que é em todas as suas potencialidades. Afirma Tolentino, inspirado em Antoine de Saint-Exupéry,

Se quiseres construir um navio, não comeces por dizer aos operários para juntar madeira ou preparar as ferramentas; não comeces por distribuir tarefas ou por organizar a atividade. Em vez disso, detém-te a acordar neles o desejo do mar distante e sem

---

<sup>43</sup> BAUMAN, 2007, p. 14-15.

<sup>44</sup> GOLEMAN, 2005, não paginado. Grifo autor.

<sup>45</sup> MANENTI, Alessandro. **Compreender e acompanhar a pessoa humana:** manual teórico e prático para o formador psicoespiritual. Trad. Paulo V. Valério. São Paulo: Paulinas, 2021. p. 16.

fim. Quando estiver viva esta sede meter-se-ão ao trabalho para construir o navio.<sup>46</sup>

Com essa ponderação, pode-se concluir que o sujeito, ao perceber em si o potencial suficiente para lidar com as questões da vida, não precisará buscar fora outra fonte para suprir suas demandas. Pois, no processo do desenvolvimento humano, havendo este caminho de maturação, a pessoa poderá desenvolver durante o decorrer da sua vida as potencialidades e capacidades que a ajudarão a ter mais segurança interna. Desse modo, o autoconhecimento se converte em investimento no desenvolvimento e manutenção da maturidade, pois, ao se conhecer, a pessoa lida melhor consigo mesma, favorecendo a própria autoestima.<sup>47</sup>

Sendo assim, o conhecimento de si se revela como um fator imprescindível para a pessoa se tornar resiliente ante a tarefa de se autodefinir ou de autorredefinição. Esse caminho para se reencontrar e renascer para uma nova vida “[...] não é outra coisa senão o processo de dar à luz a si mesmo,”<sup>48</sup> como afirma Erich From, citado por Artaud.

Contudo, o autoconhecimento pode se tornar uma conquista estéril se a motivação objetivar apenas o conhecimento pelo conhecimento, resultante de uma busca centrada unicamente na autorrealização, e não com vistas ao amor, a encontrar Deus.<sup>49</sup> Implica em buscá-lo imbuído daquele espírito paulino que não considera a vida preciosa apenas para si mesmo, mas capaz de descentrar-se do próprio umbigo e sair para levar a bom termo o seu chamado, realizando a missão recebida do Senhor Jesus.<sup>50</sup>

### 1.3 CUIDAR DO JARDIM INTERIOR: A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Sabe-se que um dos segredos para se ter um belo e limpo jardim está na forma como ele é cuidado. Requer carinho no trato com as flores, vigilância para manter as plantas saudáveis, exige atenção ante a ameaça

---

<sup>46</sup> EXUPÉRY, Antoine de Saint apud MENDONÇA, José Tolentino. **Elogio da Sede**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 7.

<sup>47</sup> RODRIGUES, 2020, não paginado.

<sup>48</sup> FROM, Erich apud ARTAUD, Gérard, ARTAUD, Gérard. **Conhecer-se a si mesmo: crise de identidade do adulto**. Trad. Joaquim Pereira Neto. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 9.

<sup>49</sup> NOGUEIRA, LEMOS, 2008, p. 31.

<sup>50</sup> BÍBLIA de Jerusalém. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008; At 20,24.



de pragas. Assim, demanda dedicação em aparar a grama, realizar a poda das árvores e arbustos a fim de manter tudo em harmonia. É preciso apropriar-se do jardim com amor e cuidado.

Esta tarefa exige também conhecer algumas técnicas de jardinagem, estar ciente quanto a fertilidade do solo, quais áreas precisam ser adubadas; escolher boas mudas, conferir suas raízes, conhecer as necessidades de cada planta, as mais sensíveis ou robustas. Evitar plantas venenosas ou tóxicas que possam prejudicar a saúde; cuidar da irrigação, da incidência de luz, assim como delimitar por onde as pessoas podem transitar sem pisotear as plantas.

Analogamente, pode-se também referir assim quanto ao cuidado do jardim interior, da vida interior. Na espiritualidade cristã o cultivo dessa vida interior equivale ao estar presente a si mesmo e ao que interiormente acontece, buscando perceber também os movimentos do Espírito dentro de si. Para isso é preciso abertura para perceber as iniciativas de Deus em afetar o ser humano no desejo de colocá-lo em relação com o seu ser pessoal.<sup>51</sup>

Segundo Jesús Espeja, a espiritualidade cristã como busca de vida no Espírito Santo, ao considerar a totalidade do ser humano em sua realidade vivencial, existencial e relacional, aponta para algo a mais, que o perpassa e transcende. Um sentido maior cujo horizonte está na pessoa de Jesus Cristo, revelando existir nela uma realidade que só pode ser perscrutada pelo Espírito Santo.<sup>52</sup> Portanto, não se trata de uma teoria, mas de uma pessoa que, quanto mais se conhece, mais se entende a espiritualidade pertinente ao seu segmento, explica Léo Pessini.<sup>53</sup>

Segundo Edinei da Rosa Cândido, ainda que o ser humano esteja submetido a uma condição frágil e mortal, “o Verbo veio ao mundo para restituir [...] a sua condição originária de incorruptibilidade, de conhecimento de Deus, de sua imagem, [...] encarna-se com função restauradora.”<sup>54</sup> Desse modo, “[...] a alma humana é imagem do Verbo, recebendo a sua mesma potência, participando intensamente da sua vida.”<sup>55</sup> Logo, a tarefa de se ocupar consigo mesmo pode ser entendida

---

<sup>51</sup> MONDONI, Danilo. **História e teologia da espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 18.

<sup>52</sup> ESPEJA, Jesús. **Espiritualidade cristã**. trad. Ralf de Oliveira. Petrópolis: Vozes. 1994. p. 30-31.

<sup>53</sup> PESSINI, 2010, p. 167.

<sup>54</sup> CÂNDIDO, Edinei da Rosa. À imagem e semelhança de Deus: o itinerário antropológico do cristianismo antigo. **Cadernos Patrísticos**. Textos e estudos, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 13-31, maio 2008. p. 31.

<sup>55</sup> CÂNDIDO, 2008, p. 14.

como um processo de se reconhecer como imagem e semelhança de Deus, desejando que ele reconstrua através do seu Filho a imagem original, realize em si a sua imagem.

Como o interior do homem é habitado por Deus, o empenho para encontrá-lo equivale percorrer um caminho que leva a si mesmo.<sup>56</sup> O mesmo é afirmado por Santa Teresa quando, declarando a alma como um aposento de Deus, em sua narrativa propõe um itinerário que conduz a pessoa ao centro do Castelo, onde habita Deus, que nos criou a sua imagem e semelhança. Teresa ainda insiste que nesse caminho é preciso aprofundar o autoconhecimento, a autoaceitação, a acolhida da própria realidade e a interiorização.<sup>57</sup>

Há no ser humano o desejo de conquistar a liberdade e livremente poder se autodeterminar e administrar a própria vida, no entanto,

A verdadeira liberdade é sinal eminente da imagem de Deus no homem... a dignidade do homem exige que possa agir de acordo com uma opção consciente e livre, isto é, movido e levado por convicção pessoal e não por força de um cego impulso ou de mera coação externa.<sup>58</sup>

Quer dizer, no seu chamado, Deus convoca a pessoa na sua totalidade para experimentar de seu amor e de sua misericórdia de modo que esse encontro, que conduz a entrega de si a Deus, em resposta, passa pela tomada de consciência das raízes de pensamentos, sentimentos, emoções, estados de ânimo, afetos e impulsos mais íntimos. Sobre esse prisma, o próprio processo de autoconhecimento se torna um caminho de conversão pois, nele, a pessoa pode “[...] ver claramente todos os erros e fraquezas,”<sup>59</sup> limites, concupiscências.

A partir de um encontro pessoal com o Ressuscitado que passou pela cruz, o ser humano pode contemplar no Cristo a imagem daquilo que

---

<sup>56</sup> HIPONA, Agostinho. **Confissões**. Trad. Maria L. J. Amarante. São Paulo: Paulus, 1984. p. 265-270. X, 1-5.

<sup>57</sup> JESUS, 2018. p. 5-25.

<sup>58</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Gaudium Et Spes*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 470-549. p. cit. 472; GS 17.

<sup>59</sup> GRÜN, Anselm. **Oração e autoconhecimento**. Trad. Carlos Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 27.

Deus o chama a ser,<sup>60</sup> bem como se dar conta da distância existente entre essa imagem e a sua aparência atual, danificada pelo pecado. Pois, segundo Atanásio de Alexandria, conforme menciona Edinei da Rosa Cândido, uma vez que a desobediência a Deus provocou a queda da humanidade, “[...] chegando ao cúmulo do desvio da lei natural nos afetos e paixões.”<sup>61</sup>

No testemunho de Paulo se pode notar o poder transformador que Jesus ressuscitado opera em sua vida por meio do seu Espírito, tornando-o nova criatura. Isso porque a “[...] relação com Cristo produz uma ética nova regida pela lei do Espírito.”<sup>62</sup> Essa mudança que Cristo realiza em Paulo também indica “o crescimento pessoal a que Deus chama o ser humano”<sup>63</sup> a conquistar através do exercício do seu responsável livre arbítrio, de modo que ao ser orientado pelo amor dá às relações humanas maior grau de qualidade.

Assim, pela vida do Apóstolo se evidencia que pode comprovar que mesmo em sua abundante miséria bem maior foi a graça de Deus, comprovando que “[...] o chamado divino à salvação atinge todo o povo e todo o homem em sua individualidade histórica, exigindo uma virada radical da existência, baseada na fé, na esperança e no amor.”<sup>64</sup> Permitiu que a luz de Cristo trouxesse às claras o que estava na sua profundidade e, posto de pé, tomou a decisão de se jogar inteiro, enraizando nele o seu coração.

Por sua vez, isso implica em trazer à luz todas as áreas da vida que talvez estejam ignoradas, colocando-se face a face consigo mesmo, para descobrir tudo aquilo que deforma essa imagem. Dado que, segundo Grün, “[...] ninguém pode encontrar o caminho para Deus quando vive à margem de si próprio, quando não se conhece a si próprio.”<sup>65</sup> Experimentando como ponto de partida aquilo que impactou o próprio Apóstolo Paulo, ou seja, “a revelação do amor de Deus em Jesus Cristo [...], provocando sua reabilitação na fé no Cristo e a consequente metanóia em sua vida.”<sup>66</sup>

São Macário também percebendo a importância de se deixar habitar pela luz de Cristo, afirma:

---

<sup>60</sup> SESBOUË, 2021, p. 64-68.

<sup>61</sup> CÂNDIDO, 2008, p. 17.

<sup>62</sup> MONDONI, 2014, p. 27.

<sup>63</sup> MONDONI, 2014, p. 27-28.

<sup>64</sup> MONDONI, 2014, p. 28.

<sup>65</sup> GRÜN, 2004, p. 13.

<sup>66</sup> MONDONI, 2014, p. 26.

Se uma casa não for habitada pelo dono, ficará sepultada na escuridão, desonra, desprezo, repleta de toda espécie de imundícia. Também a alma, sem a presença de seu Deus, que nela jubilava com seus anjos, cobre-se com as trevas do pecado, de sentimentos vergonhosos e de completa infâmia.<sup>67</sup>

Em meio aos diversos desafios que emergem na realidade contemporânea, como as mudanças de mentalidade e de estrutura que acarretam crises de valores, inclusive afetando a própria vida religiosa,<sup>68</sup> a espiritualidade cristã se caracteriza como um estilo peculiar de vida que, por meio de Cristo, se orienta para Deus, através da ação do Espírito. E tem como parâmetro existencial viver de acordo com as exigências do Evangelho, ou seja, centrada na pessoa de Jesus Cristo e enraizada no mistério da sua encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição, não nega o contexto real da vida humana.

É uma espiritualidade que anima aqueles que a cultivam a falarem da presença viva do Senhor, a se exercitarem na contemplação e na oração; crescendo no amor gratuito, na capacidade de fazer renúncias e sacrifícios, em ser sinal de esperança.<sup>69</sup> Ou seja, a pessoa espiritual, afirma Danilo Mondoni, é:

Aquela que faz uma experiência pessoal do amor de Deus – experiência que a capta na sua totalidade de ser humano. Uma vez experimentando esse encontro com o Deus vivo, transcendente, totalmente outro, que acolhe em seu amor e misericórdia, a pessoa lança-se no aprofundamento desse encontro e vai sendo transfigurada no amor e no dom de si a Deus que se revela e aos irmãos no mundo.<sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> MACÁRIO. **Ai da alma que não habita Cristo**. In: LITURGIA das Horas. 2. ed. Típica. Petrópolis: Vozes et al., 2000. p. 521. v. IV. p. cit. 521; *Homilias* 28: PG 34,710-711.

<sup>68</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, p. 474; GS 7.

<sup>69</sup> CONSELHO ESPICOPAL LATINO-AMERICANO. **Discípulos missionários no mundo da saúde**: guia para a Pastoral da Saúde na América Latina e no Caribe. São Paulo: Centro universitário São Camilo, 2010. p. 83-87.

<sup>70</sup> MONDONI, 2014. p. 19.

Desse modo, tal experiência fundante floresce em diversificadas formas de experimentar e nutrir a vida em Cristo e, processualmente, sob o influxo do Espírito, fomenta o constante desejo de crescer na relação com Deus configurando-se a Jesus. Assim, sob o dom da graça, o cristão vai se tornando cada vez mais espiritualizado e capaz de “acolher e conhecer os mistérios de Deus [...]”,<sup>71</sup> seu Espírito, sua presença e sua ação na vida e na história.

Tal abertura para Deus exige, nesse sentido, disposição e coragem para entrar em contato consigo e esquadrinhar a própria intimidade. Portanto, também na espiritualidade cristã, o autoconhecimento se revela como uma positiva ferramenta para se cultivar um belo, limpo, saudável e harmonioso jardim interior. Sua fecundidade se dá pela graça de Deus e ação de seu Espírito, capaz de tudo renovar, ordenar, dar forma e vida, gerando um eu apropriado e cuidado capaz de irradiar paz, serenidade, autenticidade, encontro.

Afirma o psicólogo Angerami-Camon, citado por Pessini, que “somos espiritualidade, por mais que queiramos negar tal enredamento ou ainda que possamos insistir em concepções teóricas que a excluem do seio das discussões de sua abrangência.”<sup>72</sup> Portanto, na própria psicologia há quem reconheça os efeitos positivos da espiritualidade cristã na saúde física e psicoemocional, desde que proporcionadas por experiências religiosas positivas e saudáveis. Pois há espiritualidades que não conduzem à saúde e ao bem da própria pessoa e, “como joias falsas: refulgem, mas não têm valor senão o das aparências. Não levam ao amadurecimento; podem, ao contrário, conduzir à ruína. [...] podem ser como máscaras.”<sup>73</sup>

Logo, podem acarretar impactos negativos e devastadores no trajeto evolutivo humano que, se não tratados, incidirão na vida adulta e ministerial. Uma vez que, aquilo que impacta religiosamente o homem impacta o seu desenvolvimento psicológico e vice-versa. Assim, quanto maior for o conhecimento da pessoa sobre o que plasma a sua mente, o seu interior, maior será a possibilidade dela se tornar mais livre, feliz e autêntica.<sup>74</sup>

---

<sup>71</sup> MONDONI, 2014, p. 18.

<sup>72</sup> ANGERAMI-CAMOM, Valdemar Augusto apud PESSINI, Leo. **Espiritualidade e arte de cuidar**: o sentido da fé para a saúde. São Paulo: Paulinas; Centro Universitário São Camilo, 2010. p. 105.

<sup>73</sup> VALLE, 2008, p. 103.

<sup>74</sup> RODRIGUES, 2020, não paginado.

Em *Fides et Ratio*, João Paulo II diz que a busca pelo autoconhecimento é uma atitude praticada há séculos, que “levou a humanidade a encontrar-se progressivamente com a verdade e a confrontar-se com ela. [...] É um caminho que se realizou [...] no âmbito da autoconsciência pessoal.”<sup>75</sup> À medida em que o ser humano aprofunda seu conhecimento sobre a realidade que o cerca, mais ele é capaz de responder à grande questão de quem sou eu, na sua unicidade.

O Papa ainda explica que o desejo presente no coração humano de conhecer a verdade sobre Deus, amá-lo e, assim, alcançar a plena verdade sobre si mesmo, foi implantado pelo Criador. Assim, a tarefa de se autoconhecer frente ao anseio humano por conhecer a verdade sobre si “[...] deve ser assumido como regra mínima de todo o homem que deseje distinguir-se, no meio da criação inteira, pela sua qualificação de *homem*, ou seja, enquanto *conhecedor de si mesmo*.”<sup>76</sup>

A mãe Igreja, crendo “que Cristo morreu e ressuscitou por todos,”<sup>77</sup> responde à questão existencial humana afirmando que “a verdade da revelação cristã, que se encontra em Jesus de Nazaré, permite a quem quer que seja perceber o *mistério* da própria vida.”<sup>78</sup> Ou seja, é na luz do Cristo, que se fez solidário em nossa humanidade, que o mistério do ser humano é desvendado, e no qual as questões que brotam em sua existência, no contexto atual, encontram solução.

Assim, o autoconhecimento na perspectiva da espiritualidade cristã visa levar o ser humano a tomar consciência do fim para o qual é chamado, ou seja, nas palavras de Santo Inácio de Loyola, “para louvar, reverenciar e servir a *Deus* nosso Senhor e, assim, salvar-se. As *outras* coisas [...] são *criadas para o ser humano* e para o ajudarem a atingir *o fim para o qual é criado*.”<sup>79</sup> Desse modo poderá converter os próprios ganhos e crescimentos em vida para os outros, pois, enquanto fruto do amor Criador, é chamado a não reter em si mesmo o seu potencial para o bem e, assim, dar sentido à própria vida.

Talvez para uma determinada mentalidade moderna o cultivo da espiritualidade pode ser tido como algo inútil e de completa perda de tempo. Principalmente se a lógica for orientada a considerar o valor da pessoa mais pelo que ela produz do que ela é em si. Nesse sentido, se o

---

<sup>75</sup> JOÃO PAULO II, 1998, não paginado; FR 1.

<sup>76</sup> JOÃO PAULO II, 1998, não paginado; FR 1. Grifo do autor.

<sup>77</sup> 2Cor 5,15.

<sup>78</sup> JOÃO PAULO II, 1998, não paginado; FR 15. Grifo do autor.

<sup>79</sup> LOYOLA, Inácio de. **Escritos de Santo Inácio**. Exercícios espirituais. Trad. R. Paiva. São Paulo: Loyola, 2000. cit. 23. Grifo do autor.

critério de medida para a vida for o ter e o fazer,<sup>80</sup> o prazer e a satisfação de toda e qualquer paixão a qualquer preço, certamente a espiritualidade cristã não passaria de um investimento sem retorno.

Contudo, como já mencionado, não é bem essa a verdade existencial que permeia a estrutura humana, visto que o ser humano é internamente inclinado pelo desejo de se conhecer, decifrar sua origem, seu sentido presente e futuro. Embora na condição de criatura, a sede em sua alma pelo infinito não se aplaca nas coisas finitas por mais aquisições que conquiste ou status que alcance. Por essa realidade apontar para uma verdade maior e transcendente, Santo Agostinho, iluminado em sua intelectualidade pela verdade de Deus, afirma que o imutável é preferível ao mutável.<sup>81</sup>

Agostinho reconhece que, por conta da fraqueza humana, buscava inutilmente nas criaturas, nas coisas, na beleza, saciar o desejo em sua existência de estar unido a Deus,<sup>82</sup> até então ignorado pela embriaguez dos sentidos desordenados. Descobre em si a presença ignorada de Deus, que lhe era mais íntimo do que ele mesmo e, reconhecendo que como criatura feita para o seu Criador, sua alma só encontraria descanso quando nele repousar, declara poeticamente,

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! [...] Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas de tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinha-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiam se em ti não existissem. [...] teu grito rompeu a minha surdez. [...] tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste e agora estou ardendo no desejo de tua paz.<sup>83</sup>

Nessa declaração de Agostinho, percebe-se que em seu processo de conversão ele foi compreendendo que só Deus era capaz de saciar o

---

<sup>80</sup> FIORES, Stefano de. In: GOFFI, Tullio. **Dicionário de espiritualidade**. Trad. Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulos, 1993. p. 340-341.

<sup>81</sup> HIPONA, 1984, VII,17; p. 192.

<sup>82</sup> HIPONA, 1984, VII,17; p. 191.

<sup>83</sup> HIPONA, 1984, X,27; p. 295.

real desejo em sua alma de paz, de comunhão com o seu criador, frente o mistério de sua existência. Karl Rahner, segundo Sesboüé, acerca do mistério que o ser humano é para si mesmo nessa incapacidade de se autodefinir ou de autocompreender-se, declara que “[...] quando dizemos de nós mesmos tudo o que o espírito pode abraçar, tudo que é definível, ainda não dissemos nada, a menos que tenhamos incluído em todos esses enunciados nossa referência ao Deus incompreensível.”<sup>84</sup>

Uma vez que a espiritualidade abrange a totalidade do ser humano, e é compreendida como uma forma de estar no mundo, considera-se a partir de uma da visão bíblica que “cada pessoa é um todo inteiramente vivificado pelo hálito de Deus.”<sup>85</sup> Nesse sentido, é preciso superar visões reducionistas e equivocadas sobre a dignidade do corpo humano, resgatando a visão unitária do ser humano, já que “a sua dignidade é inconcebível sem o corpo.”<sup>86</sup> Ou seja, sem corporeidade não pode haver pessoa, não pode haver espiritualidade e as próprias relações ficariam comprometidas, contrariando até mesmo a fé na encarnação já que,

Jesus Cristo era verdadeiramente o Filho de Deus e o filho de Maria. A partir dessa verdade fundamental de nossa fé, aprendemos a reverenciar nossa própria humanidade, porque o próprio Deus assumiu nossa condição humana com toda seriedade na criação e na encarnação.<sup>87</sup>

Portanto, a espiritualidade compromete de modo total a pessoa em sua existência. E uma vez dotado de corporeidade o ser humano tem contexto histórico, marcas, desejos, necessidades vitais, sonhos, vontades, anseios e estabelece relações corporais.<sup>88</sup> Por meio dos sentidos ele experimenta o mundo à sua volta e pode, inclusive, ser afetado em seus sentidos na própria experiência espiritual. É capaz de identificar conscientemente a procedência de certos movimentos interiores que o estimulam, sendo espirituais ou não, e orientá-los.

---

<sup>84</sup> RAHNER, Karl. In: SESBOÛÉ, Bernard. **O homem, maravilha de Deus:** ensaio de antropologia cristológica. Trad. Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulinas, 2021. p. 65.

<sup>85</sup> ESPEJA, 1994, p. 31.

<sup>86</sup> ESPEJA, 1994, p. 40-41.

<sup>87</sup> COZZENS, Donald B. [ORG]. **A espiritualidade do padre diocesano.** Trad. Joshua de Bragança Soares. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 150.

<sup>88</sup> ESPEJA, 1994, p. 30.



Mas é verdade também que, segundo o testemunho de Paulo, às vezes, pode se estar alheio à causa de certas inclinações e sem entender por que não pratica o que quer e sim o que detesta.<sup>89</sup> É interessante espelhar algumas atitudes do ser humano a partir da própria conduta de Adão,<sup>90</sup> em virtude de sua queda pela desobediência. Adão esconde-se! Tenta uma forma de se esconder de Deus, esquivar-se da verdade e da própria responsabilidade, pelo medo das consequências ao ser descoberto no seu tropeço.

Quando o Senhor o chama indagando “Onde estás?”,<sup>91</sup> ainda no exercício de seu livre arbítrio, Adão, não tendo coragem de enfrentar-se na presença de Deus, por orgulho, preocupação com a autoimagem, justificando-se no medo, acaba tentando transferir para Eva a responsabilidade pela situação criada. Eva, por sua vez, acusa a serpente. Adão foge tentando se esconder de Deus, mas a verdade na qual anseia o seu coração e para a qual foi criado o segue, tal como seguiu o filho pródigo. Contudo, enquanto não cai em si, não se assume acolhendo a própria história responsabilmente, a tentativa de se esconder resulta na ruptura com Deus, consigo mesmo e com Eva, levando à perda do paraíso, de uma vida plenificada na presença de Deus.

É por isso que para Artaud Gérard, o caminho para se sair da sombra é a reconciliação consigo mesmo, ante tudo que emerge de nós com relação ao contexto, pois batalhar contra o homem velho no objetivo errôneo de aniquilar essa parte de si, em suas fragilidades, sombras e contradições, equivale a se desintegrar. É o mesmo que aniquilar a si mesmo em tudo que se é.<sup>92</sup> A vida no Espírito, ao contrário, integra o ser de modo que como obra do Espírito a pessoa conquista o domínio de si, a generosidade, a tolerância; inspirada pelo amor “[...] gera liberdade e torna as pessoas solidárias.”<sup>93</sup>

Conforme afirma Anselm Grün, esse caminho requer maduro discernimento para se poder reconhecer, nesse processo, o convite ao crescimento,<sup>94</sup> integrando as inconstâncias de sentimentos e variações de estados e superando as tendências autodestrutivas que impossibilitam a

---

<sup>89</sup> Rm 7,15.

<sup>90</sup> Gn 3,1-13.

<sup>91</sup> Gn 3,9.

<sup>92</sup> ARTAUD, 1982, p. 7-22.

<sup>93</sup> ESPEJA, 1994, p. 31-32.

<sup>94</sup> GRÜN, Anselm. **O ser fragmentado**: da cisão à integração. Trad. Inês Antonia Lohbauer. Aparecida: Ideias & Letras, 2004. p. 07-102.

pessoa de unificar suas luzes e sombras. É preciso integrar os polos para se passar da cisão à integração do *eu* verdadeiro e saudável. Pois,

O homem torna-se inteiro quando não é mais fragmentado em suas contradições, mas quando diante de Deus traz a uma unidade tudo que há dentro dele [...]. A pessoa simples é aquela que é inteira, que integra tudo o que há dentro dela e direciona-o a Deus. [...] seus erros e suas fraquezas, são transparentes para Deus. Essa transparência elimina sua fragmentação.<sup>95</sup>

Ao tratar da memória como sede de todas as noções apreendidas e dos sentimentos nela contidos, Santo Agostinho<sup>96</sup> diz que a mulher da parábola da dracma perdida<sup>97</sup> não teria encontrado a sua moeda se dentro dela não houvesse uma imagem interior, na qual a reconheceu. A atitude de quem busca o autoconhecimento é como a mulher que admitiu ser necessário acender a luz da memória interior para encontrar a sua moeda.

Assim, como a personagem da parábola, deve-se acender a luz da autoconsciência para que entre em contato com o próprio eu, com o mistério em nós, que pode se encontrar perdido, esquecido ou escondido por baixo das aparências, das coisas externas, aos condicionamentos, traumas ou rejeições que torna o sujeito estranho na própria casa. Aliás, “haverá maior mal do que não podermos estar em nossa própria casa? Se em nosso próprio lar não achamos sossego, que esperança teremos de encontrá-lo em casas alheias?”<sup>98</sup>

Fazendo memória de fé, a pessoa ora, aperta o interruptor que acende a luz de Cristo em si, iluminando a busca, para identificar os vícios que, como os inimigos da alma, guerreiam para que se esteja preso fora de casa. Afinal, quem vive alheio à própria vida e ao próprio chamado, vive perdido no tempo e no espaço, não será capaz de encontrar em casas alheias a paz que deveria procurar na própria casa.<sup>99</sup> Por isso, como declara padre Amadeo Cencini, citado por Nogueira:

Possuir a própria existência significa conhecer-se em seus limites e fraquezas, dons e talentos. Ser

---

<sup>95</sup> GRÜN, 2004, p. 29.

<sup>96</sup> HIPONA, 1984, X,9-19, p. 276-287.

<sup>97</sup> Lucas 15,8-10.

<sup>98</sup> JESUS, 2018, p. 47.

<sup>99</sup> JESUS, 2018, p. 47-48.

sujeito da própria vida significa, apoiado na graça de Deus e iluminado por Ele, direcionar a própria vida para o amor e não ir sendo levado pelos acontecimentos, como um galho na enxurrada, como criança ao sabor de qualquer vento (Ef 4,14).<sup>100</sup>

Segundo Thomas Keating, antes do Concílio Vaticano II havia determinadas linhas de catequese que conduziam os fiéis a certos comportamentos e atitudes para com Deus Pai que não correspondiam ao Deus Pai de Jesus. Tal espiritualidade provocava atitudes negativas ou bloqueios ao projetar a imagem de um *Deus-fora-de-mim*, acarretando, como consequência, um *eu-fora-de-deus*.<sup>101</sup>

Houve um tempo em que se vivia sob um ideal de santidade desvinculado da “realidade nua e crua da vida, na alegria e na dor, com sucessos e fracassos, sempre começando de novo.”<sup>102</sup> E isso causava uma cisão na personalidade do indivíduo, acarretando até transtornos psíquicos por não considerar a pessoa humana na sua totalidade e o ordinário da vida como meio para se santificar.

Mas eis que o Espírito trouxe um novo respiro para a Igreja. Keating fala que foi graças ao “modelo bíblico de espiritualidade redescoberto por estudiosos cristãos,” assumido pelo Concílio Vaticano II, que a Igreja pode superar “[...] o falso sistema uniforme com falsos valores e excessivas exigências baseadas em nosso senso ferido de quem somos e nossa consequente necessidade de compensar.”<sup>103</sup>

Ao tratar da espiritualidade bíblica, Mondoni afirma que

A Escritura [...] projeta e promove uma experiência vital e espiritual: a Palavra de Deus tem a autoconsciência de ser produtora de espiritualidade, de existência, de interioridade. Ela

---

<sup>100</sup> CENCINI, Amadeo. In: NOGUEIRA, Maria E. O; LEMOS, Silvia Maria L. **Tecendo o fio de ouro: caminho ordo amoris**. 10. ed. Aquiraz: Shalom, 2008. p. 224.

<sup>101</sup> KEATING, Thomas. **Intimidade com Deus**. Trad. Barbara Theoto Lambert. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999. p. 40. Grifo autor.

<sup>102</sup> McNULTY, Frank. Um coração inflamado. In: COZZENS, Donald B. [Org]. **A espiritualidade do padre diocesano**. Trad. Joshua de Bragança Soares. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 169.

<sup>103</sup> KEATING, 1999, p. 29.

se apresenta como texto espiritual, gerador e guia da experiência espiritual.<sup>104</sup>

Essa mesma experiência espiritual quando gerada pela graça de Deus abre naquele que dela prova “[...] à moral, às leis, às obras e ao culto,”<sup>105</sup> uma vez que ela é dinâmica e engloba o ser humano na sua totalidade. Desse modo é preciso vigiar quanto ao risco de espiritualidades apenas intimistas ou espiritualidades voltadas às realidades unicamente etéreas. Pois, uma vez que, desvinculada de uma espiritualidade de base,<sup>106</sup> que desconsidera o próprio barro, pode gerar pessoas angustiadas, com ideais humanamente inalcançáveis, incoerentes, de aparência.

É preciso entender que,

A viagem espiritual tem grande dificuldade para começar bem, se carregamos um fardo de atitudes negativas não examinadas nem questionadas para com Deus. Nossas atitudes básicas para com Deus são frequentemente solicitadas por circunstâncias e tentações a regredir a antigos níveis de relacionamento que eram imaturos e indignos de Deus. Fazemos com facilidade julgamentos sobre Deus que, na verdade, são projeções de nossos níveis de consciência imaturos.<sup>107</sup>

Jesus propõe um itinerário espiritual ao dizer “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.”<sup>108</sup> Na obra *O Diálogo*, Santa Catarina de Sena<sup>109</sup> descreve uma de suas experiências místicas, declarando que o passo inicial e fundamental para a busca da Verdade é o autoconhecimento:

O Caminho para atingir o conhecimento verdadeiro e a experiência do meu ser – Vida eterna que eu sou – é este: nunca abandones o autoconhecimento! Ao desceres para o vale da humildade, reconhecer-me-

---

<sup>104</sup> MONDONI, 2014, p. 22.

<sup>105</sup> MONDONI, 2014, p. 22.

<sup>106</sup> MÉZERVILLE, 2012, p. 120.

<sup>107</sup> KEATING, 1999, p. 37.

<sup>108</sup> Jo 8,32.

<sup>109</sup> SENA, Catarina de. **O Diálogo**. Trad. João Ales Basílio. 2. ed. São Paulo: Paulus. 2021. p. 31.

ás em ti, e de tal conhecimento receberás tudo aquilo de que necessitas.<sup>110</sup>

Conforme Amadeo Cencini, quando o sujeito se percebe nesse amor e se permite, em resposta, amar intensamente o eterno Deus que, revelando-o a si próprio, “fá-lo tomar consciência, como nenhum outro afecto, da sua beleza, [...] torna-o [...] consciente dos medos, das defesas [...]. *Ninguém, como enamorado de Deus, conhece os muros e os subterrâneos do próprio coração.*”<sup>111</sup> Portanto, como afirma Santa Teresa, “pensar que havemos de entrar no céu e não entrar em nós, conhecendo-nos e considerando nossa miséria e o que devemos a Deus e pedindo-lhe muitas vezes misericórdia, é desatino.”<sup>112</sup> Assim, ambas as santas, em suas experiências místicas ensinam que para aqueles que desejam conhecer a Deus, o primeiro sentido de verdade que se deve buscar é a verdade sobre si mesmos. Refletir-se-á, a partir de agora, o autoconhecimento na perspectiva da vida presbiteral.

---

<sup>110</sup> SENA, 1984, p. 33.

<sup>111</sup> CENCINI, Amadeo. **Virgindade e celibato hoje**: para uma espiritualidade pascal. Trad. Maria do R. P. Lisboa: Paulus, 2008. p. 129 e 130. Grifo do autor.

<sup>112</sup> D’ÁVILA, Teresa. **Obras completas**. Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 650. I, 11.



## 2. PRESBÍTERO: HOMEM DO SAGRADO

[...] Resplandeçam nele as virtudes evangélicas:  
 [...] Brilhem em sua conduta os vossos mandamentos, para que o exemplo de sua vida desperte a imitação de vosso povo e, guiando-se por uma consciência reta, permaneçam firmes e estáveis no Cristo.

(Pontifical Romano)

O objetivo nesse segundo capítulo é reconhecer que quanto mais o presbítero cresce na autoconsciência, mais autenticamente ele passa a alinhar a sua vida com aquilo que deseja ser e é chamado a realizar. Ainda que a aventura de decifrar a própria alma, identificando os impedimentos que comprometem o olhar em relação a Deus ou aos outros e a si mesmo, não seja uma tarefa assim tão fácil de se aprender, tal processo possibilita o tornar-se alguém melhor e mais capaz para ajudar as pessoas em seu ministério.

Um caminho de autoconhecimento é imprescindível para que o presbítero possa desenvolver áreas importantes da sua vida, adquirindo mais ciência da gama pessoal de imagens que precisam ser decodificadas em seu interior. Por esse motivo é necessário um crescimento no superar a si próprio através do conhecimento de si e de Deus, para sair das engrenagens que o possam prender a este mundo, aos sentidos e aos prazeres, libertar-se das compensações ou satisfações passageiras.

### 2.1 PONTO DE PARTIDA: O CHAMADO INICIAL

Certa vez, para ajudar Inês de Praga em seu discernimento por conta de uma ordem que recebera do Papa, orientando-a que tivesse propriedades, Santa Clara, em resposta à sua questão, envia uma carta exortando sua irmã:

[...] Lembre-se da sua decisão como uma segunda Raquel. Não perca de vista seu ponto de partida, conserve o que você tem, faça o que está fazendo e não deixe, mas em rápida corrida, com passo ligeiro e pé seguro, de modo que seus passos nem recolham a poeira, confiante e alegre, avance com cuidado pelo caminho da bem-aventurança. Não confie em ninguém, não consinta com nada que queira afastá-la desse propósito, que seja tropeço

no caminho, para não cumprir seus votos ao altíssimo na perfeição em que o Espírito do Senhor a chamou.<sup>113</sup>

(2Clm 11-14).

Sem precisar cair num espírito romancista e nem precisar recorrer a maiores reflexões, não é exagero considerar que toda história de amor, seja ela qual for, tem um começo ou um ponto de partida. De igual modo toda vocação tem um ponto de partida, aquele marco inicial em que o coração da pessoa chamada é como que flechada pelo amor da Trindade. Recorrendo-se ao Antigo Testamento será possível verificar o ponto de partida da vocação do patriarca Abraão,<sup>114</sup> por exemplo.

Testifica-se não só a mudança de seu nome, em vista da vocação, como também o seu exemplo de fidelidade e docilidade na forma com que responde ao chamado do Senhor. Mas também, ao beber dos testemunhos retratados pelos Evangelhos, é possível conferir o ponto de partida dos primeiros discípulos como Simão e André, ou Tiago e seu irmão João,<sup>115</sup> entre outros que, depois se tornaram os primeiros apóstolos. Ou ainda, o ponto de partida que fez de Paulo de Tarso<sup>116</sup> um exímio missionário e propagador do Evangelho do cristianismo, como aponta Carlos Merters.<sup>117</sup>

Certamente, esses homens da Sagrada Escritura eram diferentes entre si, tinham contextos de vida diferentes. Também tinham defeitos, dúvidas e medos e precisaram lutar e amar para descobrirem a si mesmos, segundo Grün.<sup>118</sup> Contudo, mesmo com suas contradições, dado a determinação interior de cada um, guiados pelo vigor masculino, conseguiram amadurecer sua vocação, e ainda hoje inspiram e encorajam a se crescer na fé e nas decisões da vida.

Na carta enviada a sua irmã, é perceptível que Clara ao levar a irmã a refletir sobre a dada situação, refere-se à experiência fundante de Inês a

---

<sup>113</sup> CENTRO FRANCISCANO DE ESPIRITUALIDADE. **Escritos de Santa Clara**. Carta 2 a Inês de Praga: 2Ctln 11-14. Disponível em: <[http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes-leitura?id=611&parent\\_id=525](http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes-leitura?id=611&parent_id=525)>. Acesso em: 10 jun. 2021. Não paginado.

<sup>114</sup> Gn 12,1.

<sup>115</sup> Mt 4,18.

<sup>116</sup> At 9,4.

<sup>117</sup> MESTERS, Carlos. **Paulo Apóstolo**: um trabalho que anuncia o Evangelho. São Paulo: Paulus, 1991. p. 24-143.

<sup>118</sup> GRÜN, Anselm. **Homens da Bíblia**: lutar e amar para encontrar a si mesmos. Trad. Sergio Ricardo Lima. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 7-200.



partir da qual ela deveria ponderar a sua decisão. Mas que também é própria de toda autêntica vocação que tem como finalidade a entrega da própria vida a serviço de Deus.

A história do povo de Israel em seu relacionamento com Deus é marcada por altos e baixos, dado a fragilidade da contingência humana ou às fraquezas próprias da carne. Hora o povo eleito tropeça nas más inclinações do coração, caindo em infidelidades, inconstâncias e incoerências de vida, precisando o Senhor suscitar profetas que os exortem a voltar ao bom caminho. Como quando o povo, negligenciando a fé genuína a Deus, tornando-se tolerantes ao sincretismo religioso, declara o profeta:

Meu povo será destruído por falta de conhecimento. Porque tu rejeitaste o conhecimento, eu te rejeitarei do meu sacerdócio; porque esqueceste o ensinamento de teu Deus, eu também me esquecerei dos teus filhos. Quanto mais numerosos se tornam, tanto mais pecaram contra mim, eu mudarei sua Glória em Ignomínia. Eles se alimentam dos pecados do meu povo e anseiam por sua falta. Como ao povo, assim acontecerá ao sacerdote: [...] porque um espírito de prostituição os desviou, eles se prostituíram, afastando-se de seu Deus.<sup>119</sup>

Também no livro do profeta Ezequiel<sup>120</sup> é possível conferir a advertência do Senhor quanto aos pastores que, por buscarem os seus próprios interesses, deixam de apascentar o povo para apascentarem a si mesmos. Uma infidelidade e desvio de conduta sobre a qual o Senhor expressa toda a sua contrariedade e rejeição. Como aproveitavam-se da posição para tirar vantagens pessoais, parecendo-se mais com mercenários a pastores, adverte-se: “Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar as ovelhas?”<sup>121</sup>

Ao invés de apascentarem as ovelhas, curar as doentes, fortalecer as enfraquecidas, resgatar as desgarradas ou perdidas, buscavam mais apascentarem a si mesmos, dominando o rebanho a seu bel prazer. Por isso o Senhor promete libertar suas ovelhas de suas más intenções e de

---

<sup>119</sup> Os 4,6-9a.12b.

<sup>120</sup> Ez 34,1.

<sup>121</sup> Ez 34,2.

seus desequilíbrios, pois não quer ver seu rebanho usado como pasto para satisfazer as desordenadas fomes dos maus pastores.

Santo Agostinho tece uma profunda reflexão acerca desse mesmo texto bíblico,<sup>122</sup> evidenciando, do mesmo modo, que os profetas e os pastores no tempo de Ezequiel, o presbítero-pastor que negligencia o sentido para o qual foi ungido desagradam a Deus. Pastores que sacrificam suas ovelhas para desfrutar as suas custas o que elas mesmas não têm, buscando mais a si mesmos em seu ministério do que a vontade do Senhor, desagradam a Deus. Não são pastores, mas mercenários porque não apascentam as ovelhas segundo o coração do Sumo Pastor.

Agostinho ainda apresenta São Paulo como exemplo de quem, após sua conversão, sempre buscou o bem daqueles que a ele eram confiados, vivendo sobriamente na riqueza e na pobreza. Afirma que ele acolhia com gratidão tudo quanto o povo dava para o seu sustento terreno e suprir as suas necessidades. Como ele, os pastores não devem buscar o “[...] próprio proveito, como se anunciassem o Evangelho só para atender a sua penúria, mas tenham em mira a luz da palavra da verdade a fim de iluminar os homens.”<sup>123</sup>

Os pastores devem esquecer dos próprios interesses para poderem atender bem os das ovelhas, por mais que a natureza reclame o contrário,<sup>124</sup> sem confundir alguns gestos de caridade recebida como forma de pagamento ou comercialização do Evangelho. Assim, é uma incoerência de vida pastores que vivem em função de seus desejos ou necessidades, atrás de honras e aplausos. Embora afirme Hipona que essas desordenadas motivações não passam de um desejo de esconder ou negar os próprios limites, a própria finitude, fraquezas ou ser poupado de rejeições.<sup>125</sup>

Pela proclamação do salmista se encontra o lamento: “Ah! Se meu povo me escutasse, se Israel andasse em meus caminhos...,”<sup>126</sup> possibilitando perceber as pistas do desvio do povo que levou a esse desabafo. Tudo aconteceu porque Israel não quis ouvir a voz do Senhor e nem quis saber de obedecê-lo. Ficou, assim, entregue aos próprios caminhos, dados a dureza de coração de seu povo.

---

<sup>122</sup> HIPONA, Agostinho. **Do sermão sobre os pastores**. Disponível em: <[http://www.filhosdapaixao.org.br/aos\\_sacerdotes/escritos\\_aos\\_sacerdotes\\_03.htm](http://www.filhosdapaixao.org.br/aos_sacerdotes/escritos_aos_sacerdotes_03.htm)>. Acesso em: 26 mar. 2021. Não paginado.

<sup>123</sup> HIPONA, 2021, não paginado.

<sup>124</sup> JESUS, 2018, p. 123.

<sup>125</sup> HIPONA, 2021, não paginado.

<sup>126</sup> Sl 81,14.

Jesus demonstra que Deus é um Pai misericordioso<sup>127</sup> que ama, que não impõe ser amado ou adorado e que, respeitando a escolha de cada filho em sua liberdade humana, espera o dia em que esses caiam na conta da falta desse amor e retornem à casa paterna. O que implica em assumir com responsabilidade e humildade as equivocadas escolhas para reconhecer, como afirma o Papa Francisco, segundo Giancarlo La Vella, que “[...] a caridade e a misericórdia exigem que um Pai se comprometa também a endireitar o que às vezes se distorce.”<sup>128</sup>

Revela que ele não desiste do ser humano e por isso adverte, como no livro de Apocalipse, no qual se encontra essa admoestação de amor, embora tenha se afastado de sua prática inicial:

Conheço tua conduta, tua fadiga e tua perseverança: [...] Devo reprovar-te, contudo, por teres abandonado teu primeiro amor. Recorda-te, pois, de onde caíste, converte-te e retoma a conduta de outrora. Do contrário, virei a ti e, caso não te convertas, removerei teu candelabro de sua posição.<sup>129</sup>

Como apontado anteriormente, o desvio desse primeiro amor pode se dar acarretado por diversos motivos que vão desde a negligência na vida de oração, a acídia, a não escuta de Deus, a desobediência, o relativismo, o mundanismo, a idolatria, o desinteresse pelas coisas do alto, esfriando-o do fervor na fé. O que provoca endurecimento do coração, a tibieza, as infidelidades, o afastamento, as crises, o regresso a uma vida longe de Deus como aquele filho da passagem acima citada, até a perda da identidade. Assim, ao se considerar o episódio na vida de Santa Clara, pode-se evidenciar um ponto vital à vida do presbítero: ele nunca deve perder de vista Jesus Cristo, ponto de partida e chegada de sua vocação.

Pius T. Sidegum declara que,

Um sincero encontro com Jesus provoca uma mudança e real transformação de vida. Esta

---

<sup>127</sup> Lc 15,11.

<sup>128</sup> VELLA, Giancarlo La. Não há misericórdia sem correção. **L' Osservatore Romano**, Vaticano, 9 nov. 2021. Disponível em: < <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2021-06/por-023/nao-ha-misericordia-br-sem-correcao.html> >. Acesso em: 16 jun. 2021. Não paginado.

<sup>129</sup> Ap 2,2-5.

mutação resulta do desejo de permanecer com Jesus e de fidelidade a Ele. É a experiência de deixar-se cativar pela sua pessoa e pelo seu amor. [...] Quando a pessoa se deixa tocar pela presença amorosa de Deus e Sua Palavra, [...] Forma-se um novo referencial interno. [...] de valor inestimável [...] que a mantém conectada com Ele.<sup>130</sup>

São Lucas escreve que “um discípulo não é maior do que o mestre; todo discípulo bem formado será como o mestre.”<sup>131</sup> Sob a luz desse versículo pode-se afirmar que os olhos dos presbíteros devem estar fixos no seu mestre Jesus, modelo supremo de seu ministério. Ele, assumindo a sua identidade, viveu autenticamente a sua condição humana e divina sem jamais se afastar de sua missão; fazer a vontade do Pai era seu alimento,<sup>132</sup> mesmo diante das sofridas situações que enfrentou.

A forma como Jesus lidava com as contingências da vida e com as pessoas revelam a sua incomparável maturidade humana e espiritual. Ele é

o homem que reúne em si todos os arquétipos [...], é o profeta que anuncia a vontade de Deus [...]. É o verdadeiro rei [...]. O justo sofredor e o mártir que sustenta a sua mensagem. É o guerreiro que luta colérica e energicamente contra a crueldade dos fariseus [...] é amigo de seus discípulos. [...] Mostra a forma de lidar com as mulheres [...]. É o pícaro [...]. É o homem integrado, o homem completo, que une em si *anima* e *animus*, amor e agressividade, Deus e homem, luz e escuridão, céu e terra.<sup>133</sup>

Revelando o rosto do Pai, Jesus afirmou aos seus discípulos que se o conhecessem conheceriam também o seu Pai.<sup>134</sup> Pois, era o próprio Pai que permanecendo nele comunicava suas palavras por meio de sua voz e realizava as suas obras, confirmando, assim, que ele estava no Pai e o Pai estava nele. E garante a seus discípulos que se acreditassem nele, fariam até obras maiores que as dele, sendo atendidos caso pedissem algo a Deus em seu nome.

---

<sup>130</sup> SIDEGUM, Pius T. **Configurar-se com Cristo**. Nova Prova: Porto Alegre, 2005. p. 85.

<sup>131</sup> Lc 6,40.

<sup>132</sup> Jo 4,34.

<sup>133</sup> GRÜN, 2013, p. 184.

<sup>134</sup> Jo 14,9.

Sendo assim, para que o ministério presbiteral possa ser como sal da terra, dando à vida das pessoas o sabor de Cristo, e luz do mundo como reflexo do “bom odor de Cristo e a luz da sua misericórdia,”<sup>135</sup> muito importa o cultivo da oração, da meditação, da *lectio divina*, da dimensão contemplativa, no exercício de fixar o olhar naquele que nos olha.<sup>136</sup> Portanto,

Ai da alma se lhe falta Cristo, cultivando-a com diligência (interesse, cuidado, zelo), para que possa germinar os bons frutos do Espírito! Deserta, coberta de espinhos e de abrolhos, terminará por encontrar, em vez de frutos, a queimada. Ai da alma, se seu Senhor, o Cristo, nela não habitar! Abandonada, encher-se-á com o mau cheiro das paixões, virará moradia dos vícios.<sup>137</sup>

E, dado a raiz de seu ministério, como é importante ao presbítero que, ao final de suas atividades diárias, a última luz que ele possa ver no final do dia seja a do sacrário. Afirma o Papa Francisco<sup>138</sup> que

O sacerdote é um homem que, à luz do Evangelho, espalha o gosto de Deus ao seu redor e transmite esperança aos corações atribulados. [...] Despojem-se de suas ideias preconcebidas, seus sonhos de grandeza, sua autoafirmação, a fim de colocar Deus e as pessoas no centro de suas preocupações cotidianas.<sup>139</sup>

---

<sup>135</sup> FRANCISCO. **Terceira meditação: o bom odor de Cristo e a luz da sua misericórdia**. Retiro espiritual guiado pelo Papa Francisco por ocasião do jubileu dos sacerdotes. Basílica de São Paulo Extramuros. 2 jun. 2016. Não paginado.

<sup>136</sup> FRANCISCO. **Catequese 32**: a oração contemplativa. Audiência geral. Biblioteca do Palácio Apostólico. 5 mai. 2021. Não paginado. Grifo nosso.

<sup>137</sup> MACÁRIO. Ai da alma que não habita Cristo. In: LITURGIA das horas. 2. ed. Típica. Petrópolis: Vozes et al., 2000. p. 521.522. v. IV. p. cit. 521-522; Hom. 28; PG 34,710-711.

<sup>138</sup> FRANCISCO, 2016, não paginado.

<sup>139</sup> FRANCISCO. O Papa: as fragilidades são um lugar teológico. Os sacerdotes super-homens terminam mal. **Vatican News**, 07 jun. 2021. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-06/papa-francisco-sacerdotes-franceses-fragilidades-lugar-teologico.html>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

Santo Afonso Maria Ligório ensina que quem deseja ser santo precisa se resolver “[...] a pôr mãos à obra, porque o demônio não teme as almas irresolutas.”<sup>140</sup> É preciso buscar de Deus, em Cristo Jesus, a oração e a mortificação como meios vitais para se alcançar o seu amor e a sua santidade. Assim, “a oração faz entrar o amor divino no coração, e a mortificação dele remove a terra”<sup>141</sup> e o capacita para receber o fogo do amor divino.

Desse modo, para que o presbítero possa manter-se disponível à missão de se fazer lugar de encontro, mas sem autorreferencialidade, exercitando uma verdadeira paternidade espiritual, não deve perder de vista o seu ponto de partida. Mas, também não perder de vista que esse primeiro amor esteja no fato de verificar, como ensina Grün,<sup>142</sup> se ele está realmente consigo mesmo, percebendo se é ele mesmo nos pensamentos, emoções e escolhas, para poder se tornar homem do sagrado. Só assim poderá, como acima foi exposto, exercer um ministério quenótico, alegre e apaixonado pelo povo, evitando tornar-se burocrata do sagrado.<sup>143</sup>

## 2.2 JESUS CRISTO: O MODELO PRESBITERAL

Como visto no capítulo anterior, os referenciais que o sujeito dispõe como base no decorrer da sua existência influenciam consideravelmente na construção da identidade, no seu processo de desenvolvimento humano. Algumas experiências podem, assim, incidir de modo positivo ou negativo sobre a saúde psíquica, emocional e espiritual do sujeito, favorecendo ou não seu processo de integração. Deste modo, ter bons referenciais torna-se importante para a edificação de uma estrutura forte e resiliente no indivíduo, capacitando-o para suportar as adversidades e o impulsionar rumo à meta.

Segundo o dicionário, etimologicamente, “a palavra modelo deriva do italiano *modello*, pelo latim vulgar *modellum*, forma diminutiva de *modus*, com o sentido de medida que não pode ser ultrapassada.”<sup>144</sup> Ou seja, um objeto no qual a pessoa se pauta, ou se espelha como referência,

---

<sup>140</sup> LIGÓRIO, Afonso Maria de. **Meditações:** para todos os Dias e Festas do Ano: Tomo I: Desde o primeiro domingo do Advento até a Semana Santa Inclusive. Trad. P. João de Jong. Friburgo: Herder & Cia, 1921, p. 360-362. p. cit. 360.

<sup>141</sup> LIGÓRIO, 1921, p. 360.

<sup>142</sup> GRÜN, 2013, p. 20.

<sup>143</sup> FRANCISCO, 2016, não paginado.

<sup>144</sup> HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1545.

para construir outra coisa idêntica. Considerar alguém como modelo, significa destacá-lo por possuir determinadas características e qualidades consideradas em mais alto grau, servindo de imagem, ou padrão referencial a ser imitado, fonte de inspiração.

Embora cada homem possa ver, como afirma Grün, “[...] em Jesus aspectos diferentes da condição masculina, enxergando nele o homem, aquilo que é importante para a sua própria essência masculina,”<sup>145</sup> para a Igreja Católica, Jesus é a pessoa com todas as características consideradas sublimes e dignas de incorporação, é Jesus Cristo imagem ideal do presbítero.<sup>146</sup> Ele é a imagem na qual todo ser humano é chamado a ser e o arquétipo por excelência no qual se encontra todas as virtudes e qualidades que o faz modelo de pastor para o ministro ordenado em sua serviço ministerial.

O padre, por sua vez, “enquanto representa Cristo Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja,”<sup>147</sup> deve espelhar através de sua vida a vida e a ação de Jesus Cristo, como um *alter Christus*. Afinal, é dele que os presbíteros devem a sua identidade e dignidade já que estão “unidos sacramentalmente com o sacerdócio ministerial”<sup>148</sup> de Cristo, Bom Pastor, por graça e ação do Espírito Santo.

E assim como as palavras, ensinamentos, gestos e obras de Jesus refletiam sua intimidade com o amor do Pai, também o presbítero é chamado a ser reflexo dessa união com o Ressuscitado. De modo que a sua vida e o exercício do seu ministério reflitam como um sinal de Cristo entre os fiéis, como aponta a *Inter Insigniores*.<sup>149</sup> Pois, através do “sacramento da ordem, o presbítero é configurado de modo especial à Jesus Cristo Pastor.”<sup>150</sup> Portanto, quem recebe aquele a quem o Senhor

<sup>145</sup> GRÜN, 2013, p. 184.

<sup>146</sup> SALVADOR, Ângelo Domingos. Formação presbiteral inicial e permanente. **Encontros teológicos**: Revista da FACASC, Florianópolis, ano 26, n. 60, p. 45-79, 2011. p. 68.

<sup>147</sup> FELLER, Vitor Galdino. **Ser padre hoje**. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013. p. 62. Grifo autor.

<sup>148</sup> JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Pastores Dabo Vobis**: sobre a formação dos sacerdotes. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 49. PDV 18.

<sup>149</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Inter Insigniores**. Vaticano: 1976. Não paginado. Disponível em <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cf\\_aith\\_doc\\_19761015\\_inter-insigniores\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cf_aith_doc_19761015_inter-insigniores_po.html)>. Acesso em: 8 abr. 2021.

<sup>150</sup> CNBB, 2019, p. 30; Doc. 110,34.

envia recebe o próprio Cristo; e quem o recebe é o mesmo que receber aquele que o enviou.<sup>151</sup>

Logo, pelo Sacramento da Ordem, o padre se torna “servo e deve continuamente empenhar-se por ser sinal que, como dócil instrumento nas mãos de Cristo, aponta para Ele.”<sup>152</sup> Ou seja, ele:

é servo de Cristo presente na Igreja, mistério, comunhão e missão. Pelo fato de participar da *unção* e da *missão* de Cristo, ele pode prolongar na Igreja a sua oração, a suas palavras, o seu sacrifício e a sua ação salvífica. É [...] servidor na Igreja, mistério, porque atua os sinais eclesiais e sacramentais da presença de Cristo ressuscitado. É servido da Igreja, comunhão [...]. É [...] servidor da Igreja, missão.<sup>153</sup>

Sendo assim, a meta que os ministros ordenados devem almejar atingir

[...] com o seu ministério e com a sua vida é a glória de Deus Pai em Cristo. Esta glória consiste em que os homens aceitem consciente, livre e gratamente a obra de Deus perfeitamente realizada em Cristo, e a manifestem em toda a sua vida. Os presbíteros, portanto, quer se entreguem à oração e à adoração quer preguem a palavra de Deus, quer ofereçam o sacrifício eucarístico e administrem os demais sacramentos, quer exerçam outros ministérios em favor dos homens, concorrem [...] também para promover a vida divina nos homens.<sup>154</sup>

---

<sup>151</sup> Jo 13,20.

<sup>152</sup> BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Sacramentum Caritatis:** ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre a eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. Vaticano: 2007. Não paginado. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20070222\\_sacramentum-caritatis.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html)>. Acesso em: 16 jun. 2021.

<sup>153</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 44; PDV 16.

<sup>154</sup> PAULO VI. Decreto **Presbyterorum Ordinis:** sobre o ministério e a vida dos sacerdotes. Vaticano, 1965. PO 2. Não paginado. Disponível em: < [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_presbyterorum-ordinis\\_po.html#>](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html#>). Acesso em 05 mai. 2021. Grifo do autor.



Portanto, sempre mais se evidencia que a relação de intimidade com Jesus Cristo é uma referência vital para o exercício do ministério presbiteral e, por isso, o ministro ordenado é chamado a cultivar uma unidade de vida em Jesus.<sup>155</sup> Logo, deve reconhecer que, “[...] por sua consagração, o seu relacionamento “com Jesus Cristo e, nele, com a Igreja, situa-se no seu próprio *ser e agir*, para que possa exercer um ministério frutuoso.”<sup>156</sup> É por isso que a sua consagração requer um constante entregar-se nas mãos de Deus, num radical desapropriamento diário de si para que o passe a viver o projeto de Deus.

Nesse sentido,

[...] os presbíteros são chamados a prolongar a presença de Cristo, único e sumo Pastor, atualizando o seu estilo de vida e tornando-se como que a sua transparência no meio do rebanho a eles confiado. [...] Numa palavra, os presbíteros existem e agem para o anúncio do Evangelho ao mundo e para a edificação da Igreja em nome e na pessoa de Jesus Cristo Cabeça e Pastor.<sup>157</sup>

Segundo padre Jêsus Benedito Santos, Jesus Cristo, o Bom Pastor, o supremo pastor,<sup>158</sup> “é um pastor que [...] coloca a ovelha como centralidade de sua ação.”<sup>159</sup> Ele mostrava-se zeloso e compassivo para com a multidão quando essa se encontrava cansada, abatida, feito ovelhas sem pastor,<sup>160</sup> pois tinha uma “[...] preocupação específica por cada ser humano,”<sup>161</sup> afirma o médico e psicólogo Augusto Cury. O renomado psicólogo, também descreve Jesus como sendo hábil na arte de penetrar no mundo das pessoas de modo aberto e autêntico, e com uma notável autoridade que advinha de sua coerência de vida ao praticar aquilo que ensinava.

---

<sup>155</sup> PAULO VI, 1965, PO 14. Não paginado.

<sup>156</sup> PAULO VI, 1965, PO 16. Não paginado. Grifo autor.

<sup>157</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 40-41; PDV 15.

<sup>158</sup> 1Pd 5,4.

<sup>159</sup> SANTOS, Jêsus Benedito dos. **Presbítero-pastor**: Sol nascente: Discípulo missionário do Senhor em tempos de mudanças. Uberlândia: A Partilha, 2018. p. 262.

<sup>160</sup> Mt 9,36.

<sup>161</sup> CURY, Augusto Jorge. **O mestre da sensibilidade**: Análise da Inteligência de Cristo. São Paulo: Academia de inteligência, 2000. v. 2. Não paginado.

Este modo de existir de Jesus é o modelo no qual os ministros ordenados são:

[...] inspirados nele e ordenados por ele, assumem a continuidade de sua missão, conduzindo a comunidade, ajudando-a a descobrir os dons e serviços próprios de cada um, coordenando seus trabalhos para que a realização da pessoa humana seja a primeira preocupação, e seu encontro com Deus seja pleno, pela compreensão de sua vontade salvadora imanente e transcendente [...].<sup>162</sup>

Assim, nas palavras de Pedro, também o presbítero é exortado:

Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, cuidando dele, não por coação, mas de livre vontade, como Deus o quer, nem por torpe ganância, mas por devoção, nem como senhores daqueles que vos couberam por sorte, mas, antes, como modelos do rebanho.<sup>163</sup>

Afinal, foram eleitos pelo Senhor para que, em seu nome, desempenhem na Igreja o pastoreio em prol do rebanho.<sup>164</sup> Pois, como dito anteriormente, os pastores que usam de sua condição para apascentar os próprios interesses, comportam-se como péssimos modelos para os fiéis. Acabam por matar as ovelhas que os observam em seus contratestemunhos, já que as escandalizam levando-as a refletir interiormente sobre tal comportamento:

Se meu pastor vive desse modo, quem sou eu para não fazer o mesmo? Matou a ovelha forte. Se matou a forte a quem não alimentou, que fará com as outras, ele que, vivendo mal destruiu o que encontrara forte e robusto? [...] Quem vive mal diante de seus subordinados, no que lhe diz respeito, mata até os fortes. Quem o imita, morre.<sup>165</sup>

---

<sup>162</sup> ALVEZ, 2021, p. 53.

<sup>163</sup> 1Pd 5,1-3.

<sup>164</sup> FRACISCO, 2018, não paginado.

<sup>165</sup> HIPONA, 2021, não paginado.

Com o Concílio Ecumênico Vaticano II se ampliou a reflexão sobre a configuração da identidade presbiteral. O que tornou possível notar a proposta da Igreja em formar “um presbítero que se identificasse com um único *modelo*, isto é, Jesus Cristo.”<sup>166</sup> Desse modo, ao fazer uso da palavra presbítero-pastor, Francisco exorta os presbíteros a serem pastores para cuidar do rebanho e não por buscarem se agarrar a uma carreira eclesialística.<sup>167</sup>

E, para tanto, ele relembra o episódio em que Paulo faz vir os presbíteros de Mileto a Éfeso, que vale para os presbíteros de hoje: “Estai atentos a vós mesmos e a todo o rebanho: nele o Espírito Santo vos constituiu guardiães, para apascentar a Igreja de Deus, que ele adquiriu para si pelo sangue do seu próprio Filho.”<sup>168</sup>

Afirma Fulton Sheen<sup>169</sup> que Jesus Cristo foi muito mais do que um sacerdote, uma vez que o seu sacerdócio foi bem distinto do modelo de sacerdócio oferecido no Antigo Testamento. Ele explica que na descrição verotestamentária, enquanto o sacerdote era sempre separado da vítima, Jesus, além de se distinguir da linhagem de Aarão, “reunia em si tanto o sacerdócio como a condição de vítima.”<sup>170</sup> Foi obediente ao Pai até o fim, amando a todos que a ele foram confiados, para que nenhum se perdesse.

Sheen ainda afirma que isso traz consequências significativas para os presbíteros diocesanos, devendo, a exemplo do mestre que se ofereceu pelos pecados da humanidade, oferecerem-se também como vítimas.<sup>171</sup> São chamados a levarem “uma vida que corresponda ao amor e ao afeto de Cristo, [...] ao seu amor para com o Pai no Espírito Santo, ao seu amor para com os homens até entregar em imolação a sua própria vida.”<sup>172</sup> São convidados a se doarem livremente e por amor em favor das ovelhas a eles confiadas.<sup>173</sup> A palavra pastor e presbítero descrevem o mesmo dever

---

<sup>166</sup> SANTOS, 2010, p. 48. Grifo do autor.

<sup>167</sup> PAPA FRANCISCO. **Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da casa Santa Marta:** Pelo rebanho não pela carreira. Vaticano: 2018. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie\\_20180515\\_rebanho-carreira.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180515_rebanho-carreira.html)>. Acesso em: 22 abr. 2021. Não paginado.

<sup>168</sup> At 20,28.

<sup>169</sup> SHEEN, Fulton. **O Sacerdote não se pertence.** Trad. Roberto Leal. 2. ed. Molokai: São Paulo, 2020. p. 33.

<sup>170</sup> SHEEN, 2020. p. 33.

<sup>171</sup> SHEEN, 2020. p. 33.

<sup>172</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 134; PDV 49

<sup>173</sup> PAULO VI, 1965, PO 5; não paginado.

quanto ao zelo pelo rebanho do Senhor, carregando, assim, o “sentido de misericórdia, alegria, ternura, carinho e a proteção de Deus para com cada ovelha.”<sup>174</sup>

Para Taborda a “metáfora está presente nos padres, desde o início do cristianismo, para expressar a função de direção, própria do ministro ordenado,”<sup>175</sup> chamado à arte de guiar as almas. Portanto, “é, por excelência, configurado a Jesus Cristo [...]. É nesse Cristo [...] chamado a espelhar-se para poder continuar a sua obra e colaborar na realização do objetivo de sua encarnação: redimir e recapitular toda as coisas.”<sup>176</sup>

Ou seja, o modelo do Bom-Pastor<sup>177</sup> não é “só de Israel, mas de todos os seres humanos,<sup>178</sup> é “o presbítero-pastor, alguém que preside o culto e trabalha pela integração de todas as ovelhas do rebanho do Senhor.”<sup>179</sup> Desse modo, exerce um carisma em vista de outros carismas “para a promoção do exercício do sacerdócio comum de todo o povo de Deus.”<sup>180</sup> Destarte, os presbíteros são chamados a seguirem o exemplo do Mestre de Nazaré, saindo de si mesmos, uma vez que a unção não é para autoprefumarem-se.

Que o nosso povo sinta que somos discípulos do Senhor, sinta que estamos revestidos com os seus nomes e não procuramos outra identidade; e que ele possa receber, através das nossas palavras e obras, este óleo da alegria que nos veio trazer Jesus, o Ungido. Amém.<sup>181</sup>

Em suma, chamado a agir *in persona Christi*, o ministro ordenado retrata o Cristo, representando a Igreja unida na fé e no amor. Assim, o modo como Jesus conduziu seu ministério é o verdadeiro modelo no qual o presbítero deve se inspirar para dar continuidade à missão de Jesus Cristo,<sup>182</sup> pois a espiritualidade presbiteral

---

<sup>174</sup> SANTOS, 2018, p. 259-260.

<sup>175</sup> TABORDA, Francisco. **A Igreja e seus ministros**: uma teologia do ministério ordenado. São Paulo: Paulus, 2011. p. 71.

<sup>176</sup> FELLER, 2013, p. 57-58.

<sup>177</sup> Jo 10,11;14.

<sup>178</sup> FELLER, 2013, p. 61.

<sup>179</sup> SANTOS, 2018, p. 260.

<sup>180</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 43; PDV 10.

<sup>181</sup> FRANCISCO, 2013, não paginado.

<sup>182</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1994, p. 231-232; LG 48. Grifo autor.

[...] é algo *sagrado*, porque é o sagrado que substancia o poder do sacerdote. E o torna poder que é um todo com a identidade do presbítero, mas que é exercido na linha do serviço, não como predomínio nem como superpoder, como se dá na lógica humana.<sup>183</sup>

Logo, conforme afirma Carlos Eduardo Alves,<sup>184</sup> o que deve fazer o ministro ordenado estando a frente e junto da comunidade é conduzi-la, mediante a proposta e o modelo de Cristo, a partir da prática salvífica aprendida com o Mestre<sup>185</sup> e não se guiar por sua própria vontade. Para Jesus, a autoridade exercida na Igreja é poder-serviço assumido no interior de uma comunidade em vista da construção do Reino de Deus. De modo que o próprio Jesus conclama os seus discípulos: “Entre vós não deverá ser assim. [...] O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate de muitos.”<sup>186</sup> Declarando ainda, no lavar os pés deles: “[...] Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais.”<sup>187</sup> Demos um passo, agora, para refletirmos do ser real e do ideal que coabitam no coração dos presbíteros.

### 2.3 ENTRE O EU REAL E O EU IDEAL

No capítulo anterior buscou-se demonstrar que, para conhecer a Deus, é preciso, antes, conhecer a verdade sobre si mesmo. Santo Inácio de Loyola, em seus *Exercícios Espirituais*, defendia que o objetivo de tais exercícios era “para se vencer a si mesmo e ordenar a sua vida sem se determinar por afeição alguma que seja desordenada.”<sup>188</sup>

---

<sup>183</sup> CENCINI, Amadeo. Curso para formadores. **O modelo da integração e relação entre formação inicial e permanente**. Curitiba: [s.l], 2017. p. 21. Grifo nosso. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/51418852-27-a-29-06-2017-curitiba-pr-o-modelo-da-integracao-e-relacao-entre-formacao-inicial-e-permanente-pe-amadeo-cencini.html>>. Acessado em: 29 jun. 2021.

<sup>184</sup> ALVEZ, Carlos Eduardo. **O ministério ordenado como servidor da unidade na igreja**: hierarquia como serviço e orientação para garantir o trabalho comum na comunidade cristã. **Artigos**. p. 41-60. p. 53. Disponível em: <<https://claretiano.edu.br/revista/revista-teologica/605b7884411a529388ea41df>>. Acesso em: 03 de mai. 2021.

<sup>185</sup> ALVEZ, 2021, não paginado.

<sup>186</sup> Mt 20,26-28.

<sup>187</sup> Jo 13,14-15

<sup>188</sup> LOYOLA, 2000, p. 9. Grifo autor.

Além de santas e santos mencionadas e mencionados anteriormente, pode-se destacar ainda entre os homens ébrios de Deus,<sup>189</sup> como menciona Jacques Lacarrière, está a vida de Santo Antão, redigida por Santo Atanásio,<sup>190</sup> cujo texto trata-se mais de uma aretologia, ou seja, “expressão literária de um modelo ideal de comportamento,”<sup>191</sup> dentre os padres do deserto. Thomas Merton<sup>192</sup> relata que, pelo desejo de buscar a salvação, esses padres impactaram a sociedade de seu tempo pelo estilo de vida que escolheram retirando-se para o deserto, pois

queriam acima de tudo era encontrar a si mesmos em Cristo. E para isso, tinham de rejeitar completamente o *falso eu*, formal, fabricado sob a coerção social no *mundo*. Buscavam um caminho que levasse a Deus e que não estivesse traçado, que pudesse ser escolhido livremente, que não fosse predeterminado por outros de antemão.<sup>193</sup>

Castilho, citado no Dicionário de Pastoral da Igreja Católica, afirma que “designam-se com o nome de presbíteros os ministros da comunidade que, com os bispos e sob sua autoridade, pregam a Palavra de Deus, administram os sacramentos e governam pastoralmente o povo de Deus.”<sup>194</sup> Portanto, cultivando a unidade entre si e com os bispos, “pelo dom do Espírito Santo dado aos presbíteros na sagrada ordenação, têm-nos como necessários cooperadores e conselheiros no ministério e múnus de ensinar, santificar e apascentar o Povo de Deus.”<sup>195</sup> E como anteriormente foi exposto, Jesus é o arquétipo no qual o presbítero é chamado a espelhar a sua vida, integralmente, consciente de que é na Santíssima Trindade que a identidade presbiteral encontra a sua fonte e razão de ser, conforme declara João Paulo II.

---

<sup>189</sup> LACARRIÈRE, Jacques. **Padres do deserto**: homens embriagados de Deus. trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2013. p. 49.

<sup>190</sup> ALEXANDRIA, Atanásio de. **Vida de Santo Antão**. São Caetano do Sul: Santa Cruz, 2019. p. 13-79.

<sup>191</sup> LACARRIÈRE, 2013, p. 53

<sup>192</sup> MERTON, Thomas. **A sabedoria do deserto**: ditos dos padres do deserto do século IV. Tra. dos Verba Seniorum por Thomas Merton. Trad. Hélio de Mello Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 3.

<sup>193</sup> MERTON, 2004, p. 6. Grifo do autor.

<sup>194</sup> CASTILLO, J. M. apud FLORISTÁN, Casiano. **Dicionário de pastoral**. São Paulo: Santuário, 1990. p. 443.

<sup>195</sup> PAULO VI, 1965; PO 7. não paginado.

Definir a natureza e a missão do sacerdócio ministerial, senão nesta múltipla e rica trama de relações, que brotam da Trindade Santíssima e se prolongam na comunhão da Igreja como sinal e instrumento, em Cristo, da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano.<sup>196</sup>

Contudo, embora o presbítero seja chamado a ser sinal e “instrumento do amor misericordioso de Deus para com o pecador,”<sup>197</sup> alguém do qual os cristãos esperam ver como espelhos de oração, íntimos das Escrituras, encontrando nele, “[...] não só um homem que os acolhe, que os escuta com todo o gosto e lhes testemunha uma sincera simpatia, mas também e sobretudo um homem que os ajuda a ver Deus, a subir em direção a Ele.”<sup>198</sup> Como todo ser humano, entre tantos dons e qualidades, ele também é dotado de limitações e fraquezas.

As expectativas que se projetam sobre o ministro ordenado são várias. No entanto, o que a Igreja pede e espera desses é, essencialmente, que ele viva consciente de que é um “homem de Deus, aquele que pertence a Deus e faz pensar em Deus.”<sup>199</sup> Aquele que, em seu testemunho de vida revela ser um presbítero misericordioso e fiel nas coisas relacionadas a Deus, sendo um bom mediador que não cria impedimentos para que as pessoas se encontrem com a misericórdia divina.

Declara o apóstolo que “Todo Sumo Sacerdote é tomado dentre os homens e colocado para intervir a favor dos homens em tudo o que se refere ao serviço de Deus.”<sup>200</sup> Trazendo essa compreensão dada a Jesus, Sumo Sacerdote, também podemos dizer que de igual modo, os padres são homens *tirados* do meio dos homens, de uma realidade concreta, de um ambiente familiar, para serem formados nos seminários e depois devolvidos pela Igreja ao convívio dos homens para serem sinais de Cristo no meio dos homens.<sup>201</sup>

Todavia, a Igreja também sabe que seus ministros ordenados, dado a sua natureza humana, também trazem tesouros em vasos de barro.<sup>202</sup> Ou seja,

---

<sup>196</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 35; PDV 12.

<sup>197</sup> FRANCISCO, 2016, não paginado.

<sup>198</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 128, PDV, 47.

<sup>199</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 129, PDV, 47.

<sup>200</sup> Hb 5,1.

<sup>201</sup> PAULO VI, 1965, PO 3; não paginado. Grifo nosso.

<sup>202</sup> 2Cor 4,7.

[...] na realidade eles são simplesmente iguais a todos os outros seres humanos. Eles são frágeis, têm fraquezas, têm crises de fé, têm necessidades, sentem raiva, sentem-se cansados, são carentes, têm problemas de relacionamento, sentem fome, ficam doentes e morrem, como todos os outros seres humanos.<sup>203</sup>

Isso, porém, em nada diminui a dignidade do sacramento, nem muito menos anula a graça que nele Deus opera em favor de seu povo. Pois, o homem padre pode colaborar como instrumento da graça no exercício de seu ministério, e como afirma Santo Tomaz de Aquino:

[...] Só Deus causa o efeito interior do sacramento. Quer porque só Deus penetra na alma, no que recebe o efeito do sacramento, e não pode nenhum agente obrar imediatamente onde não está. Quer porque a graça, efeito interior do sacramento, vem só de Deus [...]. O mesmo que se dá com o ministro se dá com o instrumento: o ato de um e de outro é de origem extrínseca, mas produz um efeito interno em virtude do agente principal que é Deus.<sup>204</sup>

Certamente que, essa superabundância da graça de Deus sobre a contingência humana<sup>205</sup> não exige do presbítero do seu pessoal esforço de atingir a santidade no exercício de seu ministério.<sup>206</sup> Pode-se concluir que muito menos o desobriga do processo de conversão, a que todo discípulo é convidado no seguimento de Cristo.<sup>207</sup> Afirma Paulo que a coerência de vida é uma exigência ao ministério ao declarar que, junto aos seus colaboradores, não deram qualquer motivo de escândalo a ninguém, para que o ministério a eles confiado não fosse desacreditado.<sup>208</sup>

Aliás, afirma o Papa Paulo VI,

---

<sup>203</sup> SANTOS, 2010, p. 23.

<sup>204</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae; Niterói: Permanência, 2016. p. 470. v. 4; Sum. Theol. IIIa,q.64,a.1.

<sup>205</sup> Rm 5,20.

<sup>206</sup> PAULO VI, 1965, PO 13; não paginado.

<sup>207</sup> Mc 1,15b.

<sup>208</sup> 2Cor 6,3.



Não poderiam ser ministros de Cristo se não fossem testemunhas e dispensadores duma vida diferente da terrena, e nem poderiam servir os homens se permanecessem alheios à sua vida e às suas situações. O seu próprio ministério exige, por um título especial, que não se conformem a este mundo; mas exige também que vivam neste mundo entre os homens e, como bons pastores, conheçam as suas ovelhas e procurem trazer aquelas que não pertencem a este redil, para que também elas ouçam a voz de Cristo e haja um só rebanho e um só pastor.<sup>209</sup>

Por outro lado, mediante o acima citado, e as palavras de Santo Tomás de Aquino, para um crente esclarecido em sua fé, a conduta de um presbítero não deveria se tornar justificativa para se esquivar de seus compromissos de batizado. É importante ressaltar que não foi possível encontrar bibliografias para este trabalho que afirmasse ter existido algum ser humano perfeito, sendo padre e na própria Igreja não se encontra qualquer documento que exija tal condição para que alguém seja ordenado, além de certos requisitos e virtudes necessárias ao ministério.

Desse modo, também aos presbíteros, enquanto seres integrais, com características físicas, psíquicas e espirituais, o conhecimento mais profundo de si mesmo se torna um fator de vital importância, para que possa “exercer autêntica influência positiva na sociedade e poder granjear para si o lugar e a legitimidade que seu ministério requer.”<sup>210</sup> Assim, “são chamados não somente a ativar a dimensão curativa no exercício de sua atividade, mas também a tomar consciência de suas próprias feridas.”<sup>211</sup>

É por isso que, segundo Timothy Radcliffe, precisa-se ter os pés no chão e aprender a encarnar o próprio corpo, compreendendo-o não como “simplesmente uma coisa que possuo, sou eu, é o meu ser como dom recebido dos meus pais, e o corpo deles dos seus pais antes deles, e em última instância de Deus.”<sup>212</sup> E assim, também ser capaz de ajudar as pessoas a transporem suas crises humanas relacionadas a afetos,

<sup>209</sup> PAULO VI, 1965, PO 3; não paginado.

<sup>210</sup> MÉZERVILLE, 2012. p. 65.

<sup>211</sup> PESSINI, 2010. p. 149.

<sup>212</sup> RADCLIFFE, Timothy. **Afetividade e Eucaristia**. Conferência pronunciada nas XXXIV Jornada Nacional de Pastoral da Juventude. 20 abr. 2019. Não paginado. Disponível em: <<https://teologialibertacao.wordpress.com/2019/04/20/afetividade-e-eucaristia/>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

desafetos, desejos, emoções entre outros momentos de dificuldades que requerem maturidade humana e espiritual.

Logo, deve se apressar em “[...] pôr mãos à obra e tecer esse saulinho, despojando-nos de nossos amor-próprio e de nossa vontade, do apego a coisinhas da terra, exercitando-nos em obras de penitência, oração, mortificação, obediência e tudo mais que sabeis.”<sup>213</sup> Assim como é importante aprofundar a convicção de que o que dá consistência ao seu ser é a consciência de si e de quem ele é diante de Deus, enquanto ajuda aquelas almas que o buscam a descobrirem o mesmo. Porque em nada favorece a própria autoimagem quando não se é honesto consigo mesmo, quando busca se enganar, julgando-se uma obra já acabada nesse processo.

Muitos, por se guardarem de ofender a Deus e terem abraçado o estado religioso, imaginam estar tudo feito. Que engano! ficam uns vermezinhos - como o que roeu a hera ao profeta Jonas - os quais nem se dão a perceber e acabam por nos roer as virtudes. É o amor-próprio. A estima de si mesmo. O hábito de julgar os outros [...]. As faltas de caridade para com os próximos, não os amando como a nós mesmos. Com isso, vamos nos arrastando à força e cumprindo nossas obrigações somente para evitar pecados. Nunca chegaremos à perfeição, às disposições necessárias para aderir totalmente à vontade de Deus.<sup>214</sup>

No evangelho de Mateus, Jesus acena a respeito do olhar, ensinando que se o olho estiver saudável todo o corpo ficará iluminado e saudável. Para dizer que, “a luz espiritual que se irradia da alma: se ela mesma está obscurecida, a cegueira será bem pior do que a que resulta da cegueira física.”<sup>215</sup> Ou seja, se tratando de cegueira espiritual

[...] é como se alguém, com cisco nos olhos, quase sem poder abri-los, entrasse num lugar onde o sol está dando em cheio. A sala está clara, mas a pessoa não goza da claridade pelo impedimento que traz em si. Em nosso caso, são os répteis e animais daninhos que cegam e obrigam a fechar os

---

<sup>213</sup> JESUS, 2018, p. 109.

<sup>214</sup> JESUS, 2018, p. 119.

<sup>215</sup> Mt 6,22. Nota a de rodapé.

olhos, para não ver outra coisa senão eles. Uma alma que vive totalmente mergulhada nas coisas do mundo, imersa no dinheiro, ou nas honras, ou nos negócios, deve ser assim.<sup>216</sup>

Isso demonstra que para a pessoa se livrar desses impedimentos é preciso converter o olhar, curá-lo das feridas que determinados ciscos ou traves que podem equivaler a vícios, traumas, feridas, ideologias, afetos desordenados, sentimentos ou emoções não processadas, entre outros, para que se veja com maior clareza quem se é, quem é Deus, o mundo e as pessoas. Portanto, é salutar, como nos fala Antão, citado por Grün “[...] nos recolhermos à cela e durante a nossa vida refletirmos muitos sobre nós mesmos, até ficarmos sabendo a espécie de pessoa que somos.”<sup>217</sup> Cela aqui, equivale a entrar em si, estar consigo para que, como afirma Evágrio Pôntico, aquele que deseja chegar ao conhecimento de Deus, que procure antes conhecer-se a si próprio.<sup>218</sup>

Ensina Radcliffe que “o desejo e as paixões contêm verdades profundas sobre quem somos e o que necessitamos e, simplesmente, suprimi-las nos tornará seres humanos mortos espiritualmente ou fará com que algum dia peguemos fogo.”<sup>219</sup> Por isso a necessidade de que se aprenda a educar os desejos, perceber com clareza o que reclamam, libertando-nos de um puritanismo que mata nossa humanidade, faz viver como que um apaixonado por Jesus, mas não por sua encarnação.

A isso também se soma o exemplo dos padres do deserto, pois

insistiam em permanecer humanos e *comuns*. [...] Haviam ido ao deserto para serem eles mesmos, para viverem seu eu ordinário, e para esquecerem um mundo que os mantinha afastados de si mesmos. [...] Portanto, deixar o mundo é [...] ajudar a salvá-lo, salvando-se a si mesmo. [...] não pretendiam apenas salvar suas vidas. Eles sabiam que eram incapazes de fazer algum bem aos outros enquanto se debatessem no naufrágio. Porém, uma vez que conseguissem colocar os pés em terra firme, as coisas seriam diferentes. Nesse momento

---

<sup>216</sup> JESUS, 2018, p. 34.

<sup>217</sup> GRÜN, 2004. p. 21.

<sup>218</sup> PÔNTICO, Evágrio. In: GRÜN, Anselm. **Oração e autoconhecimento**. Trad. Carlos Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 13.

<sup>219</sup> RADCLIFFE, 2019. Não paginado.

eles não apenas teriam o poder, mas a obrigação de trazer todo o mundo a salvo atrás deles.<sup>220</sup>

Obviamente, não se tem a pretensão aqui de apontar a resolução desses corajosos e determinados homens, como único caminho a ser tomado por cada presbítero nos tempos hodiernos, para se crescer no tema proposto. Mas, ressaltar que, em muitos aspectos, aprender sobre essa peculiar espiritualidade pode lançar luzes para o cultivo de uma autêntica e resiliente identidade do padre de hoje para viver originalmente as prioridades de sua vocação. Pois, tal como o Apóstolo Paulo que passou a considerar como perda e esterco tudo o que o mundo julgava ser ganho ou lucro pelo desejo maior de conquistar a Cristo, nele ser encontrado,<sup>221</sup> também esses padres procederam, buscando um caminho de perfeição.

No recolhimento desses padres percebe-se a importância de não se distrair fora de si, de não estar apegado às aparências, mas priorizar a limpeza interior do copo como aconselha Jesus,<sup>222</sup> quando taxa os fariseus e escribas de hipócritas e condutores cegos. Pois, estes, estando mais preocupados em aparentarem formosura externa, internamente encontravam-se corrompidos por iniquidades e imundícies. E por contrariar aquela mentalidade tifoniana,<sup>223</sup> Jesus adverte que o que torna a pessoa impura são as más intenções que procedem do seu coração,<sup>224</sup> e não o mero fato de não lavar as mãos, cumprindo superficialmente uma lei.

Nouwen,<sup>225</sup> partindo de suas experiências e inspirações psicológicas e religiosas, retrata a partir de um caso, a situação do indivíduo contemporâneo. Nesse contexto, o indivíduo experimenta a sensação de não ter controle sobre a própria vida, sentindo-se deslocado ou desorientado em meio a fatores condicionantes em seu interior ou movimentos em relação a outros, sente-se alheio. Por isso, muitas vezes, nem reconhece os próprios pensamentos e sentimentos como realmente seus, mas apenas afetando-o e dificultando até mesmo o seu discernimento entre fantasia e realidade.

Donald B. Cozzens deixa transparecer a ideia de que devido ao fato de, em um dado momento da história, a falsa ideia de que ser santo

---

<sup>220</sup> MERTON, 2004, p. 24-25. Grifo autor.

<sup>221</sup> Fl 3,1-17.

<sup>222</sup> Mt 23,24-28.

<sup>223</sup> KEATING, 1999, p. 28-29.

<sup>224</sup> Mt 15,19.

<sup>225</sup> NOWEN, 2020, p. 15-16.

implicava em deixar de ser humano, acabou ocasionando algumas cicatrizes e sofrimentos sobre alguns padres que viveram sobre o antigo sistema. E isso acabou repercutindo na sua própria espiritualidade, por que,

Ele (o padre) foi formado para viver uma vida à parte, independente, pertencente a outro mundo, solitário. O calor pessoal muitas vezes rompeu essas barreiras artificiais, mas no geral os padres tendiam a evitar amizades e envolvimento estreitos. Mesmo hoje em dia, quando as atitudes relacionadas com a intimidade na vida do padre se transformaram e se tornaram mais positivas e afirmativas, continuam ocorrendo apreensões pessoais legítimas por causa dos perigos implicados e das dificuldades inerentes ao estilo de vida do padre celibatário.<sup>226</sup>

A imagem do curador ferido que Leo Pessini apresenta ao citar Jung,<sup>227</sup> apontando a ferida e a cura como duas polaridades inatas ao comportamento humano, bem se pode aplicar também à pessoa do presbítero, no exercício de seu ministério. Pessini, utilizando-se dessa expressão, afirma que ela

serve para evidenciar o processo interior a que são chamados todos quantos prestam ajuda a quem passa por um momento difícil na vida, marcado pelo sofrimento físico, psíquico ou espiritual. Esse processo significa o reconhecimento, a aceitação e a integração das próprias feridas.<sup>228</sup>

Destarte, para que viva de modo coerente a dimensão teológica de seu sacerdócio, o padre não deve se distanciar de sua realidade enquanto ser humano, dotado de dons e qualidades, fragilidades e limitações.<sup>229</sup> “Essa consciência de abraçar a própria fragilidade e vulnerabilidade não pode ser eliminada, porque é constitutiva da condição humana; torna o terapeuta ferido capaz de dedicar-se a um acompanhamento competente

---

<sup>226</sup> COZZENS, 2014, p. 172.

<sup>227</sup> PESSINI, 2010, p. 148.

<sup>228</sup> PESSINI, 2010, p. 147.

<sup>229</sup> MÉZERVILLE, 2012, p. 66.

que ajude a quem o busque.”<sup>230</sup> Em uma declaração, Papa Francisco também motiva a esse respeito:

Não deixem as fragilidades de lado: elas são um lugar teológico. A minha fragilidade, de cada um de nós é um lugar teológico de encontro com o Senhor. Os sacerdotes super-homens terminam mal, todos eles. O sacerdote frágil, que conhece suas fraquezas e fala delas com o Senhor, esse irá bem.<sup>231</sup>

Portanto, é saudável ao presbítero buscar habilmente ser cauteloso e resiliente em seu propósito de romper com “[...] os elos espirituais e repudiar a dominação de compulsões externas para”<sup>232</sup> encontrar o seu eu verdadeiro, como afirma Merton. O referido autor pontua que:

O presbítero precisa do autoconhecimento e da aceitação de si mesmo, que lhe permitam procurar retroalimentar-se nas áreas ou situações que considera difíceis de enfrentar, fato que em última instância se refletirá numa personalidade coerente com seu chamado sacerdotal.

Só assim poderá descobrir a sua liberdade espiritual, usando-a, em seu ministério, para contribuir na construção do Reino de Deus, como afirma Merton. E, mesmo que o atual contexto cultural apresente contrariedades quanto ao “processo de utilização da própria vulnerabilidade como fonte de cura para os outros,”<sup>233</sup> deveria envolver-se conscientemente nesse processo para que suas feridas não permaneçam à margem, não tratadas, incapacitando-o de acompanhar fecundamente o rebanho que lhe foi confiado.

---

<sup>230</sup> PESSINI, 2010, p. 149.

<sup>231</sup> FRANCISCO, 2021, não paginado.

<sup>232</sup> MERTON, 2004, p. 25.

<sup>233</sup> PESSINI, 2010, p. 149.

### 3 TODO DISCÍPULO BEM FORMADO DEVERÁ SER COMO O MESTRE

[...] Levanta-te e desce à casa do oleiro: lá te farei ouvir minhas palavras. Eu desci à casa do oleiro, e eis que ele estava trabalhando no torno. E estragou-se o vaso que ele estava fazendo, como acontece à argila na mão do oleiro. Ele fez novamente outro vaso, como pareceu bom aos olhos do oleiro. [...] Eis que, como a argila na mão do oleiro, assim sereis vós na minha mão, ó casa de Israel. (Jeremias 18,18-6)

O Magistério da Igreja propõe em alguns documentos relacionados à formação presbiteral, como em *Presbyterorum Ordinis*, em *Optatum Totius* e em *Pastores Dabo Vobis* do Papa João Paulo II, reflexões que atestam a vital relevância da dimensão humana e espiritual como verdadeiros alicerces da vida ministerial, imprescindíveis para o processo de integração do padre diocesano.

A partir dessa consideração, quer-se nesse capítulo final destacar a importância para o ministro ordenado, enquanto discípulo de Jesus Cristo, de buscar o olhar de Deus para que, recolhido nessa relação de intimidade, possa descobrir a verdade sobre si mesmo. Bem como pontuar alguns aspectos do processo formativo pertinentes ao tema e apresentar suscintamente a diferença entre identidade presbiteral e identidade do presbítero, a partir de alguns ensinamentos da Igreja Católica. De igual modo, pretende-se explicitar que para exercer de modo fecundo a paternidade espiritual<sup>234</sup> que lhe compete, é necessário investir no autoconhecimento, cultivar a vida interior e ter saudáveis relações com a comunidade, além de valorizar o próprio auxílio psicológico. Desse modo, poderá viver com autenticidade o dom de si em sua vocação e também exercer o seu ministério numa profunda vida de comunhão com Jesus Cristo.

#### 3.1 O OLHAR DO PAI NA DESCOBERTA DE SI MESMO

Ó Deus, tu me conheces, faz que eu te conheça, como sou por ti conhecido. [...] amaste a verdade,

---

<sup>234</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil**. 1 ed. Brasília: Edições CNBB, 2019. p. 49; Doc. 110,72.

pois quem a pratica alcança a luz. Também eu quero praticá-la no íntimo do coração, diante de ti na minha confissão, e diante de muitas testemunhas nos meus escritos.<sup>235</sup>

Existe uma fábula<sup>236</sup> sobre um menino que, por cima de um muro, olhava atentamente um homem que infligia cuidadosos golpes sobre um bloco de mármore com o seu cinzel. Habilmente, com toques de artista, esculpia naquele bloco de mármore a imagem concebida em sua mente, em seu coração, mas que permanecia invisível aos olhos do garotinho que, espiando, só conseguia ver um bruto bloco de mármore. O menino indaga sobre o que o escultor estava fazendo e este, por sua vez, desafiando aquele espírito curioso próprio de criança, pede que ele volte num tempo determinado.

Quando o garoto volta, seus olhos se surpreendem ao se deparar com a imagem de um belo anjo, perguntando ao escultor onde é que ele a tinha buscado. Em resposta ouve: “Ele estava dentro do bloco de mármore.”<sup>237</sup> Ou seja, o ser humano tem uma essência, dentro de si carrega um potencial para o bem, para o amor no qual ele foi criado e é chamado, como já afirmado anteriormente. Porta dons e uma luz pessoal interior que precisa ser reconhecida, libertada, a fim de que brilhe diante dos homens, para que, ao verem as suas “boas obras, eles glorifiquem”<sup>238</sup> a Deus. Por isso é preciso entrar no olhar do Pai para que se possa contemplar quem realmente se é.

Aliás, em uma sociedade marcada pela preocupação exagerada para com as coisas terrenas, supérfluas, em que o fazer e o ter valem mais do que o ser,<sup>239</sup> “[...] pelo individualismo, autoafirmação e indiferença,”<sup>240</sup> as pessoas correm o risco de se tornarem artificiais, caso se tornem infectadas por esses processos que dessacralizam o mundo e o próprio ser humano.<sup>241</sup> Se levadas pelo imediatismo, pelo relativismo ou pelas “disputas predatórias, os ciúmes, as contendas, as injúrias, [...] o

---

<sup>235</sup> HIPONA, 2014, p. 265.

<sup>236</sup> MARIA, Eliana. **O menino e o anjo**. Pérolas finas. 2 nov. 2014. Disponível em: <<http://perolasfinas.blogspot.com/2014/11/o-menino-e-o-anjo.html>>. Acesso em: 10 abr. 2021. Autor desconhecido. Não paginado.

<sup>237</sup> MARIA, Eliana, 2014, não paginado.

<sup>238</sup> Mt 5,15-16.

<sup>239</sup> MÉZERVILLE, 2012, p. 62.

<sup>240</sup> FRANCISCO, 2021, não paginado.

<sup>241</sup> FRANÇA, 2019, p. 54.



egocentrismo,”<sup>242</sup> poderão não perceber o essencial que, segundo Antoine de Saint-Exupéry, “só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos!”<sup>243</sup>

Segundo Dom Orlando Brandes, Arcebispo Metropolitano de Aparecida, o ativismo é reflexo de uma patologia generalizada na sociedade, que infecta a própria Igreja na sua dimensão pastoral.<sup>244</sup> É um entre outros indicativos expressivos de que essa mesma sociedade precisa de transformação interior, que se inicia no interior de cada pessoa quando opta pela conversão do coração ao Senhor. Brandes caracteriza esse fenômeno como

[...] uma espécie de narcisismo, ou seja, exaltação de si para obter atenção, afeto e valorização de si. Privilegia-se o fazer e o ter em detrimento do ser. [...] uma espécie de narcótico que leva à fuga e prejuízo de outros valores. O ativista é um fugitivo de si e um desertor de Deus. O que o ativista constrói com uma mão, destrói com a outra. Numa sociedade competitiva e consumista o ativismo é uma doença cultural que se manifesta no infarto, agressividade, depressão, stress e falta de tempo, de meditação, de silêncio e de escuta. É um comportamento contra a vida.<sup>245</sup>

Deus não é como o ser humano que se fixa nas aparências ou as supervaloriza, mas vê o coração do homem,<sup>246</sup> conhece o que verdadeiramente habita no seu interior.<sup>247</sup> Ele convida o ser humano a se libertar das falsas autoimagens, das projeções equivocadas, a não se perder de si mesmo nas desordenadas preocupações<sup>248</sup> e, acima de tudo, a confiar nele, priorizando as coisas do alto, das quais, em Cristo, somos

---

<sup>242</sup> CURY, 2000, p. 51.

<sup>243</sup> SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**: com aquarelas do autor. Trad. Dom Marcos Barbosa. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p.70.

<sup>244</sup> BRANDES, Orlando. **Ativismo, uma patologia generalizada**. CNBB, Igreja Católica Apostólica Romana. 20 jun. 2008. Não paginado. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/ativismo-uma-patologia-generalizada/>>. Acesso em 19 jun. 2021.

<sup>245</sup> BRANDES, 2008, não paginado.

<sup>246</sup> 1Sm 16,7.

<sup>247</sup> Jo 2,25.

<sup>248</sup> Mt 6,25-34.

herdeiros.<sup>249</sup> As agitações e inquietações roubam a paz de espírito e tiram a concentração do essencial enquanto que, para aqueles que buscam uma vida toda em Deus, uma só coisa importa,<sup>250</sup> e se essa for priorizada, Jesus promete que não lhes será tirada.

Quem vive o seu ministério comedido pelo ativismo é perfeccionista, como que preso em um círculo vicioso em que a valorização do fazer os leva a esquecer até mesmo de Deus. “Sobrecarregado e refém da pressa, na *impaciência apostólica*, cai na incoerência pastoral, numa vida dupla, numa *personalidade dupla*.”<sup>251</sup> Torna-se como que mendigo de elogios, gratificações, ambições, e, como resultado, sofre de estresse, angústia, falta de oração, desgasta-se emocional e espiritualmente, por negligenciar o cultivo dessas dimensões. Invadido por insatisfação constante, torna-se como aqueles que “[...] Cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim... e não encontram o que procuram [...]”.<sup>252</sup>

Santa Teresa atesta a importância da oração para que nos descubramos no amor de Deus e, a partir dele, nos reconheçamos frutos e imagens desse amor. De modo que declara numa de suas poesias que “[...] de tal sorte pôde o amor, alma, em mim te retratar, que nenhum sábio pintor soubera com tal primor tua imagem estampar.”<sup>253</sup> Assim, o passo fundamental para olhar Aquele que nos olha<sup>254</sup> é a oração, pois por ela o ser humano

reconhece todos os seus erros, todas as suas enfermidades, e [...] experimenta a cura. [...] Se torna mais amadurecido, mais sadio, mais sábio, mais perfeito, um homem que hoje nós diríamos que encontrou o caminho para si próprio, que se identificou consigo, um homem realizado.<sup>255</sup>

Portanto, com a “consciência de que não se pode percorrer tal caminho com o orgulho de quem pensa que tudo seja fruto de conquista pessoal,”<sup>256</sup> é vital, como afirma Jo Croissant,

---

<sup>249</sup> Rm 8,17.

<sup>250</sup> Lc 10,41-41.

<sup>251</sup> BRANDES, 2008, não paginado. Grifo do autor.

<sup>252</sup> SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 79.

<sup>253</sup> D’ÁVILA, 2018, p. 1285.

<sup>254</sup> NOGUEIRA, 2008. p. 33.

<sup>255</sup> GRÜN, 2004, p. 12.

<sup>256</sup> JOÃO PAULO II, 1998, FR 18; não paginado;

entrar no olhar do Pai para dele receber nossa verdadeira identidade, para que seu olhar amoroso nos cure de todas as faltas de amor, nos livre de todos os outros olhares, nos visite até em nossas trevas e transfigure todas as coisas. Assim nos sentiremos amados e poderemos nos reconciliar conosco mesmos e com os outros.<sup>257</sup>

Afirma Grün que para Clemente de Alexandria, “o mais importante de todos os conhecimentos é o conhecimento de si próprio.”<sup>258</sup> Dessa forma, pode-se identificar os elementos que constituem a própria personalidade, entender melhor a maneira ou o motivo pelo qual age ou reage em determinadas situações da vida, identificando o que precisa ser reparado. Bem como descobrir as habilidades, os dons e os potenciais, aperfeiçoando a capacidade de tomar decisões de modo mais livre e autêntico; conquistando o autocontrole, lapidando a autoestima, a capacidade de gerenciar emoções, vivendo mais qualificadamente o momento presente.

O livro profético de Jeremias conta que a palavra do Senhor foi dirigida ao profeta, ordenando-o a se levantar e descer à casa do oleiro. Chegando lá, diz-lhe o Senhor: “Não posso eu agir convosco como este oleiro, ó casa de Israel? [...]. Eis que, como a argila na mão do oleiro, assim sereis vós na minha mão, ó casa de Israel!”<sup>259</sup> Por ter obedecido a ordem do Senhor ele pôde observar e contemplar o trabalho realizado pelo oleiro, que restaurava os vasos que estavam avariados.

Então, Jeremias, como que espelhando a própria vida naquela contemplação, é esclarecido sobre a advertência dada à Israel. Caso continuassem seguindo seus próprios planos e vontades, agindo conforme as más obstinações do coração, acabariam por se esquecer de Deus, rompendo com o seu projeto salvífico. Afinal, o ser humano além de ser capaz de tomar decisão, podendo até mesmo romper com Deus, também é a única criatura “[...] responsável por seu desenvolvimento em todas as áreas de seu ser e de sua vida.”<sup>260</sup>

---

<sup>257</sup> CROISSANT, Jo. **O corpo, templo da beleza**. Edições Shalom. Fortaleza. 2002. p. 174.

<sup>258</sup> GRÜN, 2004. p. 13-14.

<sup>259</sup> Jr 18,1-12.

<sup>260</sup> NOGUEIRA; LEMOS, 2008, p. 47.

Sesboüé afirma que o “homem é criado para viver da própria vida de Deus, para partilhar essa vida no conhecimento e no amor.”<sup>261</sup> Enquanto criatura, mesmo sob a luz de Cristo, o ser humano ainda continua um mistério para si próprio, contendo “o mistério da sua relação com Deus.”<sup>262</sup> Mas, como o seu olhar e conhecimento são limitados, ele se percebe de maneira confusa até que venha a perfeição, Cristo Jesus, para que se conheça como é conhecido.<sup>263</sup> Então,

Como aceitar revelar o íntimo de nossa alma se não for a um olhar de amor incondicional? Como é doce nos deixar olhar ao nos sentir totalmente acolhidos, totalmente aceitos. Como é bom se abandonar sem medo a este olhar amoroso, sem ter necessidade de dissimular o que quer que seja.<sup>264</sup>

Por ter experimentado, justamente, dessa verdade e desse ato transbordante do amor criador de Deus, Agostinho expressa que o ser humano foi criado para o Senhor e por isso o seu coração só encontrará repouso quando nele repousar.<sup>265</sup> O referido autor afirma que “[...] poderia esconder-te de mim, mas, nunca esconder-me de ti,”<sup>266</sup> pois,

O Senhor quer que nos descubramos no seu amor. Ele é a Palavra que põe em ordem as desordens humanas. É aquele que dá forma e sentido a existência quando essa se encontra desformada e vazia, sem vida. Seu Espírito é um sopro de vida que faz novas todas as coisas, faz existir o que ainda não existe e equilibra tudo o que estava em caos, luz que dissipa as trevas. Chama-nos a conhece-lo não por um conhecimento meramente intelectual, mas um conhecimento experiencial e do coração que, como a Jesus, se revela através da oração e da escuta.<sup>267</sup>

---

<sup>261</sup> SESBOÜÉ, 2021. p. 61.

<sup>262</sup> SESBOÜÉ, 2021, p. 64.

<sup>263</sup> 1Cor 13,9-12.

<sup>264</sup> CROISSANT, 2002. p. 174.

<sup>265</sup> HIPONA, 1984, I,1,1, p. 15

<sup>266</sup> HIPONA, 1984, X,2,2; p. 265-266.

<sup>267</sup> PESSINI, 2010. p. 167

Assim, a oração é como porta de entrada para se estabelecer um diálogo entre Deus e o ser humano,<sup>268</sup> no qual se estabelece uma atmosfera de encontro, escuta, confiança e de configuração. Pois, “de qualquer modo que se encare essa força que permite a nossa visão, seja ela irradiação ou outra coisa, temos a certeza de que se pudermos ver essa tal força não será com os olhos do corpo.”<sup>269</sup> Para Martin Buber, a expressão *eu-tu* é um convite ao diálogo, ao movimento ontológico, ao encontro, à reciprocidade e à totalidade de modo que “Torno-me eu no tu; tornando-me eu, digo tu. Toda verdadeira vida é encontro.”<sup>270</sup>

Nesse sentido, segundo Grün, escreve Steinbüchel:

Para mim, o tu torna-se a graça que se concede ao meu eu, a bênção que me é doada. O tu delimita o meu arbítrio, mas ele desvela também a minha interioridade; tudo aquilo que está adormecido em mim e que eu agora coloco à disposição do tu. Eu vivo como eu a partir da graça do tu... todo o meu eu possui a sua realidade somente nesta relação com o tu; esta relação com o tu é minha realidade. O encontro com o tu é um transcender, uma superação do meu eu confinado em si mesmo e um modo do eu dirigir-se aos outros.<sup>271</sup>

Deus é esse Tu no qual o indivíduo pode alcançar o eu pessoal, assumindo-se na sua totalidade, mas que não poderia alcançar a partir de suas próprias forças. E sem o qual “ele não pode ser perfeitamente ele mesmo e perfeitamente feliz. [...] Ele está [...] numa necessidade radical da graça de Deus.”<sup>272</sup> Pela oração “[...] Deus impele o orante a lembrar-se de si mesmo, a ocupar-se em primeiro lugar com o próprio coração,”<sup>273</sup> e, desse modo, não permite que ela se torne um caminho de fuga de si mesmo, uma infecunda oração.

Paulo acredita que a visão sobre Jesus Cristo me leva a meu ser verdadeiro e a minha totalidade.

---

<sup>268</sup> GRÜN, 2014, p. 7-25.

<sup>269</sup> HIPONA, 2008. IX: 3,3. p. 289-290.

<sup>270</sup> BUBER, Martin. **Eu e tu**. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001. p. 1-137. p. cit. 49.

<sup>271</sup> STEINBÜCHEL, Theodor apud GRÜN, Anselm. **A oração como encontro**. 12. ed. São Paulo: Vozes, 2018. p. 22-23.

<sup>272</sup> SESBOUÉ, 2021, p. 68.

<sup>273</sup> GRÜN, 2004, p.17.

Quando olho apenas para a minha fragmentação não me liberto dela, por mais que me esforce. Não conseguirei fazer tudo o que identifico como correto apenas com minha vontade.<sup>274</sup>

Portanto, o bom êxito da obra depende da ação do Senhor para edificá-la, do contrário os construtores hão de trabalhar em vão,<sup>275</sup> pois, sem a graça de Deus, sem Jesus Cristo, nada pode a pessoa fazer.<sup>276</sup> O mundo carece de padres santos, com o desejo e a determinação de não consentir em modelar a vida conforme as paixões, mas buscando ser santos “como é santo aquele que vos chamou, [...] em toda a vossa maneira de viver.”<sup>277</sup> Destarte,

Ai da alma, se nela não passeia Deus, afugentando com sua voz as feras espirituais da maldade! Ai da casa não habitada por seu dono! Ai da terra sem o lavrador que a cultiva! Ai do navio, se lhe falta o piloto; sacudida pelas ondas e tempestades do mar, soçobrará [fracassará, afundará]. Ai da alma que não tiver em si o verdadeiro piloto, o Cristo! Porque lançada na escuridão de mar impiedoso e sacudida pelas ondas das paixões, jogada pelos maus espíritos como em tempestades de inverno, encontrará afinal a morte.<sup>278</sup>

Afinal, declara Karl Rahner, citado por Cencini,

Quem pensa que pode ler tudo, sentir tudo; quem se recusa a dominar a própria imaginação e as suas necessidades afectivas, não deve enveredar pelo caminho da consagração... Deus não poderia manter-Se-lhe fiel, nem se pode exigir que Deus o torne alvo de uma proteção milagrosa.<sup>279</sup>

---

<sup>274</sup> GRÜN, 2004, p. 42.

<sup>275</sup> Sl 127 (126)

<sup>276</sup> Jo 15,5.

<sup>277</sup> 1Pd 1,15.

<sup>278</sup> MACÁRIO. **Ai da alma que não habita Cristo**. In: LITURGIA das horas. 2. ed. Típica. Petrópolis: Vozes et al., 2000. p. 521.522. v. IV. p. cit. 521-522; Hom. 28: PG 34,710-711.

<sup>279</sup> RAHNER, Karl apud CENCINI, Amadeo. **Virgindade e celibato hoje**: para uma espiritualidade pascal. Trad. Maria do R. P. Lisboa: Paulus, 2008. p. 24.

Isso quer dizer que também a parte humana requer certo empenho para colaborar com a ação divina. Segundo Pessini, “toda pessoa é vulnerável, ou susceptível de ser ferida por solidão, temos, angústia, separação, luto, enfermidade.”<sup>280</sup> Afirma ainda que há no ser humano também um potencial de cura composto por “recursos (físicos, psíquicos e espirituais), os quais, “quando utilizados adequadamente, podem contribuir para curar as feridas.”<sup>281</sup>

E segundo Keating, o que implica em acolher a própria história pessoal de vida, com todas as suas marcas, é aceitar a cruz, pois:

Não há outro meio de sarar as feridas de nossa primeira infância, a não ser pela cruz. A cruz que Deus nos convida a aceitar é, primordialmente, a dor que trazemos conosco desde a mais tenra idade. Nossas feridas, nossas limitações, nossos defeitos de personalidade, todos os danos que as pessoas nos causaram desde o início da vida até agora e nossa experiência pessoal da dor da condição humana como a experimentamos individualmente – essa é a verdadeira cruz. E isso Cristo pede para aceitar e deixa-lo compartilhar.<sup>282</sup>

A esse respeito, é muito provocativo uma canção da cantora Celina Borges<sup>283</sup> a respeito da pergunta existencial humana acerca de si mesmo e como suas atitudes, refletidas ou não, que podem em muito denunciar quem a pessoa é ou está existencialmente e espiritualmente. É preciso entregar a Deus o próprio estado interior através da oração, entrando na intimidade do próprio quarto como ensina Jesus, fechar a porta, e falar com o Pai que está em secreto e vê o escondido.<sup>284</sup>

Isso porque Deus só trata com a pessoa mesma, não com os rótulos, nem com preconceitos ou justificativas, mas com a verdade e com a essência, cuja dignidade encontra fundamento no fato do ser humano ter sido criado por Deus à sua imagem e à sua semelhança.<sup>285</sup> Há um

---

<sup>280</sup> PESSINI, 2010. p. 148-149.

<sup>281</sup> PESSINI, 2010. p. 149.

<sup>282</sup> KEATING, 1999. p. 41.

<sup>283</sup> BORGES, Celina. **CD Quem é você?** 22 jul. 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=abXom3cO\\_WQ](https://www.youtube.com/watch?v=abXom3cO_WQ)>. Acesso em: 15 mai. 2021. Não paginado.

<sup>284</sup> Mt 6,6.

<sup>285</sup> SESBOUÉ, 2021, p. 58.

profundo diálogo entre a raposa e o pequeno príncipe, de Saint-Exupéry, que assim como à fabula do menino e o anjo contribui significativamente para ampliar a reflexão sobre o relacionamento entre a pessoa e Deus; sobre encurtar distâncias, desvelar o que estava velado:

Se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra. Os teus me chamarão para fora da toca, como se fossem música.<sup>286</sup>

Deus, em seu infinito amor Trinitário, quis e quer cativar o ser humano e se deixar cativar por ele no seu Filho, tal como ele se aproximou da samaritana, impelido pela sede das sedes dela.<sup>287</sup> Revelou-se como esta torrente de águas que a alma humana aspira se saciar e se purificar. Seus passos soavam inconfundivelmente como uma melodia orquestrada pelos passos de Deus, atraindo as pessoas para fora de suas tocas existenciais, com seu jeito cativante de viver, olhar, amar e agir.

Em Jesus, Deus fulgura e brilha como o sol, cuja luz afugenta nossas cegueiras. Ele, princípio e fim de tudo, não quis se deixar conhecer apenas pela razão humana ou nas coisas criadas,<sup>288</sup> mas quis também se revelar um Pai afetoso, de proximidade e relação, espalhando no seu Filho a sua cativadora fragrância. Por isso, mesmo a pessoa sendo capaz de se conhecer por meios naturais, só poderá se dar conta das “falhas grosseiras e palpáveis. O trabalho da oração interior torna o olhar mais aguçado para própria realidade.”<sup>289</sup>

A verdade é que

[...] o homem tem necessidade de ser esclarecido pela Revelação de Deus, [...] sobre o que ultrapassa o seu entendimento, [...] sobre às verdades religiosas e morais [...], a fim de que estas, no estado atual do gênero humano, possam ser conhecidas por todos sem dificuldade, com uma certeza firme e sem mistura de erro.<sup>290</sup>

<sup>286</sup> SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 66-67.

<sup>287</sup> MENDONÇA, José Tolentino. **Elogio da Sede**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 13-14.

<sup>288</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2017, p. 23-24. CIC 31;36.

<sup>289</sup> GRÜN, 2004. p. 26.

<sup>290</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2017, p. 25. CIC 38.



Segundo Merton, os padres que se recolheram no deserto não o fizeram porque haviam se revoltado contra a sociedade de seu tempo fugindo do convívio social por motivos meramente individualistas. Eles assim procederam porque não admitiam “[...] ser controlados e comandados passivamente por um estado decadente, e que acreditavam na existência de uma vida não atrelada à aceitação submissa dos valores aceitos e convencionais.”<sup>291</sup> Contudo,

[...] não queriam auto-realizar-se, mas, sim, encontrar Deus. Eles tentavam esvaziar-se de tudo quanto neles mascarava a imagem de Deus. Não queriam realizar-se a si próprios e, sim, desejavam encontrar-se com Deus. Eles tentavam esvaziar-se de tudo quanto neles mascarava a imagem de Deus. E sabiam que ninguém pode encontrar o caminho para Deus quando vive à margem de si próprio.<sup>292</sup>

Fato é que onde quer que o ser humano esteja existencialmente, Deus sabe encontrá-lo e reencontrá-lo, faz-se inclusive necessitado para alcançá-lo em suas necessidades,<sup>293</sup> afirma José Tolentino. “Ele aproximou-se discretamente sob o sol escaldante do meio-dia de nossas vidas para matar a sua sede de tocar as nossas sedes, de contatar com os nossos desertos, com as nossas feridas,”<sup>294</sup> purificando as imagens distorcidas que se temos Dele e sobre nossa própria autoimagem, aproveitando oportunamente da carência de nossos poços, e até das águas impotáveis para pedir de beber do que somos e de como estamos. Simplesmente porque nos ama, ele é o dom de Deus, à espera da resposta de cada um.

Desse modo, “o autoconhecimento espiritual que surge na presença de Deus revela-te o que se oculta em ti, numa medida até então nunca imaginada. Ele permite perceber com clareza a estrutura da alma.”<sup>295</sup> Todavia, entrar nessa profundidade do olhar de Deus implica em criar laços, relação e amizade, e isso requer um movimento contrário a lógica imediatista. Pois, “[...] se tu queres um amigo [...] é preciso ser

---

<sup>291</sup> MERTON, 2004, p. 5-6.

<sup>292</sup> GRÜN, 2004, p. 13.

<sup>293</sup> MENDONÇA, 2018, p. 9-26.

<sup>294</sup> MENDONÇA, 2018, p. 159.

<sup>295</sup> GRÜN, 2004, p. 26.

paciente,<sup>296</sup> para respeitar as distâncias e perceber sua fecundidade. É necessário que haja silêncio, solidão e recolhimento, diálogo, coisas caras a um encontro entre amigos.

A amizade com Cristo chega ao compromisso, quando decidimos iniciar uma vida de oração e um programa de vida cotidiana talhados para nos fazer chegar mais perto de Cristo e nos aprofundar na vida trinitária de amor.<sup>297</sup>

Obviamente que muito do que até aqui foi exposto pode ser aplicado a todo cristão. No entanto, como afirma o *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, “mediante a ordenação sacramental, [...] estabelece-se no presbítero um vínculo ontológico específico que o une a Cristo, Sumo Sacerdote e Bom Pastor.”<sup>298</sup>

Suas atitudes, enquanto presbítero, precisam refletir uma espiritualidade diocesana que seja fruto de íntima relação pessoal com Deus. Pois, só se torna bom guia espiritual o homem de oração vivendo de modo coerente e equilibrado a sua vocação, em suas prioridades. Do contrário, quando ter de enfrentar crises ou solidão, poderá sucumbir devido à “[...] carência de conhecimento mais profundo de sua própria humanidade ou de uma espiritualidade mais madura que possa sustentá-los.”<sup>299</sup>

### 3.2 O TORNO E OS CONTORNOS DA CONFIGURAÇÃO

O chamado à vocação presbiteral é um mistério de amor. Como a semente que traz em si o potencial para se tornar árvore, esperando pelo momento de ser lançada na terra, ser cultivada em seu processo de desenvolvimento, e no momento oportuno dar seus devidos frutos, assim também é a vocação presbiteral. É um dom no interior do homem, aguardando o momento de ser ativado, manifestado.

---

<sup>296</sup> SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 67.

<sup>297</sup> KEATING, 1999, p. 40.

<sup>298</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros**. Vaticano: 2013. Não paginado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccclergy/documents/rc\\_con\\_ccclergy\\_doc\\_20130211\\_direttorio-presbiteri\\_po.html#\\_ftn13](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html#_ftn13)>. Acesso em: 10 mar. 2021.

<sup>299</sup> MÉZERVILLE, 2012, p.7- 68.

Ela “é uma realidade sobrenatural porque se radica no sacramento da Ordem,”<sup>300</sup> ou seja, um mistério que se revela e se desdobra no exercício do ministério ordenado. E, como o padre não se faz sozinho, o candidato precisa ser orientado para discernir esse chamado, compreender o seu significado, sua origem, seu valor, sua finalidade. Necessita ser guiado e iniciado num processo que o leve a explorar e a desenvolver as habilidades que são próprias do ministério.

Assim, a própria vocação não se deve à méritos pessoais, mas a iniciativa de Deus que, como afirma Moysés Azevedo,

Em seu infinito amor o Pai quis escolher almas esposas para seu Divino Filho e para isso não escolheu as melhores, as mais belas, mas a fim de manifestar a sua glória e seu poder, resolveu escolher as mais pecadoras; as mais fracas, os vasos de argila, para realizar a sua grande obra.<sup>301</sup>

Cencini explica que a vocação presbiteral implica num peculiar estilo de vida que não se resume apenas no fato de se deixar pai, mãe, irmãos e cidade natal. Nem significa rejeitar à sexualidade ou a mera renúncia da prática sexual. Mas vai muito além porque é uma opção fundamental que tem de base o encontro pessoal com o Ressuscitado que passou pela cruz.<sup>302</sup> E, como a forma de viver a fé na vida reflete a profundidade desse encontro, renovado diariamente, São Teófilo de Antioquia, declara que se o provocassem para que mostrasse o seu Deus, ele responderia: “Mostra-me homem que és e eu te mostrarei o meu Deus. Mostra, portanto, como veem os olhos de tua mente e como ouvem os ouvidos de teu coração.”<sup>303</sup>

Isso para dizer que, se certas atitudes não refletirem a superação de uma mentalidade superficial sobre o Evangelho, baseada na observância cega de ritos externos, sem transformação interna, a pessoa terá dificuldades em cultivar uma alma pura; como a um espelho reluzente. Ficará como que impedida diante do espelho embaçado, para ver nele o

---

<sup>300</sup> CNBB, 2019, p. 31; Doc. 110,34.

<sup>301</sup> FILHO AZEVEDO, Moysés Louro de. **Escritos**. Comunidade Católica Shalom. 6 ed. Aquiraz: Shalom, 2012. p. 24.

<sup>302</sup> CENCINI, 2017. p. 14-20.

<sup>303</sup> TEÓFILO DE ANTIOQUIA. **Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus**. In: LITURGIA das Horas. 2. ed. Típica. Petrópolis: Vozes et al., 2000. p. 212-213. v. II. p. cit. 213; *A Autólico* Lib. 1,2,7: PG 6, 1026-1027.1035.

seu rosto; e o rosto de Deus, se a sua justiça não ultrapassar “a justiça dos mestres da Lei e dos fariseus,”<sup>304</sup> deste tempo.

Ai da alma se lhe falta Cristo, cultivando-a com diligência (interesse, cuidado, zelo), para que possa germinar os bons frutos do Espírito! Deserta, coberta de espinhos e de abrolhos, terminará por encontrar, em vez de frutos, a queimada. Ai da alma, se seu Senhor, o Cristo, nela não habitar! Abandonada, encher-se-á com o mau cheiro das paixões, virará moradia dos vícios.<sup>305</sup>

Considerando que Jesus Cristo transcendeu a compreensão antiga de sacerdote, “[...] as consequências disso para todos os sacerdotes são tremendas, pois, se Ele se ofereceu pelos pecados, nós devemos oferecer-nos como vítimas.”<sup>306</sup> Como a mística de São Pedro Crisólogo recitará o seguinte,

Ó homem, sê tu sacrifício e sacerdote de Deus; não percas aquilo que te foi dado pelo poder do Senhor. Reveste-te com a túnica da santidade, cinge-te com o cingulo da castidade; seja Cristo o véu de proteção da tua cabeça; que a cruz permaneça em tua fronte como defesa. Grava em teu peito o sinal da divina ciência; eleva continuamente a tua oração como perfume de incenso; empunha a espada do Espírito; faze de teu coração um altar. E assim, com toda confiança, oferece teu corpo como vítima a Deus.<sup>307</sup>

Tal resolução implica ao presbítero um profundo e sincero amor a Deus de modo a entregar a ele “[...] as mãos e os pés, a decisão e a acção, a razão e a sensibilidade [...]”<sup>308</sup> pois a vocação a qual é chamado é um dom da graça de Deus que o compromete de modo integral, assim como a sua capacidade de amar e construir relações autênticas. Sendo assim, o

---

<sup>304</sup> Mt 5,20-25.

<sup>305</sup> MACÁRIO, 2000, p. 522.

<sup>306</sup> SHEEN, 2020, p. 33.

<sup>307</sup> PEDRO CRISÓLOGO. **Se tu sacrifício e sacerdote de Deus**. In: LITURGIA das Horas. 2. ed. Típica. Petrópolis: Vozes et al., 2000. p. 694-696. v. II. p. cit. 696; Sermo 108: PL 52,499-500.

<sup>308</sup> CENCINI, 2008. p. 129.

candidato ao presbiterado, “qual rei que, partindo para guerrear com outro rei,”<sup>309</sup> precisa primeiro se sentar e examinar se, com o que dispõe interiormente, poderá manter-se resiliente na vocação diante do desafio de a tudo renunciar para ser discípulo de Jesus. Afinal,

Quem de vós, com efeito, querendo construir uma torre, primeiro não se senta para calcular as despesas e ponderar se tem com que terminar? Não aconteça que, tendo colocado o alicerce e não sendo capaz de acabar, todos os que virem comecem a caçoar dele, dizendo: esse homem começou a construir e não pôde acabar.<sup>310</sup>

Portanto, quem aspira optar pela vida presbiteral precisa de um prudente discernimento, buscando estar ciente de que este caminho implica num estilo existencial muito exigente. Diz Karl Rahner que “[...] Quem quiser ser conduzido pela graça de Deus sem se sacrificar e sem se comprometer totalmente, nunca saberá que mesmo os caminhos inexplorados ao desconhecido alcançam à meta.”<sup>311</sup> Essa meta, para o presbítero que deseja ser ele mesmo e viver autenticamente a sua identidade presbiteral, é Jesus Cristo, que o pode realizá-lo.

Cristo é capaz de se compadecer de nossas fraquezas pois, tendo se solidarizado à nossa condição, exceto no pecado, foi provado em tudo como nós.<sup>312</sup> Destarte, o candidato ao presbiterado, confiando na graça de Deus, deve buscar assumir a própria história de vida, conhecer as próprias fraquezas pertinentes à sua personalidade, assim como suas reais necessidades. Sendo capaz de autodeterminar-se e viver responsavelmente o dom de si, próprio da vocação presbiteral, resiliente no seu sentido de identidade humana e sacerdotal.<sup>313</sup>

---

<sup>309</sup> Lc 14,31.

<sup>310</sup> Lc 14,28-30.

<sup>311</sup> “Chi vuol essere portato dalla grazia di Dio senza sacrificarsi e senza impegnare a fondo se stesso, costui no saprà mai che anche le vie inesplorate verso l’ignoto pervergono alla meta.” RAHNER, Karl. **Lettera aperta sul celibato**: Il celibato del prete diocesano nella discussione attuale. Meditazioni teologiche. I serie. Trad. Giuseppe Ruggieri. Brascia: Queriniana, 1967. p. 24-26.

<sup>312</sup> Hb 4,4-16.

<sup>313</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O dom da vocação presbiteral**: *Ratio Fundamentalit Institutionis Sacerdotalis*. Brasília: CNBB, 2017. n. 32, p. 78; RFIS 96.

Segundo Cencini, essa atitude de fé e maturidade diante das marcas do passado pessoal permite que o indivíduo exerça a sua liberdade-responsabilidade, não se justificando mais naquilo que ocorreu na história, projetando gratificações ou mesmo desculpas para sua imaturidade. Pois, ainda que a pessoa possa não ser responsabilizada pelo seu passado, ela, “em todo o caso é responsável da atitude que assume no presente, com respeito ao passado.”<sup>314</sup>

Nesse sentido, sob a assistência do Espírito Santo, o processo formativo pode ser visto como o torno sobre o qual o Senhor trabalha, de modo especial, aqueles que ele chama à vida presbiteral, como a argila é trabalhada na mão do oleiro. Descer à casa do oleiro, colocar-se em suas mãos, é dar abertura para que Deus sirva-se do caminho formativo como meio de dar, com suas próprias mãos, os contornos que configuram os seus eleitos a seu Filho Jesus Cristo. A formação revela-se assim como um tempo propício de pensar na obra, o horizonte para onde ela aponta e calcular o que precisará investir e o quão disposto está para essa obra de edificação.

Afinal, a vocação presbiteral “é dom de Deus, que constitui certamente um grande bem para aquele que é o seu primeiro destinatário,”<sup>315</sup> assim como um dom para toda a Igreja em sua vida e missão. E, por isso, “A Igreja é chamada [...] a proteger este dom, a estimulá-lo e amá-lo: ela é responsável pelo nascimento e pela maturação das vocações sacerdotais.”<sup>316</sup> Pois, também dentre “os discípulos de Jesus havia homens frágeis e não lapidados pela vida,”<sup>317</sup> buscando o sentido da vida, do sofrimento, da morte, invadidos por suas conflitantes emoções.

Na profecia de Jeremias, é o Senhor mesmo quem diz, pela boca do profeta que, assim como o oleiro, ele pode agir na vida do Povo de Israel e realizar uma obra nova. Da mesma forma opera Deus na vida daqueles que se confiam em suas mãos, obedientes e humildes. E, uma vez que o Senhor não cessa de atrair o ser humano a si para realizar o desejo por ele inscrito em seu coração,<sup>318</sup> a formação deve ajudar o formando a se abrir a ação do Espírito Santo para reconhecer a própria vida como

---

<sup>314</sup> CENCINI, 2009, cit. 44.

<sup>315</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 108; PDV 41.

<sup>316</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 108, PDV 41.

<sup>317</sup> CURY, 1999, não paginado.

<sup>318</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2017. p. 21; CIC 27.

a *mesa do encontro* e o *lugar* da revelação de Deus. [...] Entregar-se nas mãos de Deus é deixar-se modelar. [...] tal atitude exige humildade, confiança incondicional e um abandono a Deus, que vê e provê todas as necessidades.<sup>319</sup>

Deus é o oleiro que, operando no torno, sob o movimento do Espírito, por amor, não cessa de devolver ao vaso a sua real forma, o seu ser. Pois, ele sabe que “o homem só viverá plenamente segundo a verdade, se reconhecer livremente este amor e se entregar ao seu Criador.”<sup>320</sup> E, é através do seu Filho Jesus Cristo que ele remodela o barro do presbítero, dando nova forma e nova vida. Faz existir o que ainda não existe!<sup>321</sup> E nessa entrega “[...] é necessária toda a vida e cada batimento do coração.”<sup>322</sup>

Assim, a formação humana é concebida “no processo formativo como o fundamento de toda formação presbiteral,”<sup>323</sup> e deve se propor levar a pessoa a um crescimento integral, tendo como meta:

cooperar na configuração dos presbíteros a Jesus Cristo, Mestre, Sacerdote e Pastor, levando-os a buscar a santidade, ser discípulos missionários, verdadeiros pastores do povo de Deus, exercendo com humildade a função pastoral de guia dotado de autoridade, mestre da Palavra e ministro dos sacramentos, a fim de praticar uma fecunda paternidade espiritual.<sup>324</sup>

Ao se referir ao Sacramento da Ordem, Gianfranco Ghirlanda, diferenciando a causa e a finalidade entre os ministros sagrados e os outros fiéis, considera como causa o Sacramento da Ordem e a finalidade enquanto o exercício da paternidade espiritual na comunidade.<sup>325</sup> Sentido este de paternidade que Evaldo Xavier Gomes amplia, considerando esse dever espiritual à missão de “apascentar o povo de Deus, desempenhando

---

<sup>319</sup> SIDEGUM, 2005, p. 84-85. Grifo do autor.

<sup>320</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1994, p. 474; GS 19.

<sup>321</sup> Rm 4,17.

<sup>322</sup> CENCINI, 2008, p. 129-130.

<sup>323</sup> CNBB, 2019, p. 99; Doc. 110,185.

<sup>324</sup> CNBB, 2019, p. 49; Doc. 110,72.

<sup>325</sup> GHIRLANDA, Gianfranco. **O Direito na Igreja**: Ministério de Comunhão: compêndio de direito eclesial. 2. ed. Aparecida: Editora Santuário, 2003. p. 343.

na pessoa de Cristo Cabeça as funções de ensinar, santificar e governar.”<sup>326</sup>

Assim, deve-se ter presente também que, nesse itinerário “Jesus é o grande modelo para a formação humana dos presbíteros. [...] A fonte primeira da formação humana dos presbíteros consiste em reconhecer-se amado e chamado pelo Senhor”<sup>327</sup> que declara: “Como o meu Pai me amou, assim também eu vos ameí.”<sup>328</sup> E, ao permanecer com ele, possam estar dispostos a segui-lo e a imitá-lo para que sua alegria seja plena.

O candidato ao presbiterado é como “um diamante bruto, que deve ser trabalhado com habilidade, respeito pela consciência das pessoas e paciência, para que resplandeçam no meio do povo de Deus.”<sup>329</sup> Para que vivam autenticamente a vocação recebida devem ser ajudados a se libertarem de tudo aquilo que ofusca sua essência enquanto presbítero e ministro do sagrado: das ilusões, feridas, traumas, falsas e limitantes crenças; das resistências e dos enganos do coração que atrapalham viver autenticamente em seu ministério, com o coração indiviso pelo Mestre.

Geralmente, os vocacionados estão na fase de construção de sua personalidade, podendo apresentar alguns desafios quanto a identidade sexual e a conseqüente fragmentação da sua personalidade e da vida psíquica.<sup>330</sup> Mas não só, pois tantas outras áreas de sua vida podem estar fragilizadas sem, no entanto, que o sujeito tenha se dado conta. Pode ele se sentir algumas vezes como o Apóstolo Paulo, praticando o mau que não quer enquanto não consegue realizar o bem que deseja, sem controle e domínio sobre si, apenas reagindo.

Por isso,

os candidatos ao sacerdócio precisam de uma maturidade afectiva capaz de prudência, de renúncia a tudo o que a pode atacar, de vigilância sobre o corpo e o espírito, estima e respeito pelas relações interpessoais com homens e mulheres.<sup>331</sup>

Alguns são marcados por uma história de vida sofrida, nem sempre processada ou ressignificada. Apresentam sinais de estima baixa,

---

<sup>326</sup> GOMES, Evaldo; LIMA, Vicente; RAMOS, Rhawy. **Código de Direito Canônico Comentado**. Tomo II. Brasília: Edições CNBB, 2013.

<sup>327</sup> CNBB, 2019, p. 100; Doc. 110,186.

<sup>328</sup> Jo 15,9.

<sup>329</sup> CNBB, 2017, p. 13. Doc. 32.

<sup>330</sup> CNBB, 2019, p. 27; Doc. 110, 24.

<sup>331</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 120; PDV 44.



desacreditados de si. Vivem num processo de enterrar os próprios talentos pelo medo de fracassar, não corresponder à altura do que acha que Deus ou os outros esperam dele. E mesmo que estejam “com diplomas técnicos e com títulos acadêmicos, sabem atuar no mundo físico, mas não sabem atuar no seu mundo, não sabem ser agentes modificadores da sua história emocional, intelectual ou social.”<sup>332</sup>

Numa reflexão, tendo como pano de fundo algumas temáticas ligadas a doutrina da Igreja Católica como “[...] vícios e virtudes, luzes e sombras;”<sup>333</sup> o Santo Padre discorre sobre a relação entre os sete vícios e as sete virtudes. Ao considerar que a vida pende no equilíbrio entre eles, afirma,

Caímos na cultura do adjetivo, esquecemos os substantivos [...]. Não esqueçamos que você é uma pessoa, você é um homem, você é uma mulher. É mais importante ser um homem ou uma mulher do que não ter esses vícios e virtudes. Deus não ama a adjetivação da pessoa, ele ama a pessoa, como ela é.<sup>334</sup>

Nota-se, portanto, a importância de no processo formativo, acolher o formando em sua totalidade, em todas as suas dimensões enquanto pessoa. Nada se deve negar ou rejeitar para que tudo possa ser ordenado ao Bem maior, autor da vida e fundamento de sua vocação. De igual modo, é de suma importância que aquele que recebeu a missão de acompanhar e formar aqueles que são chamados ao presbiterado tenha também maturidade humano-afetiva-espiritual, experimentado e dedicado no processo a ele confiado. Ofereça uma formação com “acompanhamento e formação sólida, em vista do discernimento, da confirmação e do amadurecimento, para se tornarem pastores do povo de Deus.”<sup>335</sup>

E para que o ministério do presbítero seja fecundo, frutuoso e

---

<sup>332</sup> CURY, 1999, não paginado.

<sup>333</sup> FRANCISCO. **Diálogo com o Papa sobre vícios e virtudes**. Vatican News, 22 janeiro 2021. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-01/papa-francisco-marco-pozza-vicios-virtudes.html>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

<sup>334</sup> FRANCISCO, 2021, não paginado.

<sup>335</sup> CNBB, 2019, p. 28; Doc. 110,27.

fiel a Jesus Cristo, o formando deve conhecer a si mesmo em profundidade, aprender a amar as pessoas, grupos, comunidades, especialmente os mais pobres, e conferir sentido teológico e espiritual às opções, escolhas, sacrifícios e renúncias feitas em plena liberdade e na força do amor.<sup>336</sup>

Ao considerar essa realidade, a Santa Sé orienta sobre os benefícios da psicologia na admissão e na formação dos seminaristas, para ajudá-los a crescer no autoconhecimento e atingir maior maturidade humana. Pois eles “precisam fundamentar seu sentido de identidade a partir de seu valor pessoal intrínseco como pessoa e não somente quanto à identidade que projetam em sua função sacerdotal.”<sup>337</sup> Caso isso não seja ajustado, pode-se correr o risco de se viver mais em torno do fazer do que focados no ser, acabando por procurar fora de si mesmo e de Deus o seu sentido de autovalorização, danificando a própria autoestima.

Nesse aspecto, faz-se necessário reconhecer e compreender que há uma distinção entre identidade do presbítero e identidade presbiteral. A primeira, enquanto um projeto pessoal de vida,<sup>338</sup> refere-se à história de vida pessoal de cada padre, sua individualidade, aquilo que o difere dos outros. Ela é construída desde a fase embrional, estruturada nas relações interpessoais, na interação com o meio e sujeita a impactos diante de padrões culturais ou estruturais.<sup>339</sup>

Já a segunda, é entendida como uma “representação social compartilhada no mundo da vida e reconhecida como autêntica pela Igreja Católica,”<sup>340</sup> identifica a função do presbítero sem, no entanto, nomeá-lo. Essa diferenciação além de permitir uma melhor compreensão das crises presbiterais também valoriza “[...] a “política de identidade coletiva presbiteral e no reconhecimento do *eu como presbítero*, integrando todas as suas experiências efetivas, que juntas, compõe o espaço próprio de significação do presbítero.”<sup>341</sup> E, com isso, se promove um presbítero mais maduro e mais capacitado.

---

<sup>336</sup> CNBB, 2019, p. 100-101; Doc. 110,187.

<sup>337</sup> MÉZERVILLE, 2012, p. 168.

<sup>338</sup> SANTOS, 2010, p. 30.

<sup>339</sup> SANTOS, 2010, p. 29.

<sup>340</sup> SANTOS, 2010, p. 27.

<sup>341</sup> SANTOS, 2010, p. 28.

Portanto, enquanto busca deixar o próprio barro ser trabalhado no processo, afim de ganhar os contornos que Deus deseja imprimir, o seminário deve ser na vida do formando

uma comunidade impregnada de uma profunda amizade e caridade, de modo a poder ser considerada uma verdadeira família, que vive na alegria. [...] como comunidade dos discípulos do Senhor, na qual se celebra uma mesma liturgia [...] formada dia-a-dia na leitura e meditação da Palavra de Deus, no sacramento da Eucaristia, e no exercício da justiça e da caridade fraterna; uma comunidade onde, [...] resplandece o Espírito de Cristo e o amor para com a Igreja.<sup>342</sup>

É salutar de igual modo ajudar o formando a estar consciente do valor da orientação espiritual, da oração, das leituras espirituais, dos estudos, dos deveres do ministério ordenado, do modelo presbiteral no qual devem se espelhar. “Uma *vacina* psicossocial preventiva passa pela produção de um homem seguro, estável, que sabe se interiorizar, se repensar e que gerencia bem seus pensamentos e suas emoções, diante das adversidades da vida.”<sup>343</sup> Assim, é o efeito da espiritualidade cristã e do autoconhecimento quando cultivados na vida ministerial. Produz um padre mais seguro de si, ciente de ser amado por Deus não em função do que faz, mas acima de tudo em razão de seu significado, do seu ser para Deus.

### 3.3 A FORMAÇÃO PERMANENTE DO DISCÍPULO

Santo Anselmo de Cantuária, declarando que Deus está em toda parte, sendo ele a própria vida, a luz, a sabedoria, a bondade, a eterna felicidade e feliz eternidade, reconhece

[...] Quão afastada estás de meu olhar, de mim que tão presente ao teu olhar! Estás presente em toda parte, e eu não te vejo. Em ti me movo, em ti existo, e de ti não posso me aproximar. Estás dentro de mim e ao meu redor, e eu não te percebo. Peça-te, meu Deus, faze que eu te conheça e te ame, para encontrar em ti minha alegria. E se não o posso

<sup>342</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 159; PDV 60.

<sup>343</sup> CURY, 1999, não paginado. Grifo do autor.

alcançar plenamente nesta vida, que ao menos vá me aproximando, dia após dia, dessa plenitude.<sup>344</sup>

Isso para expressar que a sublimidade de Deus não é capaz de ser alcançada pelo limitado olhar humano, nem por sua inteligência. E, da mesma forma que não se pode fixar o sol a olho nu, achando-se capaz de penetrá-lo em sua luminosidade, de igual modo não se é capaz de olhar diretamente a grandeza da luz de Deus. Portanto, é imperativo considerar como o mais importante buscar saber sobre Deus, como declara Adolphe Tanquerey, tudo quanto for possível para que o coração se abra para “admirá-lo e amá-lo, ou seja, sua existência, natureza, atributos e obras, mas sobretudo sua *vida íntima* e suas *relações conosco*.”<sup>345</sup>

Declara o Apóstolo Paulo, “Irmãos, não julgo que eu mesmo o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está adiante, prossigo para o alvo [...]” Com isso pode-se afirmar que presbítero algum, mesmo tendo passado por longos anos de formação seminarísticas ou mesmo já no exercício de seu ministério a consideráveis anos, pode se achar pronto; como que alcançado a meta ou atingido o perfeito conhecimento de si mesmo e de Deus.

Sobre a formação presbiteral, José Adalberto Vanzella afirma que

O discipulado e a configuração a Cristo, obviamente, acompanham toda a vida; por isso, o que se entende por etapa do discipulado e etapa de configuração é a especial atenção dedicada em dois momentos da formação inicial à compreensão de que se é discípulo e à necessidade de entender o chamado ao ministério e à vida sacerdotal como uma contínua configuração a Cristo.<sup>346</sup>

Por isso, com humildade e maturidade, desejando viver autenticamente o seguimento à Cristo,

<sup>344</sup> ANSELMO DE CANTUÁRIA. Que eu te conheça e te ame para encontrar em ti minha alegria. In: LITURGIA das Horas. 2. ed. típica. Petrópolis: Vozes et al., 2000. p. 1532-1533. v. II. p. cit. 1533; *Proslogion* 14,16.26

<sup>345</sup> TANQUEREY, 2018, 433, I.II.I.I, p. 205. Grifo do autor.

<sup>346</sup> VANZELLA, José Adalberto. **O Tríplice Múnus de Cristo**. Revista TQ: Teologia em Questão, Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP, Ano XVII, n. 33, p. 12-214, dez. 2018. p. 156. Disponível em: < <https://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/227/189>>. Acesso em 20 jun. 2021.

O presbítero deveria submeter-se a uma revisão periódica de seu estado de saúde física. [...] Cuidar da saúde psíquica recorrendo, quando for necessário, ao acompanhamento de profissionais nessas áreas. [...] Procurar [...] um diretor espiritual que lhe permita reafirmar seu sentido de chamado.<sup>347</sup>

Afirma Robert M. Schwartz que, dado a “excelência da Ordem do presbiterado na Igreja,”<sup>348</sup> o presbítero deve agir “*in persona Christi caput ecclesiae - na pessoa de Cristo como chefe e cabeça da Igreja* -,”<sup>349</sup> ou seja, na pessoa de Cristo, num contexto em que, segundo Donald Bernard Cozzens, “[...] nunca a vida interior do sacerdote foi tão importante para sua saúde espiritual e pessoal e para a sua eficácia como pároco como na época presente de busca e espera.”<sup>350</sup> Sendo assim, porque “recebem de Deus a graça de serem ministros de Jesus Cristo no meio dos povos,”<sup>351</sup> recai sobre o presbítero o imperativo de um testemunho existencial de uma vida no Espírito.

Por isso, nem o seminarista e nem o padre devem se considerar obras prontas, subestimando o valor da terapia no processo de autoconhecimento, assim como a importância da orientação espiritual, no cultivo da sua espiritualidade. São dimensões imprescindíveis para integrar todos os aspectos da sua individualidade e promover harmonização da sua face interior. Para reconhecer e acolher o seu próprio rosto como imagem de Deus e, ao reconhecer em si a presença da Santíssima Trindade, possa também ser capaz de perceber e acolher a face de Jesus no próximo, amando-o como é amado.

Segundo Mézerville, o estresse a que estamos submetidos nesse complexo contexto, com situações e dificuldades, produzem efeitos psicológicos e até fisiológicos dos quais é difícil se escapar. Saber adaptar-se a tais realidades, assumindo a existência com maturidade mental, emocional e com uma espiritualidade centrada em Cristo sacerdote, é fundamental para viver o ministério presbiteral. Bem como

---

<sup>347</sup> MÉZERVILLE, 2012, p. 155.

<sup>348</sup> PAULO VI, 1965, PO 1, não paginado.

<sup>349</sup> SCHWARTZ, Robert M. Servo dos servos de Deus: espiritualidade de um pároco. In: COZZENS, Donald B. [Org]. **A espiritualidade do padre diocesano**. Trad. Joshuah de Bragança Soares. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 27. Grifo do autor.

<sup>350</sup> COZZENS, 2014, p. 09.

<sup>351</sup> PAULO VI, 1965, PO 2, não paginado.

para não cair na armadilha de se refugiar apenas na dimensão teológica do presbítero, acabando por adquirir uma personalidade fragmentada, afetada por transtornos psíquicos, caso se distancie de sua humanidade.<sup>352</sup>

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, (CELAM)<sup>353</sup> ao tratar da identidade dos ministros ordenados e de sua missão, destaca algumas situações que na atualidade incidem e desafiam tanto a vida quanto o ministério dos presbíteros. O primeiro desafio trata da

questão da identidade teológica do ministério presbiteral. [...] O sacerdote não pode cair na tentação de se considerar somente mero delegado ou apenas representante da comunidade, mas sim um dom para ela, pela unção do Espírito e por sua especial união com Cristo.<sup>354</sup>

Para que o exercício pastoral não vire profissionalismo e a gratuidade não seja substituída por gratificação, os compromissos não virem válvulas de escape para fugir dos problemas e o próprio padre não se torne insensível nem às ovelhas a ele confiada, nem ao próprio Senhor, recomenda Brandes como antídoto: “oração, lazer, amizades boas, mudar o estilo competitivo, perfeccionista e apressado, observar o 5º mandamento e o convite de Jesus,”<sup>355</sup> para se ir com ele a um lugar deserto e descansar.<sup>356</sup>

Já “o segundo desafio se refere ao ministério do presbítero inserido na cultura atual. Esse desafio inclui a necessidade de potencializar adequadamente a formação inicial e permanente dos presbíteros [...], o terceiro trata de aspectos vitais e afetivos, ao celibato,”<sup>357</sup> envolvendo a própria questão da profundidade da vida espiritual, em que a experiência pessoal com Deus se traduza em capacidade de cultivar relacionamentos saudáveis, na caridade pastoral. Portanto, também o celibato precisa ser

---

<sup>352</sup> MÉZERVILLE, 2012, p. 168.

<sup>353</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2018, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. p. 95-96. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a\\_pdf/cnbb\\_2007\\_documento\\_de\\_aparecida.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2021.

<sup>354</sup> CELAM, 2018, p. 96, nota 193.

<sup>355</sup> BRANDES, 2008, não paginado. Grifo autor.

<sup>356</sup> Mc 6,31.

<sup>357</sup> CELAM, 2018, p. 97, nota 195;196.

reflexo de maturidade afetiva e sexual, expressão única de entrega de si mesmo em prol do Reino, e caminho de configuração a Cristo.<sup>358</sup> Assim, o presbítero deve ser

homem de oração, maduro em sua opção de vida por Deus, fazer uso dos meios de perseverança, como o Sacramento da Confissão, da devoção à Santíssima Virgem, da mortificação e da entrega apaixonada por sua missão pastoral.<sup>359</sup>

Isso porque

[...] Deus é o ser [...] único necessário; o único bem a ser buscado: tudo o mais é contingente, acessório, transitório, e somente pode ser útil na medida em que nos conduz ao único necessário. Deus é a perfeição infinita e as criaturas são somente um pálido reflexo de sua formosura.<sup>360</sup>

Além dos desafios citados, o presbítero encontra outros de ordem estrutural como por exemplo paróquias com uma grande área de atuação; outras localizadas em áreas muito pobres, em áreas violentas e inseguras que dificultam o exercício de uma pastoral adequada.<sup>361</sup>

Reconhece o Papa Francisco a existência da ameaça de uma crise de identidade sacerdotal juntamente com a crise de civilização. E sinaliza que na origem da tristeza e insatisfação de alguns padres, ou a incapacidade para reconhecerem e viverem aquilo que são por graça, ungidos, está o fato de não colocarem “em jogo a pele e o próprio coração.”<sup>362</sup> E alerta para o perigo de se viver na superficialidade da unção recebida, sem experimentá-la em profundidade em todo o seu poder e eficácia nas periferias existenciais. Tal postura impede o presbítero de encontrar o Senhor e se fazer lugar de encontro para o povo, anunciando

---

<sup>358</sup> CELAM, 2018, p. 97, nota 195.

<sup>359</sup> CELAM, 2018, p. 97, nota 195;197.

<sup>360</sup> TANQUERREY, 2018, 434, p. 206.

<sup>361</sup> CELAM, 2018, p. 97, nota 197.

<sup>362</sup> PAPA FRANCISCO. **Homilia do santo padre Francisco: santa missa crismal**. Vaticano. 28 mar. 2013. Não paginado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130328\\_messa-crismale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html)>. Acesso em: 26 mar. 2021.

o Evangelho como ungidos, como “pastores segundo o coração de Deus.”<sup>363</sup>

Desse modo, os presbíteros são chamados a seguirem o exemplo do Mestre de Nazaré, saindo de si mesmos, uma vez que a unção não é para auto perfumarem-se. E quanto menos a criatura procurar conhecer o seu criador, permitindo que o seu coração seja sempre mais ocupado pelas coisas terrenas, tanto menos espaço encontrará ali o amor de Deus e mais dificuldade terá para conhecer a si mesma.<sup>364</sup>

[...] se ficarmos sempre metidos na miséria de nosso barro, nunca dele brotarão arroios limpos, sem a lama dos temores, da pusilanimidade, da covardia, de pensamentos como os seguintes: *estão me olhando - não me estão olhando; por este caminho não me sairei bem; ousarei começar aquela hora?; será soberba uma pessoa tão miserável como eu tratar de assuntos tão altos como a oração?; vão me achar melhor que os outros [...]?; como sou tão pecadora, cairei de mais alto; talvez não vá adiante e faça mal aos bons; a uma como eu, não convém singularidades.*<sup>365</sup>

Portanto, diante do que foi apresentado, pode-se concluir que o presbítero, enquanto chamado a viver conforme a dignidade do sacramento recebido, como autêntico homem do sagrado, não deve esquecer de que, enquanto criatura, depende de Deus. Que é dependente da graça do seu Criador para atingir o fim para o qual foi criado, e chamado em sua específica vocação, ao mesmo tempo via de santidade e salvação. Há uma meta a ser alcançada enquanto eleito, sem, no entanto, negligenciar a realidade existencial na qual se encontra, pessoal e coletiva, nem negar a realidade de quem é.<sup>366</sup>

Pois para que o coração do presbítero possa ser “como ribeiro de água [...] na mão de Iahweh,”<sup>367</sup> ser dirigido segundo a sua vontade, é imprescindível que ele não esteja alheio das possibilidades do coração. Afinal, a configuração com Cristo é “um processo de crescimento interior

---

<sup>363</sup> FRANCISCO, 2013, não paginado.

<sup>364</sup> JESUS, 2018, p.31.

<sup>365</sup> JESUS, 2018, p. 32. Grifo do autor.

<sup>366</sup> MÉZERVILLE, 2012, p. 120-121.

<sup>367</sup> Pr 21,1-6.



na fé e no amor [...] que dura a vida toda e abrange todas as dimensões da vida.”<sup>368</sup>

Para que o se deixar apropriar por Deus seja consciente, maduro e livre, é necessário o autodomínio obtido através do conhecimento de si. Afinal, é o próprio Senhor que chama seus discípulos a ficarem com ele, para que nesse processo pedagógico-espiritual<sup>369</sup> junto de Cristo, possam crescer humana e espiritualmente a fim de serem testemunhas de coerência de fé, num exercício ministerial autêntico e fecundo.

---

<sup>368</sup> SIDEGUM, 2005, p. 13.

<sup>369</sup> CNBB, 2017. n. 30-31, p. 78; RFIS 61.



## CONCLUSÃO

Ao chegarmos ao término desse trabalho de conclusão de curso, tem-se a consciência de que muito ainda haveria por aprofundar acerca da relevância do autoconhecimento para identidade do presbítero no exercício de seu ministério e na vivência de sua espiritualidade. No entanto, é possível aqui transcorrer algumas considerações finais do assunto aqui tratado, sem a presunção de encerrar e nem esgotar a profundidade do assunto.

Contudo, frente ao objetivo de apresentar a relevância do autoconhecimento na espiritualidade cristã à estruturação da identidade presbiteral, conclui-se que para o presbítero poder viver de um modo autêntico a sua identidade pessoal e, ao mesmo tempo, uma genuína vivência de sua identidade ministerial, é vital o conhecimento de si. Pois o exercício de seu ministério requer certo grau de maturidade humano-afetiva e espiritual. Requisitos de extrema importância à sua vocação, obtidos pela observância sincera dessa ferramenta no processo formativo, para poder corresponder com maior liberdade e responsabilidade à missão a ele confiada.

Conclui-se que a reflexão a partir do Concílio Vaticano II foi um momento divisor de águas na vida da Igreja que, buscando retomar o seu ponto de partida que é Jesus Cristo, não só ressignificou a sua forma de estar no mundo como também aprofundou a reflexão sobre a questão sobre quem era o presbítero, a sua forma de estar no mundo. Todo esse movimento do Espírito possibilitou uma transformação no interior da Igreja, uma conversão de perspectiva para não mais manter-se como que separada do mundo.

Neste contexto gostaria de salientar que a escolha do tema aqui desenvolvido foi fruto de uma busca pessoal e de uma experiência existencial e espiritual, que serviu para testificar a graça transbordante de Deus na própria vida. Isso porque num determinado dia, naquele dia, 15 de janeiro de 2013, o presente autor, como que por um desdobramento de outras experiências místicas, viveu uma que foi decisiva para mudar toda a sua vida.

Tal experiência de encontro pessoal com o Ressuscitado que passou pela cruz, cujo impacto desencadeou um arrebatador desejo de ter a própria vida como fruto de intimidade com Deus, ter o próprio viver moldado ao seu querer. Insufinou em seu espírito um intenso anseio de querer olhar tudo a partir dos olhos de Deus, amando na medida do seu amor e viver a liberdade dos filhos de Deus. A sede por sua verdade fez crescer a certeza interior de que devia buscar o autoconhecimento a partir

do olhar do Pai, a crescer na espiritualidade cristã para melhor servir a Deus.

Portanto, a pesquisa orante aqui apresentada foi uma possibilidade de aprofundar a própria busca vocacional, fazer memória de fé, memória de vida, memória de salvação, voltar ao primeiro amor. Proporcionou revisitar algumas páginas do passado que se encontravam como que em um rio congelado, precisando que o gelo fosse quebrado para torná-lo num rio fecundo em meu presente. E com isso foi possível contemplar um novo horizonte de fé, desvelar uma paisagem até então escondida em mim, de mim mesmo, por falta de olhar na direção certa.

Essa viagem acadêmica, sem deixar de ser humana e mística, fortaleceu a convicção de que para se viver de modo autêntico a vocação presbiteral é imprescindível na busca pelo autoconhecimento como via de amadurecimento humano e espiritual. Entre os frutos colhidos neste trabalho, pode-se acentuar uma maior clareza a respeito da diferença existente entre identidade presbiteral e a identidade do presbítero. Embora haja distinção, deve-se vivê-las de modo integrado atento as particularidades de cada uma.

Outro ponto a se considerar, é que também foi possível compreender com maior clareza que a palavra espiritualidade aponta para um horizonte muito amplo, que não se limita apenas à espiritualidade religiosa. A espiritualidade é constituinte à estrutura humana, ou seja, está imbricada no ser da pessoa, uma característica própria de sua natureza. E que, de igual modo, o autoconhecimento não está como um apêndice no processo de desenvolvimento humano, mas como uma realidade necessária a ser buscada, para que haja maturação humana.

Observou-se que o autoconhecimento é uma capacidade de, pela autoconsciência, avançar em direção do verdadeiro eu para tirá-lo das sombras. Um caminho que requer coragem, comprometimento e maturidade para esquadrihar o próprio interior, reconhecendo as qualidades, os dons, o tesouro pessoal que se é e se porta, assim como reconhecer limites, fragilidades, fraquezas, necessidades, sentimentos, desejos, afetos e feridas. Um processo reflexivo que é resultado de um diálogo sincero consigo mesmo para se ter consciência sobre quem se é verdadeiramente.

Consequentemente, o sujeito passa a conquistar um maior domínio de si mesmo, tornando-se uma pessoa mais segura, resiliente, autêntica e livre. Para tanto, deve se apropriar da própria história de vida com amor, respeito, paciência, sem nada negar ou dissimular, mas tudo trazer à luz e tudo desejar ordenar para o amor. Assim, poderá processualmente desfrutar de maior harmonia, libertar-se de crenças limitantes ou de falsas

imagens; sarar as feridas, tornar-se mais humano e mais capaz de estar no comando de suas emoções, suas escolhas, livre em sua própria existência.

Para que o sujeito seja curado de suas fragmentações é vital que acolha a própria humanidade, sua corporeidade, sua finitude e suas potencialidades de modo integral em todas as suas dimensões, fisiológicas, psíquicas, espirituais, sua história pessoal de vida, seus polos positivos e seus contrários. Pois, evitar esse processo equivale em assumir uma postura de autossabotagem, uma vez que isso prejudica o próprio crescimento individual e coletivo, enquanto ser de relações.

Viu-se que o presbítero, têm necessidade de relações afetivas com pessoas concretas e significativas em sua vida como qualquer ser humano. Aliás, enquanto pessoa individualizada, mas constituída das mesmas realidades corporais que os seus semelhantes, se optar por negligenciar a dimensão do autoconhecimento e da espiritualidade cristã colocará em risco a própria identidade pessoal e presbiteral. Poderá em suas resoluções não ter suficiente resiliência para suportar os impactos contrários à sua individualidade ou à sua fé ou à sua própria vocação.

Privar-se por escolha própria de amadurecer enquanto pessoa acarreta sérios prejuízos que, além de afetar a si mesmo, atinge o próprio povo a ele confiado. Pois, desconhecendo-se, ele não saberá agir, mas apenas reagir; buscará compensações externas numa tentativa de aplacar o vazio interno. E como aquele que busca estancar o sangue de suas feridas no desordenado prazer, nos vícios, com comida ou álcool, com trabalhos, enquanto não se dispor para curar as feridas do próprio passado, aceitar tocar na raiz da dor ou nas memórias que o prendem, continuará sangrando insatisfeito por mais que tenha tudo.

Inevitavelmente, isso também se dará no plano espiritual, e ao invés do fiel encontrar um homem do sagrado, que tem Jesus Cristo por modelo por excelência para sua conduta de vida, no exercício de seu ministério, há de se escandalizar ao se deparar com suas fragilidades não assumidas e nem redimidas. Mas denunciadas por sua postura insegura, clericalista, por sua incoerência de vida, insensibilidade pastoral, moralismos e fraca espiritualidade. O fiel poderá encontrar um homem que não deixou tudo por causa de Cristo, mas por causa de si mesmo e de tudo aquilo que às custas do Senhor poderia desfrutar.

Isso porque o maior prejuízo é não se pertencer e, por consequência, não há de conseguir se tornar também propriedade de Deus, já, que ninguém pode oferecer aquilo que não tem, nem ofertar aquilo que lhe falta. Destarte, o autoconhecimento na espiritualidade cristã é também um caminho de conversão, de se devolver a Deus, devolvendo-se a si mesmo. É um meio de abraçar a própria cruz por causa

de Cristo e lhe seguir, desde a sua humanidade assumida até a consumação de sua missão enquanto o Messias, o Filho do Deus vivo.

O Concílio Vaticano II foi o momento no qual a Igreja Católica percebeu a necessidade de lançar um olhar sobre si própria, para refletir sobre a sua identidade e sua missão no mundo, enquanto continuadora da obra redentora de Cristo. Pôde reconhecer também que era momento de pôr sob seus olhos a pessoa do presbítero, para repensar a sua forma ministerial de estar no mundo. Muitos foram os fatores que instigaram a reflexão, como as novas questões trazidas pelo progresso de um mundo globalizado, as inovações tecnológicas, a gama de novos valores. Enfim, toda uma nova ordem social em rápido avanço a incidir seus efeitos sobre a identidade dos presbíteros, desde a sua estruturação.

A reflexão a partir do Concílio não deixou de ser um momento divisor de águas na vida da Igreja que, buscando retomar o seu ponto de partida que é Jesus Cristo, não só ressignificou a sua forma de estar no mundo como também aprofundou a reflexão sobre a questão sobre quem era o presbítero, a sua forma de estar no mundo. Todo esse movimento do Espírito possibilitou uma transformação no interior da Igreja, uma conversão de perspectiva para não mais manter-se como que separada do mundo. Em contrapartida, sua nova postura gerou presbíteros mais focados na missão presbiteral e mais pastores.

Portanto, o tempo de formação seminarística deveria levar o candidato ao presbiterado a uma profunda consciência da importância do autoconhecimento para uma vivência sempre mais autêntica da identidade presbiteral e do presbítero. Suscitar nesses o valor da espiritualidade cristã nesse processo para uma vida em Deus e, por consequência, o exercício fecundo de seu ministério.

Recai também sobre o candidato a humildade de coração para acolher tal processo como via de santificação e configuração a Jesus Cristo, Mestre do qual o padre é um permanente discípulo em formação. Sendo assim, ao processo formativo se torna como que o torno sob o qual o Senhor trabalha, na ação do seu Santo Espírito, modelando o barro humano de seus eleitos. Barro esse que é a própria história pessoal de vida, presente e passada, com todas as suas marcas e características, com toda a sua singularidade. Afinal o próprio Deus tocou o nosso barro com a sua vida, elevando o ser humano à condição de filho no Filho; e é desse mesmo material que ele se serve dos padres para lhes dar vida nova e, através de seus frágeis vasos, manifestar a grandeza de seu amor.



## REFERÊNCIAS

ADÃO, Francys Silvestrini. **Oração Cristã**. Pós ECOE. Julho de 2020.

ALEXANDRIA, Atanásio de. **Vida de Santo Antão**. São Caetano do Sul: Santa Cruz, 2019.

ALVEZ, Carlos Eduardo. **O ministério ordenado como servidor da unidade na igreja**: hierarquia como serviço e orientação para garantir o trabalho comum na comunidade cristã. Artigos. p. 41-60. p. 53. Disponível em: < <https://claretiano.edu.br/revista/revista-teologica/605b7884411a529388ea41df>>. Acesso em: 03 maio 2021.

ANSELMO DE CANTUÁRIA. **Que eu te conheça e te ame para encontrar em ti minha alegria**. In: LITURGIA das Horas. 2. ed. típica. Petrópolis: Vozes et al., 2000. p. 1532-1533. v. II. p. cit. 1532; *Proslogion* 14,16.26

ARTAUD, Gérard. **Conhecer-se a si mesmo**: crise de identidade do adulto. Trad. Joaquim Pereira Neto. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

ATANASIO, Santo. **Vida de Santo Antão**. São Caetano do Sul: Santa Cruz, editora e livraria, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Sacramentum Caritatis**: ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre a eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. Vaticano: 2007. Não paginado. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20070222\\_sacramentum-caritatis.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html)>. Acesso em: 16 jun. 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BRANDES, Orlando. **Ativismo, uma patologia generalizada**. CNBB, Igreja Católica Apostólica Romana. 20 jun. 2008. Não paginado.



Disponível em: < <https://www.cnbb.org.br/ativismo-uma-patologia-generalizada/>>. Acesso em 19 jun. 2021.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

CÂNDIDO, Edinei da Rosa. À imagem e semelhança de Deus: o itinerário antropológico do cristianismo antigo. **Cadernos Patrísticos**. Textos e estudos, Florianópolis, novembro 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 4. ed. São Paulo: Loyola; Ave-Maria; Vozes Ltda.; Paulinas, Paulus, 2017.

CENCINI, Amadeo. **A história pessoal, morada do mistério**: indicações para o discernimento vocacional. Trad. Casa da juventude – Porto. Prior Velho: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Curso para formadores**. O modelo da integração e relação entre formação inicial e permanente. Curitiba: [s.l], 2017. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/51418852-27-a-29-06-2017-curitiba-pr-o-modelo-da-integracao-e-relacao-entre-formacao-inicial-e-permanente-pe-amedeo-cencini.html>>. Acessado em: 29 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Virgindade e celibato hoje**: para uma espiritualidade pascal. Trad. Maria do R. P. Lisboa: Paulus, 2008.

CENTRO FRANCISCANO DE ESPIRITUALIDADE. **Escritos de Santa Clara**. Carta 2 a Inês de Praga: 2Ctln 11-14. Disponível em: < [http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes-leitura?id=611&parent\\_id=525](http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes-leitura?id=611&parent_id=525)>. Acesso em: 10 jun. 2021. Não paginado.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2017.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Gaudim Et Spes*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio**

**do Vaticano II:** constituições, decretos, declarações. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2018, Aparecida. **Documento de Aparecida:** texto conclusivo. p. 95-96. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a\\_pdf/cnbb\\_2007\\_documento\\_de\\_a\\_parecida.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_a_parecida.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2021.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil.** 1 ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Inter Insigniores.** Vaticano: 1976. Não paginado. Disponível em <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19761015\\_inter-insigniores\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19761015_inter-insigniores_po.html)>. Acesso em: 8 abr. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros.** Vaticano: 2013. Não paginado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccclergy/documents/rc\\_con\\_ccclergy\\_doc\\_20130211\\_direttorio-presbiteri\\_po.html#\\_ftn13](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html#_ftn13)>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O dom da vocação presbiteral:** *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis.* Brasília: CNBB, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Pontifical Romano. São Paulo: Paulus, 1992.

CONSELHO ESPICOPAL LATINO-AMERICANO. **Discípulos missionários no mundo da saúde:** guia para a Pastoral da saúde na América Latina e no Caribe. São Paulo: Centro universitário São Camilo, 2010.

COZZENS, Donald Bernard. A espiritualidade do padre diocesano. In: COZZENS, Donald B. [Org]. **A espiritualidade do padre diocesano.** Trad. Joshuah de Bragança Soares. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

CROISSANT, Jo. **O corpo, templo da beleza**. Edições Shalom. Fortaleza. 2002

CUNHA, Domingos. **Metade de mim é luz... e a outra metade também vai ser**. Disponível em: <<https://www.eneagramashalom.com.br/artigo/41/metade-de-mim-luz-e-a-outra-metade-tamb-m-vai-ser>>. Acesso em: 30 mar. 2021. Não paginado.

CURY, Augusto Jorge. **Análise da Inteligência de Cristo**: o Mestre dos Mestres. São Paulo: Academia de Inteligência, 1999. Não paginado. Disponível em: <[http://www.teologiapelaineternet.com.br/biblioteca/arquivos/Evangelicos/Augusto\\_Cury/Augusto%20Cury%20-%20Analise%20da%20Inteligencia%20de%20Cristo%20-%20O%20Mestre%20da%20Sensibilidade.pdf](http://www.teologiapelaineternet.com.br/biblioteca/arquivos/Evangelicos/Augusto_Cury/Augusto%20Cury%20-%20Analise%20da%20Inteligencia%20de%20Cristo%20-%20O%20Mestre%20da%20Sensibilidade.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2021.

LORISTÁN, Casiano. **Dicionário de pastoral**. São Paulo: Santuário, 1990.

DONNE, John. **Devoções para Ocasões Emergentes**. Meditação VII. 1624. Disponível em: <<https://citacoes.in/autores/john-donne/>>. Acesso em: 17 mar. 2021. Não paginado.

ESPEJA, Jesús. **Espiritualidade cristã**. trad. Ralf de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1994.

EXUPÉRY, Antoine de Saint apud MENDONÇA, José Tolentino. **Elogio da Sede**. São Paulo: Paulinas, 2018.

FELCZAK, Elinton Fernando. **A Espiritualidade cristã como itinerário de amadurecimento humano segundo Anselm Grün**. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado – Curso de Teologia, Faculdade Católica de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017.

FELLER, Vitor. **Ser padre hoje**. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

FILHO AZEVEDO, Moysés Louro de. **Escritos**. Comunidade Católica Shalom. 6 ed. Aquiraz: Shalom, 2012.

FIORES, Stefano de.; GOFFI, Tullo. **Dicionário de espiritualidade**. Trad. Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1993.

FRANCISCO. **Catequese 32**: a oração contemplativa. Audiência geral. Biblioteca do Palácio Apostólico. 5 mai. 2021. Não paginado.

\_\_\_\_\_. **Diálogo com o Papa sobre vícios e virtudes**. Vatican News, 22 jan 2021. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-01/papa-francisco-marco-pozza-vicios-virtudes.html>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **Homilia do santo padre Francisco**: santa missa crismal. Vaticano. 28 mar. 2013. Não paginado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130328\\_messa-crismale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html)>. Acesso em: 26 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da casa Santa Marta**: Pelo rebanho não pela carreira. Vaticano: 2018. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/pa-pa-francesco-cotidie\\_20180515\\_rebanho-carreira.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/pa-pa-francesco-cotidie_20180515_rebanho-carreira.html)>. Acesso em: 22 abr. 2021. Não paginado.

\_\_\_\_\_. **O Papa**: as fragilidades são um lugar teológico. os sacerdotes super-homens terminam mal. Vatican News, 07 jun. 2021. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-06/papa-francisco-sacerdotes-franceses-fragilidades-lugar-teologico.html>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Terceira meditação**: o bom odor de Cristo e a luz da sua misericórdia. Retiro espiritual guiado pelo Papa Francisco por ocasião do jubileu dos sacerdotes. Basílica de São Paulo Extramuros. 2 jun. 2016. Não paginado.

GHIRLANDA, Gianfranco. **O Direito na Igreja**: Ministério de Comunhão: compêndio de direito eclesial. 2. ed. Aparecida: Editora Santuário, 2003.

GIOVANETTI, José Paulo. Psicologia existencial e espiritualidade. In: AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GOMES, Evaldo; LIMA, Vicente; RAMOS, Rhawy. **Código de Direito Canônico Comentado**. Tomo II. Brasília: Edições CNBB, 2013.

GRÜN, Anselm. **Homens da Bíblia**: lutar e amar para encontrar a si mesmos. Trad. Sergio Ricardo Lima. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **O ser fragmentado**: da cisão à integração. Trad. Inês Antonia Lohbauer. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Oração e autoconhecimento**. Trad. Carlos Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

HIPONA, Agostinho de. **Confissões**. Trad. Maria L. J. Amarante. 25. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

\_\_\_\_\_, Agostinho de. **Do sermão dobre os pastores**. Disponível em: <[http://www.filhosdapaixao.org.br/aos\\_sacerdotes/escritos\\_aos\\_sacerdotes\\_03.htm](http://www.filhosdapaixao.org.br/aos_sacerdotes/escritos_aos_sacerdotes_03.htm)>. Acesso em: 26 mar 2021. Não paginado.

\_\_\_\_\_. **A Trindade**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. **Comentários aos salmos**: Enarrationes in psalmos: 51-100. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

RODRIGUES, Ivan. Desenvolvimento da pessoa humana e experiência espiritual. **Espiritualidade cristã e orientação espiritual**. Faculdade Jesuíta. Belo Horizonte, Faculdade Jesuíta, 06/23 jan. 2020. Não paginada.

JESUS, Santa Teresa de. **Castelo interior ou moradas**. São Paulo: Paulus, 2018.

JOÃO PAULO II. **Carta a todos os sacerdotes da Igreja por ocasião da quinta-feira santa**. 1979.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Fides et Ratio**. Vaticano. 1998. Não paginado; FR 31. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html)>. Acesso em: 13 mar. 2021.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Pastores Dabo Vobis**: sobre a formação dos sacerdotes. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

KEATING, Thomas. **Intimidade com Deus**. Trad. Barbara Theoto Lambert. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999.

LACARRIÈRE, Jacques. **Padres do deserto**: homens embriagados de Deus. trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2013.

LIGÓRIO, Afonso Maria de. **Meditações**: para todos os Dias e Festas do Ano: Tomo I: Desde o primeiro domingo do Advento até a Semana Santa Inclusive. Trad. P. João de Jong. Friburgo: Herder & Cia, 1921.

LOYOLA, Inácio de. **Escritos de Santo Inácio**: exercícios espirituais. Trad. R. Paiva. São Paulo: Loyola, 2000.

MACÁRIO. Ai da alma que não habita Cristo. In: LITURGIA das horas. 2. ed. Típica. Petrópolis: Vozes et al., 2000. p. 521.522. v. IV. p. cit. 521-522; Hom. 28: PG 34,710-711.

MARIA, Eliana. **O menino e o anjo**. Pérolas finas. 2 nov. 2014. Disponível em: <<http://perolasfinas.blogspot.com/2014/11/o-menino-e-o-anjo.html>>. Acesso em: 10 abr. 2021. Autor desconhecido. Não paginado.

MANENTI, Alessandro. **Compreender e acompanhar a pessoa humana**: manual teórico e prático para o formador psicoespiritual. Trad. Paulo V. Valério. São Paulo: Paulinas, 2021.

McNULTY, Frank. Um coração inflamado. In: COZZENS, Donald B. [Org]. **A espiritualidade do padre diocesano**. Trad. Joshuah de Bragança Soares. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MENDONÇA, José Tolentino. **Elogio da Sede**. São Paulo: Paulinas, 2018.

MENEZES, Pedro. **Conhece-te a ti mesmo**. São Paulo: Toda Matéria: conteúdos escolares, 2011. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/conhece-te-a-ti-mesmo/>>. Acesso em: 27 set. 2020. Não paginado.

MERTON, Thomas. **A sabedoria do deserto**: ditos dos padres do deserto do século IV. Tra. dos Verba Seniorum por Thomas Merton. Trad. Hélio de Mello Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MESTERS, Carlos. **Paulo Apóstolo**: um trabalho que anuncia o Evangelho. São Paulo: Paulus, 1991.

MÉZERVILLE, Helene López de. **O desgaste na vida sacerdotal**: Prevenir e superar a síndrome de Burnout. Trad. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2012.

MONDONI, Danilo. **História e teologia da espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 2014.

NOGUEIRA, Maria E. O; LEMOS, Silvia Maria L. **Tecendo o fio de ouro**: caminho *ordo amoris*. 10. ed. Aquiraz: Shalom, 2008.

NOUWEN, Henri. **O curador ferido**: ministério na sociedade contemporânea. Trad. Thelma Nóbrega. Petrópolis: Vozes, 2020.

PAULO VI. **Decreto Presbyterorum Ordinis**: sobre o ministério e a vida dos sacerdotes. Vaticano, 1965. PO 2. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_presbyterorum-ordinis\\_po.html#>](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html#>). Acesso em 05 maio 2021.

PEDRO CRISÓLOGO. Sê tu sacrifício e sacerdote de Deus. In: LITURGIA das Horas. 2. ed. Típica. Petrópolis: Vozes et al., 2000. p. 694-696. v. II. p. cit. 696; Sermo 108: PL 52,499-500.

PESSINI, Leo. **Espiritualidade e arte de cuidar**: o sentido da fé para a saúde. São Paulo: Paulinas; Centro Universitário São Camilo, 2010.

RADCLIFFE, Timothy. **Afetividade e Eucaristia**. Conferência pronunciada nas XXXIV Jornada Nacional de Pastoral da Juventude. 20 abr. 2019. Não paginado. Disponível em:

<<https://teologialibertacao.wordpress.com/2019/04/20/afetividade-e-eucaristia/>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**: com aquarelas do autor. Trad. Dom Marcos Barbosa. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Formação presbiteral inicial e permanente**. Encontros teológicos: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, ano 26, 2011.

SANTOS, Jésus Benedito dos. **O presbítero católico**: uma identidade em transformação. 3. ed. Aparecida: Santuário, 2010.

\_\_\_\_\_. **Presbítero-pastor**: Sol nascente: Discípulo missionário do Senhor em tempos de mudanças. Uberlândia: A Partilha, 2018.

SCHWARTZ, Robert M. Servo dos servos de Deus: espiritualidade de um pároco. In: COZZENS, Donald B. [Org]. **A espiritualidade do padre diocesano**. Trad. Joshuah de Bragança Soares. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

SENA, Catarina de. **O Diálogo**. Trad. João Ales Basílio. 2. ed. São Paulo: Paulus. 2021.

SESBOÛÉ, Bernard. **O homem, maravilha de Deus**: Ensaio de antropologia cristológica. Trad. Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulinas, 2021.

SHEEN, Fulton. **O Sacerdote não se pertence**. Trad. Roberto Leal. 2. ed. Molokai: São Paulo, 2020.



SIDEGUM, Pius T. **Configurar-se com Cristo**. Nova Prova: Porto Alegre, 2005.

TABORDA, Francisco. **A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado**. São Paulo: Paulus, 2011.

TANQUEREY, Adolphe. **Compêndio de Teologia ascética e mística**. Trad. Dalton César Zimmermann. Campinas: Ecclesiae, 2018.

TEÓFILO DE ANTIOQUIA. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. In: LITURGIA das Horas. 2. ed. Típica. Petrópolis: Vozes et al., 2000. p. 212-213. v. II. p. cit. 212; A Autólico Lib. 1,2.7: PG 6, 1026-1027.1035.

TERESA, D'Ávila, Santa. **Obras completas**. Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2018.

TOSI, Renzo. **Dicionário de sentenças latinas e gregas**. Trad. Benedetti, Ivone C. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Teses, dissertações, monografias e outros trabalhos acadêmicos: normas para apresentação de documentos científicos**. Curitiba: UFPR, 2007.

VALLE, João Edênio dos Reis. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia espiritualidade**. São Paulo: Paulus 2005.

VANZELLA, José Adalberto. **O Tríplice Múnus de Cristo**. Revista TQ: Teologia em Questão, Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP, Ano XVII, n. 33, p. 12-214, dez. 2018. p. 156. Disponível em: <<https://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/227/189>>. Acesso em 20 jun. 2021.

VELLA, Giancarlo La. **Não há misericórdia sem correção**. L' Osservatore Romano, Vaticano, 9 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2021-06/por-023/nao-ha-misericordia-br-sem-correcao.html>>. Acesso em: 16 jun. 2021. Não paginado.

VINCI, Leonardo da. **Os olhos são a janela da alma e o espelho do mundo**. Disponível em: <<https://www.bonde.com.br/colunistas/os-olhos-sao-a-janela-da-alma-e-o-espelho-do-mundo--136173.html>>. Acesso em: 01 de mar. de 2021. Não paginado.

WOLFF, Elias. **Ecclesia semper reformanda**: reflexões para além dos 500 anos da Reforma Protestante. [et al]. Organizadores. Curitiba: PUCPRESS, 2019.